

A borboleta Cuidamor Ambiental:

Uma pesquisa sociopoética herética
com medicinas indígenas e leitura de
inspiração guarani dos dados de pesquisa



Jacques Gauthier (coordenador)
Augusto Luís Medeiros Amaral
Raquel Ávila Amaral
Natan Araújo
Maria do Rosário da Soledade Gauthier
Yanéé Maudia Stein



Série
Sociopoética



COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores

Lia Machado Fiuza Fialho | Editora-Chefe

José Albio Moreira Sales

José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Conselho Nacional Externo

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil
Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil
José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil
Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil
Rosangela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Internacional

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal
Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América
Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal
Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América
Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha
Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América
Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México
Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França
Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile
Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR – Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR – Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL – Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Luciano Pontes • Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes • Emanuel Angelo da Rocha Fragoso
Francisco Horacio da Silva Frota • Francisco Josênio Camelo Parente • Gisafran Nazareno Mota Jucá
José Ferreira Nunes • Liduina Farias Almeida da Costa • Lucili Grangeiro Cortez • Luiz Cruz Lima
Manfredo Ramos • Marcelo Gurgel Carlos da Silva • Marcony Silva Cunha • Maria do Socorro Ferreira Osterne
Maria Salete Bessa Jorge • Sílvia Maria Nóbrega-Therrien

CONSELHO CONSULTIVO

Antonio Torres Montenegro (UFPE) • Eliane P. Zamith Brito (FGV) • Homero Santiago (USP)
Ieda Maria Alves (USP) • Manuel Domingos Neto (UFF) • Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC)
Maria Lírda Callou de Araújo e Mendonça (UNIFOR) • Pierre Salama (Universidade de Paris VIII)
Romeu Gomes (FIOCRUZ) • Túlio Batista Franco (UFF)

Jacques Gauthier (Coordenador)
Augusto Luís Medeiros Amaral
Raquel Ávila Amaral
Natan Araújo
Maria do Rosário da Soledade Gauthier
Yanéé Maudia Stein

A borboleta Cuidamor Ambiental:

Uma pesquisa sociopoética herética
com medicinas indígenas e leitura de inspiração
guarani dos dados de pesquisa



1ª EDIÇÃO
FORTALEZA | CE
2021

**A BORBOLETA CUIDAMOR AMBIENTAL: UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA
HERÉTICA COM MEDICINAS INDÍGENAS E LEITURA DE INSPIRAÇÃO
GUARANI DOS DADOS DE PESQUISA**

© 2021 *Copyright* by Jacques Gauthier, Augusto Luís Medeiros Amaral,
Raquel Ávila Amaral, Natan Araújo, Maria do Rosário da Soledade Gauthier
e Yanée Maudia Stein

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de
responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da
obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso,
é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – *Campus* do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico e Capa
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

Revisão Vernacular e Normalização
Maria da Conceição de Souza Santos

Catálogo da publicação na Fonte
Bibliotecária – Doris Day Eliano

B726 A borboleta cuidamor ambiental: uma pesquisa sociopoética neré-
tica com medicinas indígenas e leitura de inspiração guarani
dos dados de pesquisa [recurso eletrônico] / Jacques Gau-
thier...[et al]. – Fortaleza: EdUECE, 2021.

248 p. il.

ISBN: 978-85-7826-792-6

[doi: https://doi.org/10.47149/978-85-7826-792-6](https://doi.org/10.47149/978-85-7826-792-6)

1. Pesquisa sociopoética - medicina indígena. 2. Mitos Guarani.
3. Amaral, Augusto Luís Medeiros. 4. Amaral, Raquel Ávila. 5. Araújo,
Natan; 6. Gauthier. 7. Soledade, Maria do Rosário da. 8. Stein,
Yanée Maudia. I. Título

CDD 370

SUMÁRIO

PREFÁCIO • 7

Shara Jane Holanda Costa Adad

APRESENTAÇÃO • 13

Jacques Gauthier

**A BORBOLETA CUIDAMOR AMBIENTAL: UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA HERÉTICA COM
MEDICINAS INDÍGENAS E LEITURA DE INSPIRAÇÃO GUARANI DOS DADOS DE PESQUISA** • 17

Jacques Gauthier

Augusto Luís Medeiros Amaral

Raquel Ávila AmaralMinicurriculo

Natan Araújo

Maria do Rosário da Soledade Gauthier

Yanéé Maudia Stein

O AMBIENTE DE PESQUISA • 19

EXU DA NIGÉRIA • 39

A CORUJA POTIGUARA, PRESENTE DE SANDRA PETIT • 51

EXU E IANSÃ, OBRAS DE TAMIRES CARDOSO • 67

PENA BRANCA, VINDO DE CUBA, PRESENTE DE SEMILLA • 85

METAMORFOSES GUARANI, PRESENTES NUMA BANCA DE DOUTORADO NA UCDB, CAMPO GRANDE · 95

RAJADA DE VENTO VESTIDA DAS CORES DE XANGÔ, OBRA DE UMA COOPERADORA ANÔNIMA NA ECONOMIA SOLIDÁRIA · 127

MONTAGNES TAHITIENNES, GAUGUIN, 1891 · 143

O CACAU, BEBIDA SAGRADA DOS TOLTECAS E MAIAS · 165

CLOWN OU CRIANÇA? · 217

CONCLUSÃO GERAL · 221

AYAHUASCA PLANTA - MARIRI E CHACRONA · 235

PREFÁCIO

SHARA JANE HOLANDA COSTA ADAD

Cientista Social. Doutora em Educação. Professora Associada da Universidade Federal do Piauí. Integra o Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Educação, Diversidades/Diferença e Inclusão e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, na linha Psicologia, Saúde Coletiva e Processos de Subjetivação. Coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas "Educação, Gênero e Cidadania" - NEPEGECI e o Observatório das Juventudes e Violências na Escola - OBJUVE. Atua em temas associados à corpo, às juventudes e às práticas educativas, inventivas e micropolíticas com pesquisas sociopoéticas, cartográficas, etnográficas e narrativas na contemporaneidade.

E-mail: shara_pi@hotmail.com

ORCID: 0000-0001-7711-6325



Fonte: Arquivo pessoal

Teresina, setembro de 2021, em tempos de ipês. Aos borbotões, borboletas de amor encantam e cuidam: é tempo de florescer. Entremos no desassossego dos ventos coloridos.

Em meio a estes tempos, chega-me um convite: Shara, escreve prefácio para meu novo livro? Digo: sim! Olho o título e penso em ipês, borboletas e cuidados de amor. São provocações para um fazer acadêmico outro, ou seriam profanações? O cavoucar das palavras de Jacques Gauthier, no livro **A borboleta cuidamor ambiental – uma pesquisa sociopoética herética com medicinas indígenas e leitura de inspiração Guarani dos dados de pesquisa**, levou-me ao rebuliço de uma encruzilhada. Uma encruzilhada é um encontro de diferentes linhas que se tocam ou se encostam para recarregar suas forças e reinventar novas direções para seus fluxos.

Adentrei as páginas, encontrei-me diante do mistério, a atualidade da Sociopoética pelo seu inventor, outras direções e modulações. Seria um Outrar? Aquilo que se abre para o aprendizado, na humildade, diante da riqueza

do que a/o outra/o tem, sabe fazer e ser, e que nem sabemos nem podemos. Pista valiosa do “Pequeno Mistério” em nós – redução hologramática do mistério maior que, de modo imanente, indica a alteridade em nós, e que, ao tocarmos o infinito na/o outra/o, entre ela/e e nós, conseguimos intuir vulnerabilidades e riquezas, momentos do aprender, pois

tocamos a luz, e não apenas a energia alheia. Aprendemos não apenas a perceber formas novas, antes inimagináveis, e a integrar conteúdos inéditos, mas também, aprendemos comer nosso ego, nossa separação desta/e outra/o. Alimentamos pela nossa devoração e mastigação própria o elo, a teia, a luz. Na vida cotidiana, de maneira bem prática, é uma boa ajuda entender que cada pessoa é uma onda no oceano comum, e funciona como uma onda, com altos e baixos energéticos, com perpétuo movimento, fragmentação, dissolução e renascimento. Isso tira a ilusão da substancialidade do “eu”, do “outro”, do “eu” do outro. Existem apenas elos energéticos, vibrações que se fazem e desfazem, ecoam e desecoam. A conscientização desse fato existencial já é luz, iluminação. Obviamente, as plantas de poder e outras medicinas são as mediadoras e potencializadoras dessa iluminação, além do seu próprio poder de cura – diplomatas do infinito, p. 118-119.

Emaranhei-me nas linhas deste livro. Em vertigem inter/transcultural, lambi as palavras e me embriaguei sob o efeito das heresias do autor e do seu respeito incondicional à dinâmica cognitiva dos povos indígenas, ao convidar a planta-doutora, a Ayahuasca, nos processos da produção dos “dados” da pesquisa e do coeducar-se radical sobre o tema-gerador *Quem é o/a Cuidador/a Ambiental*, desenvolvido em Salvador-BA, no decorrer do ano de 2017. Num movimento ético-estético, pois experiencial, destaco os cuidados

de não “colonizar” a prática ayahuasqueira, diferentemente de muitos agrupamentos que cobrem os ensinamentos

do cipó Mariri e da folha Chacrona que a constituem por dogmas de inspiração cristã ou espírita, p. 7.

E, ainda, o uso do rapé na leitura do material produzido pelo grupo-pesquisador, composto pelo facilitador e por sete copesquisadores. O uso destes dispositivos, Ayahuasca e rapé, associados à produção dos contos russos, criou interações complexas nos momentos de leitura dos “dados” pelos copesquisadores; e, horizontais, quando facilitadores os produziram, nesse ponto foi quebrada a única hierarquia metodológica aceita na Sociopoética. Além disso,

As idas e voltas de questionamentos e respostas entre os/as participantes para que todo mundo se entenda melhor na sua diferença e singularidade, e para que se aprofunde a compreensão do tema estudado, também abriu espaço para intervenções não programadas, p. 4.

Para esta escritura, diante dos cinco princípios dessa abordagem, Gauthier dedicou-se à orientação do que considerava ser prioridade pelos sociopoetas: a valorização das culturas de resistências na produção e leitura dos “dados” da pesquisa, de modo que essas culturas ganhem a dimensão que merecem a ponto de descolonizar a academia ao

decolonizar e contracolonizar a pesquisa, a filosofia e o pensar, na superação do racionalismo e das prepotentes pretensões da eurodescendência que perdeu o sentido da ancestralidade, p. 116.

O cuidado anticolonialista e contracolonial para com as culturas dominadas e de resistência nas suas práticas e na compreensão do que é o cuidar, associando-as a todas as fases da nossa atuação, é de fundamental importância para minimizar as arrogâncias instituídas e abrir nossos corações, p. 9.

Outrossim, para o cuidado de dar passagem às práticas e às vozes dos corações daqueles que se expressam de

outro modo: os invisibilizados, silenciados e de direitos negados, sejam humanos e não humanos, o pensador gesta o confeto e/ou intuitivo Corpo com Coração-vacuidade (CcC-vacuidade), pois o coração é fundamentalmente ligado por fios sutis aos corações dos outros seres do universo. É a fé no coração do outro e na teia cósmica, todos cossurgindo a cada instante! Por isso,

O cuidar das Mães Ancestrais, do Grande Útero da Terra, torna-se nossa responsabilidade matrística, como diz Maturana. O que chamamos de “consciência” inexistente fora do momento iluminado da conscientização dessa Clara Luz, ativa em nós desde sempre, p. 120.

Do lado de cá, acolho seu livro como uma doula – aquela assistente de parto que acompanha, apoia, se apaixona e o indica à leitura, com desejos de que, ao lê-lo, a/o leitora/r também se motive a inventar a si e a mundos outros, pois na Sociopoética cocriamos um umbigo, com placenta

que nos nutre e enraíza nas memórias da ancestralidade, transmutadas em luz: somos o presente, presente. Frente à pressa da eficiência e rentabilidade comemos o Tempo, somos os homens/mulheres lentxs, capoeiristas angoleiros/as de nós, abertos/abertas até a raiz das nossas raízes, até a Vacuidade. Somos o perfume do existir e contamos/cantamos, e dançamos nossas histórias transmutadas em instantes criadores. O perfume é o eu/não-eu, na sua dinâmica colorida até a extinção de qualquer cor. Somos as memórias contadas pelo perfume, macerações de rizomas, flores, e sementes de estrelas. Somos a Criança e a Flor, a Criança-Flor, um florescer, um criar, p. 121.

Borboleta cuidamor ambiental não termina... Invente outros começos!

Shara Jane Holanda Costa Adad
Sociopoeta-CcC-vacuidade



APRESENTAÇÃO

JACQUES GAUTHIER

Doutor em Ciências da Educação, em Paris VIII (França). Filósofo francês e criador da Sociopoética.

E-mail: jacques.jupaty@gmail.com

*A Don Carlos Jesús Castillejos
Cujos ensinamentos nos retiros
O/a Guerreiro/a Jaguar
E Os Cantos do Relâmpago
Permitiram-me ouvir o silêncio.*

 apresentamos aqui a integralidade do processo de pesquisa sociopoética com o tema-gerador *Quem é o/a Cuidador/a Ambiental*, desenvolvido em Salvador – BA, no decorrer do ano de 2017, com um grupo-pesquisador constituído por sete participantes. Esse número é perto do limite inferior para que se possa falar de “grupo”, mas, por outro lado, sua pequenez facilitou múltiplas interações horizontais sem que se criassem complexidades difíceis de dominar intelectualmente. Uma especificidade foi a intensa participação de todos e todas, e o fato de que certos/as copesquisadores/as apresentaram estudos dos dados produzidos durante a pesquisa, estudos que normalmente são da responsabilidade dos/as facilitadores/as da pesquisa. Assim podemos dizer que teve vários/as facilitadores/as. Essa particularidade foi provavelmente induzida pelo dispositivo horizontal instituído, já que o facilitador principal, autor deste texto, participou da produção de dados, o que é uma heresia na sociopoética – e, de fato, quebrou a única hierarquia metodológica aceita nesta abordagem. As idas e voltas de questionamentos

e respostas entre os/as participantes para que todo mundo se entenda melhor na sua diferença e singularidade, e para que se aprofunde a compreensão do tema estudado, também abriram espaço para intervenções não programadas.

A publicação deste processo de pesquisa nos pareceu indispensável, considerando a dificuldade que têm os/as sociopoetas de darem destaque à segunda orientação, *contracolonial*, da Sociopoética: valorizar as culturas dominadas e de resistência na produção e leitura/interpretação dos dados de pesquisa. Ver-se-á que nossa estratégia para que essas culturas tomem a dimensão que merecem para descolonizar a academia envolve vários aspectos:

- O respeito absoluto pela dinâmica cognitiva dos povos indígenas, ao convidarmos a planta-doutora (no duplo sentido de médica e de cientista) Ayahuasca para o processo de produção de dados, assim como pelo rapé, em momentos de leitura dos dados assim produzidos;
- A leitura dos dados em relação à cosmologia Guarani tal como relatada no livro de Pierre Clastres, *A Fala Sagrada*, e diretamente, pelo Pai Gil de Obaluaê, sacerdote da Umbanda num bairro popular de Salvador, o Bairro da Paz;
- O diálogo entre dados da pesquisa e *Les 13 Mères Originelles* (a via iniciática das mulheres ameríndias), livro no qual Jamie Sams expõe aspectos femininos lunares da cosmologia sêneca norte-americana;
- Interações entre nossa pesquisa e *A Queda do Céu*, monumento antropológico em que Davi Kopenawa e Bruce Albert apresentam a cultura de luta atual dos índios Yanomami, principalmente em relação ao cuidar ambiental.

Do lado acadêmico tradicional, experimentamos um trabalho com os conceitos da Gestalt Teoria para seguir os devires do *campo* criado pelo grupo-pesquisador sociopoético, o que, ao que sabemos, nunca foi feito; de maneira mais consolidada, na Sociopoética, andamos com conceitos de Deleuze e Guattari na mão. Enfim, convocamos a pragmática de William James para interrogar o porte cognitivo das mirações (visualizações) trazidas pela Ayahuasca nas nossas consciências ampliadas e intensificadas.

Não podemos deixar de apontar a presença discreta, mas contínua das orientações maia-tolteca e budista do principal autor dessas linhas. Uma participante da pesquisa não respondeu ao nosso pedido de assumir a coautoria desta publicação; logo, ficamos com 6 coautores/as e 7 participantes

Ah. Uma indicação: em lugar de jogar nossas referências escritas para uma bibliografia final, que ninguém lê (a não ser membros de uma banca acadêmica), nós as integramos ao texto, com destaque, pensando na legítima curiosidade do/a leitor/a.

Boa leitura!

A BORBOLETA CUIDAMOR AMBIENTAL: UMA PESQUISA SOCIOPOÉTICA HERÉTICA COM MEDICINAS INDÍGENAS E LEITURA DE INSPIRAÇÃO GUARANI DOS DADOS DE PESQUISA

AUGUSTO LUÍS MEDEIROS AMARAL

Sociólogo, arte-educador e produtor cultural. Doutor e pós-doutor em Educação Ambiental (FURG/PPGEA), com pós-doutorado (Curso Livre) no Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos/LITEB, da Fiocruz (Linha de Pesquisa: CienciArte). Integrante do Grupo de Pesquisa (CNPq) ART ECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosóficas e em 2020 recebeu o Prêmio de Reconhecimento da Cultura Pelotense. Dirige o Grupo de Teatro Interativo em Pelotas/RS, é responsável legal pelo coletivo de base cultural "CRIAR Formação e Desenvolvimento Humano" (Pelotas/RS), selecionado no Edital Ações Culturais das Comunidades 2021, promovido pela Secretaria da Cultura do RS em parceria com a Central Única das Favelas, e é proponente do catálogo digital "Paisagens Culturais: Mapa Visual das Águas de Pelotas" (Procultura 2019/Secretaria Municipal da Cultura de Pelotas). E-mail: augustoamaral@hotmail.com
ORCID: 0000-0003-1708-9438

JACQUES GAUTHIER

Filósofo e cientista político (mestrados), educador intercultural (doutorado), acupunturista tradicional e poeta. Criador da sociopoética. Professor aposentado, participa através de uma pesquisa sociopoética com indígenas Kariri-Xocó e colombianos, do projeto de pesquisa: "Educação intercultural: viver, conviver e gerar vida em plenitude" (CNPq/UFSC). Tem experiência em Teatro do Oprimido e recebeu iniciações no candomblé, no budismo tibetano e na sabedoria maia-tolteca tradicional. Autor ou coautor de mais de 20 livros e 30 artigos, principalmente nas áreas da educação intercultural, da filosofia e da sociopoética. Tenta encontrar interfaces e passagens entre saber e sabedoria, ciência e espiritualidade. E-mail: jacques.jupaty@gmail.com
ORCID: 0000-0003-4776-2574

MARIA DO ROSÁRIO DA SOLEDADE GAUTHIER

Graduada em Arquivologia pela Universidade federal da Bahia. Com especialização em Restauração e Conservação de Documentação e Monumentos Históricos. Participou como palestrante sobre Noções de preservação, conservação e restauração de documentos, e o 3º Conversando sobre a História da Escola Politécnica, Tema Preservação e Conservação, Pós-graduação em Tecnologia da Informação e Inovação, Curso técnico: Programador de Sistema. E-mail: penelope_soledade@hotmail.com

NATAN ARAÚJO

Ayahuasqueiro pela Escola XamAM da XamAM Alba Maria, no Xamainismo da Deusa Mãe e dos 4 elementos. Alquimista das ervas na empresa Bastiana de cosméticos naturais e medicinais.

E-mail: raiovioleta.11@gmail.com

RAQUEL ÁVILA AMARAL

Educadora ambiental (mestrado e doutorado) e bióloga. Atua nas áreas da Arte Educação Ambiental, experimentações estéticas, sensibilização ambiental e processos criativos autogestionados em projetos culturais, projetos de extensão, pesquisa e ações voluntárias. Tem experiência docente na Educação Básica, Ensino Superior e Educação a Distância. Foi facilitadora de diversas oficinas de experimentações estéticas e colaborou na direção e produção de ações artísticas e culturais na FURG e UFPel. Integrante do Grupo de Pesquisa (CNPq) ART ECOS: núcleo de estudos e práticas artísticas ecosófica.

E-mail: raquelavila111@gmail.com

ORCID: 0000-0003-0739-9272

YANÉE FERRARI

Graduada em Sociologia com foco em relações de raça e gênero pela Faculdade Vassar. Curadora de energia pela modalidade do "Sistema Syntara." Apetibi de Ifá.

E-mail: yanee.ferrari@gmail.com

O AMBIENTE DE PESQUISA



*Não se esqueçam de dançar!
Entoem bem, sem se enganar,
Os cantos que Tupã lhes inspirou.
Se não coletarem esses cantos,
Se não tiverem paciência,
Se a perseverança lhes faltar,
Se não tiverem paciência com seu próprio corpo,
Então vocês não adquirirão a força.*

Os Gêmeos Sol e Lua,
Falando na boca do Xamã Soria Guarani,
In: Clastres, 1990, p. 137.

A pós uma noite de improvisações teatrais dos nossos clowns e crianças interiores, realizamos um ritual ayahuasqueiro, e produzimos os dados da pesquisa dentro da força da Planta-Professora e Doutora (ou na intuição da força, no caso de uma copesquisadora que não bebeu a medicina, mas a ofereceu ao Caboclo Pena Branca, com a proteção e inspiração desse caboclo). Já podemos apontar que, para os indígenas, as crianças, com sua alegria, constituem “uma mediação entre os adultos e os deuses” [CLASTRES, Pierre. *A fala sagrada – mitos e cantos sagrados dos índios Guarani*. Campinas: Papirus, 1990, p. 112].

Entre os caboclos, donos da terra, guerreiros e curadores de inspiração indígena, no Candomblé e na Umbanda, Pena Branca é responsável por trabalhos de paz em prol da renovação do planeta e do aperfeiçoamento das pessoas.

É importante apontar que cuidamos de não “colonizar” a prática ayahuasqueira, diferentemente de muitos agrupamentos que cobrem os ensinamentos do cipó Mariri e da folha Chacrona (que constituem a Ayahuasca) por dogmas de inspiração cristã ou espírita. Na sessão de pesquisa, apenas músicas nuas e cantos indígenas acompanharam nosso trabalho de pesquisa (hoje em dia, entre os praticantes de rituais ayahuasqueiros, são mais numerosos os membros de agrupamentos brancos/mestiços da cidade que os indígenas da floresta. Trata-se de um novo processo de colonização pela apropriação cultural das riquezas cognitivas dos indígenas ou, pelo contrário, da penetração, pela própria Planta-Doutora, do mundo urbano “branco” para pacificá-lo, curá-lo e participar, assim, da cura do planeta? A obra de referência para pensar o processo de colonização das medicinas indígenas é **TAUSSIG, Michael. Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura. São Paulo: Paz e Terra, 1993**, em que é ativo o conceito de “imagem dialética” vindo de Walter Benjamin: Para atualizar a visão dialética da apropriação cultural e resistência a essa apropriação, podemos ativar o conceito de crioulização, elaborado por Edouard Glissant, que aponta que, no contato entre várias culturas, dentro e apesar do processo de dominação, aparecem no caos, inclusive, da opressão, criações inesperadas, ricas e imprevisíveis, gerando um pensamento do “tremor” [ver **GLISSANT, Edouard. Philosophie de la relation: poésie em étendue. Paris: Gallimard, 2009**]. Assim, o jazz, a bossa nova... e as egrégoras ayahuasqueiras da cidade, podemos acrescentar. Veremos na nossa pesquisa como o tremor pensou, em nós.

Utilizamos em estado de transe ayahuasqueiro a técnica sociopoética do assim chamado “Conto russo”, ao desenharmos individualmente os 12 momentos da viagem do/a herói/heroína (salvo uma copesquisadora, que não teve condição de desenhar,

ao viver um processo mobilizando todas as suas energias) e ao comentarmos, em seguida, individualmente, cada uma das nossas histórias (inclusive, a que não foi desenhada).

Não pudemos realizar uma análise “na hora” do conjunto dessas histórias, mas três copesquisadores/as tiveram o papel de facilitadores/as, ao estudaram essas histórias e seus comentários “em casa”, evidenciando os PROBLEMAS, um INTUICE-TO, um CONFETO e o PERSONAGEM CONCEITUAL presentes e atuando nesta pesquisa, considerada como sendo a obra de um FILÓSOFO COLETIVO percorrido de tensões, bifurcações e encontros rizomáticos. Na contra-análise, uma copesquisado-
ra identificou um segundo confeto.

**FIQUEM TRANQUILXS, LEITORXS,
TUDO SERÁ DEFINIDO DAQUI A POUCO**

Uma inovação desta pesquisa no mundo sociopoético é o fato de que, graças à informática e contornando a impossibilidade de nos reunirmos várias vezes (dois copesquisadores/as morando no Rio Grande do Sul; uma, nos Estados Unidos; e os/as outros/as, na Bahia), inventamos um jogo de perguntas e respostas para nos entendermos melhor uns com os outros; dentro desse jogo, foi pedido para cada um, cada uma comentar o conto de outro/a, e, por fim, o/a autor/a reagir a esse comentário. Enfatiza-se assim o aspecto horizontal e cooperativo da pesquisa, quebrando até a pequena hierarquia entre facilitadores/as e copesquisadores/as. Empatia, abertura ao outro, amor e compaixão... Muitas são as virtudes cognitivas, éticas e espirituais do dispositivo criado, bem longe das hierarquias ordinariamente instituídas no mundo acadêmico, e bem perto da solidariedade entre os seres vivos que encontramos nas culturas indígenas, donas da Ayahuasca.

Lembraremos, para começar, o que é a Sociopoética como abordagem de pesquisa, cuidar e educação; seus passos; como funciona a técnica de produção de dados chamada de “Conto russo”; o que são os problemas, confetos, intuicetos e personagens conceituais.

A SOCIOPOÉTICA

Conforme enfatizou seu criador, Jacques Gauthier, no livro em que socializou as bases da Sociopoética [GAUTHIER, Jacques. *O Oco do Vento – metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais*. Curitiba: CRV, 2012], esta define um *campo de pesquisa e atuação* nas áreas de ciências humanas e sociais. Numa visão do ser *integrado* (em si próprio, integrando forças e fragilidades, e holisticamente, no ambiente humano e não humano), o dispositivo de *grupo-pesquisador*, inspirado em Paulo Freire e na Análise Institucional (e nos Grupos operativos e abordagens afins) favorece o “trabalho” entre sombra e luz, entre opressão e libertação, pela profunda solidariedade e responsabilidade dos integrantes no decorrer do processo de conhecer, cuidar e aprender. Estamos sempre aprendizes no cuidar, de si, dos outros e do ambiente, e, somente através do agradecimento, da troca e da responsabilidade podemos crescer, grupal e individualmente. Por essa razão, não há receita pronta, que teria somente de ser aplicada com discernimento: cada situação é original, cada coletivo é singular, cada pessoa é única. A criatividade é nossa chave-mestra, que abre portais sempre imprevisíveis antes da instituição do dispositivo.

O cuidado anticolonialista e contracolonial para com as culturas dominadas e de resistência nas suas práticas e na compreensão do que é o cuidar, associando-as a todas as fases da nossa atuação, é de fundamental importância para

minimizar as arrogâncias instituídas e abrir nossos corações, pois temos corações, sexos, pernas, órgãos e vísceras, sentidos e consciências além de cabeças academicamente formatadas. Todos são ferramentas para o conhecer, o cuidar e o aprender. Aprendemos a intuir, a nos mover em ambientes diferenciados, a calar quando necessário, a meditar, a cantar e a dançar nossas vidas.

Daí a possibilidade de nos conectarmos com nosso inconsciente, e expressarmos seus saberes pela mediação de técnicas artísticas. O encontro das nossas noites, das nossas luas e estrelas, e também dos nossos tempos nublados, favorece a conscientização coletiva, a passagem de uma noite para outra, a conjugação das forças e as fragilidades diversificadas dentro do grupo, para melhor entendimento e ampliação da compreensão.

Nessa descoberta coletiva, somos um e múltiplos, temos alianças e podemos ter lucidez em relação aos nossos conflitos (íntimos e entre integrantes do grupo), ao encontrarmos novas maneiras, mais amorosas e criativas, de lidar com os ambientes e cuidar deles.

O *grupo-pesquisador* é o dono da pesquisa, do cuidado e da aprendizagem, em dialogicidade com a comunidade ou a instituição que nos acolhe, a qual tem direito de exigir retornos pela sua disponibilidade. Mas ele é ainda mais que isso: ele é um *Pensador*, um *Filósofo coletivo*, um *Coletivo inteligente* percorrido de afetos pré-individuais e supraindividuais, rizomatizando em ambientes ampliados, conquistando sem prender, recebendo sem depender.

OS PASSOS

Em pesquisas sociopoéticas, utiliza-se uma ou várias *técnicas de produção de dados*, considerando que a prática

nos ensinou que cada técnica favorecia o surgimento de dados de diferentes tipos: por exemplo, não obtemos os mesmos dados com técnicas teatrais, entrevistas, danças ou produções plásticas. De fato, as técnicas estão colocadas a serviço de um *tema-gerador*, uma questão que orienta a pesquisa. No caso, esse tema foi: “Quem é, como é o/a Cuidador Ambiental”. Para cada técnica de produções de dados, os passos são os seguintes:

- A produção de dados, em estado de relaxamento profundo, favorecendo o surgimento de conteúdos inconscientes e flexibilizando as energias corporais, mentais e espirituais dos participantes. No caso, bebemos uma medicina indígena chamada de *Ayahuasca*, que se apresenta na forma de um chá enteógeno composto de dois ingredientes, o *mari-ri* (um cipó) e a *chacrona* (a folha de uma árvore), cuja função tradicional é de curar e ensinar (ela é chamada pelos indígenas da mata amazônica de “Planta-Doutora” ou “Planta Mestra”, e é particularmente utilizada pelos xamãs para proporcionar estados de transe, permitindo “viagens” de identificação e cura das doenças, físicas, mentais e espirituais).

- A análise “na hora” desses dados pelo grupo-pesquisador, os/as facilitadores/as estando presentes somente como questionadores, e não como analistas. No caso, não tivemos condições de realizar esse passo, por sermos em estados muito intensos de ampliação e intensificação de consciência.

- O estudo “em casa” dos mesmos dados pelos/as facilitadores/as, que dispõem do tempo necessário para cruzar os dados, identificar os problemas, confetos e intuicetos, personagens conceituais e eventuais outras produções intelectuais do grupo-pesquisador, considerado como um só filósofo coletivo, ou um só cientista social se autopesquisan-

do, atravessado por fluxos diferenciadores, contradições e convergências, encontros e linhas de fuga etc.

– A “contra-análise”, que acontece quando os/as facilitadores/as restituem esse estudo ao grupo, o qual comenta, valida ou invalida os resultados (chamados de “conclusões hipotéticas”), acrescenta novas perspectivas e criações afetivo-intelectuais.

– Entrevistas individualizadas, a partir de algumas perguntas idealizadas pelos/as facilitadores/as para entender melhor a originalidade dos dados criados por cada um dos/as copesquisadores/as, sua diferença e o aporte específico dentro do grupo, a partir de sua vivência do processo e de sua história de vida (isso diferencia fortemente a Sociopoética de pesquisas sobre o imaginário coletivo e as representações sociais que buscam dominantes e médias, marginalizando as diferenças individuais e as singularidades).

– Uma produção acadêmica, na forma de artigo, livro ou vídeo, a fim de socialização da pesquisa e de seus resultados.

OBSERVAÇÃO

A confecção coletiva de um diário de itinerância pertence ao processo de pesquisa e criação de conhecimentos novos (inspirado na Análise Institucional e na Pesquisa-Ação, o diário de itinerância é alimentado por escritos, colagens, desenhos, sonhos, críticas, poesias... surgindo na mente dos membros do grupo-pesquisador a qualquer momento, e ritualmente socializado em definidos momentos).

Não falamos dos momentos iniciais de negociação com a comunidade ou instituição que acolhe a pesquisa, que respondem aos critérios habituais de respeito e colaboração dos anfitriões. Esses têm direito de pedir um retorno, ou

seja, uma forma de socialização em seu seio em conformidade com suas particularidades (por exemplo, sob a forma de uma encenação, mostra, resumo, material didático etc. do seu interesse). No caso, tratava-se de um *percurso*, ou seja, de um curso de formação de sociopoetas, pelo qual *se aprende a pesquisar pesquisando*, o/a formador/a explicando e explicitando a cada momento sua maneira de proceder.

Uma particularidade desta pesquisa, que não recomendamos em pesquisas ordinárias, foi a participação dos/as facilitadores/as na produção dos dados e do conjunto dos passos consecutivos.

Outra particularidade: o diário de itinerância confundiu-se com a própria pesquisa, pois, como se verá, a dinâmica das perguntas e respostas envolveu muita criatividade poética e filosófica.

O CONTO RUSSO

É uma técnica oriunda do linguista e semiótico russo Vladimir Propp [**PROPP, Vladimir. *Morphologie du conte*. Paris: Seuil, 1970**], que mostrou que os contos tradicionais russos obedecem a um só esquema narrativo, com 12 momentos: um herói ou heroína; um objeto desejado; um lugar onde acontece o conto; um vilão, ou anti-herói, que quer o mesmo objeto ou, por extensão, dificulta a vida do herói; uma proibição (transgredida); a derrota do herói; o surgimento de um doador; o qual dá um objeto; que favorece a vitória do herói; e um aliado imprevisto ajuda o herói; este recebe uma marca; por fim, o conto acaba com uma comemoração.

Como nos contos, o herói, o anti-herói, o doador e o aliado imprevisto podem ser humanos ou não humanos, o objeto e a marca podem ser materiais ou não: a liberdade de imaginação é total. Não é exigido, na adaptação desse esque-

ma narrativo à pesquisa, que a proibição seja transgredida, pode ser ou não: vai depender do querer da imaginação dos participantes.

O interesse dessa técnica na formação de sociopoetas é que ela mostra, com muita evidência, a maneira de realizar “em casa” o estudo dos dados. Seu limite é que dificilmente pode ser aplicada a um grupo-pesquisador numeroso, pois cada copesquisador/a produz 12 dados e as análises se tornam intermináveis, difíceis e cansativas quando tem muitos participantes.

PROBLEMAS, CONFETOS, INTUICETOS E PERSONAGENS CONCEITUAIS

O que chamamos de *problema*, não é um problema existencial (como na expressão: “tenho problemas em casa”, ou “no trabalho”), e, sim, um problema filosófico, geralmente identificável como um paradoxo, um questionamento filosófico, uma dificuldade para o pensamento. Um *confeto* é uma mistura de conceito e afeto, conforme encontramos no pensamento cotidiano (as pesquisas avançadas em neurociências mostram que *sempre* o cérebro associa uma emoção a uma abstração). Um *intuiceto* é uma mistura de intuição e conceito, o que é já muito raro na vida cotidiana, mas que altas filosofias e o próprio dispositivo do grupo-pesquisador favorecem. O personagem conceitual é um “ser” característico de tal ou tal filosofia, conforme sua definição por Deleuze e Guattari [**DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é Filosofia*. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1992**]. Por exemplo, encontramos o Amigo, em Platão; o Investigador, em Hume; o Proletário, em Marx; etc.

UMA ORIENTAÇÃO TEÓRICA?

A Sociopoética não é uma teoria da pesquisa, e, sim, uma abordagem congruente com várias teorias. A dificuldade encontrada por muitos/as sociopoetas iniciantes é precisamente de aceitar abrir mão das suas convicções teóricas. Com efeito, muitas pesquisas acadêmicas são a verificação, em situação de investigação de campo, da pertinência de uma teoria validada pela própria academia na área de atuação do/a pesquisador/a. As pesquisas são bastante endógenas e reprodutoras. Convencemo-nos pela prática, que é, ao contrário, graças à dialogicidade entre mundos cognitivos, sociais e culturais heterogêneos que podemos esperar descobrir aspectos inesperados e instituintes na realidade pesquisada. Isso explica notadamente nossa ancoragem em áreas como a Educação popular ou a Saúde coletiva e, no caso, o uso de formas de conhecimentos oriundas das culturas que foram colonizadas, as culturas indígenas da Mata Atlântica ou Amazônica.

Assim, o/a pesquisador/a, instituindo o dispositivo sociopoético, deve evitar cuidadosamente qualquer projeção de suas convicções teóricas no estudo dos dados produzidos pelos copesquisadores. Ele/a deve ser um grande ouvido, à disposição dos demais membros do grupo-pesquisador (pode ter nesse grupo gente que possui conhecimentos culturais e/ou filosóficos que lhes permitem elaborar teoricamente seus próprios dados, e isso enriquece consideravelmente a desejável heterogeneidade e dialogicidade da pesquisa). Somente após a finalização do trabalho com o grupo-pesquisador, o/a facilitador/a pode, para formatar sua pesquisa segundo os padrões acadêmicos, colocar os problemas, os confetos e intuicetos... em diálogo com as teorias acadêmicas do seu gosto, a fim de as contestar ou de as enriquecer.

Mas percebemos, no decorrer de anos de prática, que teorias filosóficas como a *Esquizoanálise* de Deleuze e Guattari, ou a *Teoria do Pensamento Complexo*, segundo Edgar Morin, e, sem dúvida, algumas outras, ecoam favoravelmente com a abordagem sociopoética, por serem muito mais interrogativas que afirmativas, construtivistas que dogmáticas.

Ao considerarmos duas particularidades da pesquisa aqui apresentada – o fato de que os/as facilitadores/as participaram da produção dos dados e o fato de que a pesquisa tinha por finalidade a formação de pesquisadores, conforme o pedido expresso por um dos participantes antes da instituição do grupo-pesquisador – podemos experimentar, por mera curiosidade intelectual e gosto pelo brincar, sua apresentação a partir de conceitos fundamentais da Gestalt Teoria, o que nunca foi feito no que diz respeito à Sociopoética [proponho como referência FRAZÃO, Lilian; FUKUMITSU, Karina (Org.). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas*. São Paulo: Summus, 2013].

APRESENTAÇÃO GESTALTISTA DA PESQUISA

Um *campo* de interações fenomenológicas foi definido pelas histórias desenhadas e contadas por cada um/a dos/as copesquisadores/as. Para simplificar, coloco apenas o relato dos contos tais como foram narrados pelos participantes, sem que sejam reproduzidos os desenhos (já que por escolha metodológica, não interpretamos, e, sim, descrevemos fenomenologicamente, indo “à coisa mesma”); indicarei os comentários adicionais relativos aos desenhos, quando aconteceram. Cada copesquisador/a escolheu um apelido.

Copesquisadora “Semilla”: *Uma professora quer o amor, para curar, educar com amor (“apesar da história da es-cravidão, internalizada”)* num lugar de fluxos, água e dança.

Mas existe um vilão: o julgamento dos outros e de si mesma (“foi a primeira miração que veio”), e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: a expressão de si, a expansão. A professora é derrotada, na forma de uma punição: um pelourinho com o negro chicoteado – “não posso, como professora, reproduzir o inconsciente introjetado que se aprende através da punição, do castigo”). Mas aparece um doador: a curandeira, a folha, útil no momento de necessidade, que dá a consciência e o amor no educar. Assim se torna a professora vitoriosa, com o perdão (“também comigo acostuada a me autopunir, o que se projeta no educar”). Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: a medicina Ayahuasca, ou seja, a força, a consciência, o foco (“abrir caminhos”). A marca recebida pela professora é maturar (“a planta, a semente” – vulva e espermatozoide, visualizaram demais copesquisadores no desenho), e a comemoração acontece como ambiente acolhedor, a família do coração como suporte que não julga.

Copesquisador “Rajada de Vento” – um homem, na pesquisa sociopoética, pode se sentir mulher (Rajada de Vento é o nome do seu erê de Iansã, orixá da paixão, da alegria de viver, do raio e do vento): Uma onça (foi comentado que no desenho parecia um caranguejo: “ela pega mesmo!”) quer uma estrela num lugar situado em Salvador, a Avenida Paralela. Mas existe um vilão: a grade, a cerca, e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: morder a cerca. A onça é derrotada: há grades e cercas em todo lugar. Mas aparece um doador: a arte (“a onça está olhando um quadro de Gauguin”), que dá a aliança e interação entre os saberes acadêmicos (“representados pela harmonia do número de ouro”) e populares (“representados por indígenas tomando a medicina do rapé”). Assim se torna a onça vitoriosa, com o desenho de uma árvore crescendo, grande, com estrelas nos galhos e raízes de rios (“a grade está como uma ferida na árvore, que se torna

a cada vez menor”). Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: *uma coruja* (“ela está morando na árvore” – foi escrito ao lado do desenho da mesma). A marca recebida pela onça é o olhar estrelado e a comemoração acontece com *uma acadêmica-professora dançando com os indígenas, as crianças, sob o olhar da onça*.

Copesquisador “Águavi va”: *Um passarinho quer o olhar (“ele tem uma estrela no olho”) num lugar muito bom para ele, com tudo o necessário na natureza (“água, montanha, plantas, céu etc.”). Mas existe um vilão: a escuridão, choveu muito, e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: a matança de animais, Exu trabalha com as almas e com seu tridente. O passarinho é derrotado: ele cai num buraco, como sair? (“mas há um sol grande” – comentam outros copesquisadores). Mas aparece um doador: uma concha de ostra com uma pérola azul, que dá um barco para sair (“o copesquisador está no barco, indo buscar o passarinho com a pérola” – comentam outros copesquisadores). Assim se torna o passarinho vitorioso (“ele está ferido, mas em pé”). Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: uma nave, vindo de Vega. A marca recebida pelo passarinho: ele está debaixo da nave, olhando para cima (“chorando de felicidade, com a música fluindo, cantando a liberdade”), e a comemoração acontece com a música na floresta encantada (“e o passarinho percebe que pode voar”).*

Copesquisadora “Belle Fleur”: *Um dragão (“há um grande sol e flores” – apontam outros copesquisadores) quer uma chave (“bem fálica” – aponta um copesquisador), num lugar: uma floresta multicolor. Mas existe um vilão: uma águia que quer pegar o dragão, e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: um labirinto, aonde o dragão não pode ir. O dragão é derrotado: é a floresta, que está caindo e sem cor. Mas aparece um doador: uma borboleta, que dá uma flor. Assim se torna o dragão vitorioso (“a floresta, de novo, está*

muito colorida”). Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: *o próprio coração do dragão*. A marca recebida pelo dragão: *ele está voltando para a casa (“todo é lindo” – é a própria casa da copesquisadora, onde acontece a pesquisa)*, e a comemoração acontece com *a floresta celebrando, e o dragão está feliz*.

Copesquisadora “Jezabel Antiga” – ela não desenhou, ao vivenciar um processo muito intenso, mas contou o seguinte: *Eu, quero “ainda não sei, mas há uma chama da forte”, num lugar: o mato, aqui onde acontece a pesquisa. Mas existe um vilão: Eu também (“na minha insegurança, lutando comigo mesma e com meus pensamentos alienados”), e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: me expressar, com o corpo travado (“sempre ouvi: Não pode, não pode falar, pintar...”)*. Eu sou derrotada: *é o barulho, eu gritando nesta sessão de pesquisa, lutando contra mi mesma*. Mas aparece um doador: *a própria Semilla, cuidando de mim na sessão, que dá o amor*. Assim me torno vitoriosa (*“senti que estava presa e fui a outro lugar, recebendo entidades e deixando a expressão fluir*). Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: *Iansã (“que me protege na vida e neste processo”)*. A marca recebida por mim: *o canto de meu útero, uma música, e a comemoração acontece com este momento de compartilhamento entre nós*.

Copesquisador “Guzito metamorfoseando-se”: *Uma mão (“a ação, o fazer acontecer”), quer uma espada de luz, num lugar: o planeta Terra*. Mas existe um vilão: *uma ilha (“o isolamento, a solidão”)*, e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: *o olho gordo*. A mão é derrotada: *é a limitação das três dimensões, o instituído*. Mas aparece um doador: *a ventania, a tempestade, que dá um nariz de clown*. Assim se tornou vitoriosa a mão: *é a vida integrada, com a natureza, o ser humano, o sol, as plantas...* Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: *o coração, o amor, a sensibilidade, a emoção*. A marca recebida pela mão é *um raio, e a comemo-*

ração acontece como *multiplicidade, diversidade e diferença*.

Copesquisadora “Pérola Azul”: *Uma imagem abstrata, onde não tem bem nem mal (“vemos uma mulher grávida, com a lua” – apontam outros copesquisadores), quer algo duro, pontiagudo, selvagem e dolorido (“minha tese de doutorado em curso”), num lugar: o invisível, o caos, o nada, a desconstrução. Mas existe um vilão: um homem, o macho genérico, e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: um clown monstruoso, desconstruído. A imagem abstrata é derrotada: um sol rosé, fraco, opaco. Mas aparece um doador: uma árvore com uma flor (“vemos seios, e um bebê com o cordão umbilical” – colocam outros copesquisadores), que dá um copinho de Ayahuasca, a folha (“me integrei, doei o copo para o caboclo Pena Branca”). Assim se tornou vitoriosa a imagem abstrata: um coração. Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: a estrela dentro do sol e o sol dentro da nuvem (“visualizei o copesquisador Águavi va”). A marca recebida pela imagem abstrata: uma mão-árvore, uma benção do Índio, das energias no processo (“com meu medo de não ser o momento de eu beber a medicina”), e a comemoração: uma forma pontiaguda, mas com sóis, coroas, coisas redondas e alegria (“um chapéu de bobo da corte” – comenta um copesquisador).*

NOTAS EXPLICATIVAS: EM REFERÊNCIA AO TEMA DA CURA, O QUE É UM ERÊ, UM CABOCLO, UM ORIXÁ?

- 1) “Erê” não tem nada a ver com “Ibeji”, os gêmeos crianças com os quais ele é frequentemente confundido (sincretizados com os santos católicos curadores Cosme e Damião na Umbanda). Todos os orixás (salvo Tempo no candomblé Angola) possuem uma forma “criança”, que faz o que o orixá não faz: ele come comida humana, as frutas e ba-

las de que gostam muito as crianças... (diferentemente do orixá, não apenas o cheiro da comida). Não se brinca com uma promessa feita a um Erê, seja apenas de lhe dar uma fruta na próxima festa. O Erê fala (muito), brinca, bagunça, ri-se de nós, ensina, resolve muitas coisas para nós com amor e nos chama de pai ou mãe. Diferentemente, os Ibejis são figuras da fecundidade, da continuidade da vida. Eles nos ensinam que toda coisa tem dois lados, que a Justiça manda para que consideremos esses dois lados. Eles simbolizam a unidade dentro da dualidade. Eles podem desfazer o que um orixá fez, mas nenhum orixá pode desfazer o que fizeram. Por isso são venerados tanto como os próprios orixás.

O reino de Oyó estava em festa: gêmeos nasceram de Xangô e Iansã. Mas uma epidemia tirou a vida de um deles. Iansã gritou de dor e foi à floresta, reverenciou a árvore sagrada Baobá e esculpiu uma imagem do filho falecido. Voltou à casa falando à imagem. Chegaram borboletas cor do sol e cor do amor, e a estátua se animou. O povo, com os pais, festejou a ressurreição do menino [Fonte: SANTOS, Edsoleda. **Ibejis. Salvador: Solisluna, 2011**].

- 2) Os caboclos são as figuras como os africanos deportados no Brasil representavam espiritualmente os indígenas. Curadores, guerreiros e caçadores, amantes do tabaco e grandes conhecedores das plantas. Nos terreiros, eles falam aos fiéis e fazem consultas médicas. Eles possuem mais importância nos terreiros ditos de nação Angola, provavelmente porque, na civilização banta, os an-

cestrais já eram cultuados pelos mais velhos, líderes das famílias, como possuindo poderes de cura das doenças do grupo (desarmonia) e das pessoas. Ganharam na Umbanda um papel de destaque, na continuação do fato de que ela nasceu no início do século 20, de uma cisão do espiritismo provocada pelo Caboclo Sete Encruzilhadas (que disse ter sido um indígena em outra encarnação) incorporado pelo jovem médium Zélio Fernandino de Moraes e cobrando a falta da realidade brasileira negra e indígena nas sessões espíritas.

- 3) Os orixás são, na origem, a personificação das energias da Natureza e dos processos naturais, tais como o vento, as águas do rio ou do mar, o trovão, a terra, o parto, a morte, a doença e a cura etc. São “ventos sagrados”, energias espirituais de luz. Na civilização Iorubá, fortemente urbanizada em cidades-estados, eles tomaram a forma de reis, rainhas, donos de profissões e confrarias, tais como os ferreiros, os caçadores, as parteiras etc. Além disso, eles expressam virtudes e potências, como a Justiça, o Amor materno, a Agressividade guerreira, a Fecundidade, a Fertilidade etc. Cada cidade cultuava seu orixá padroeiro, cujo rei era considerado descendente do orixá. Os fieis do Candomblé buscam, após a iniciação, que é um renascimento espiritual, o fortalecimento das qualidades do orixá que fechou sua cabeça no momento do seu nascimento físico, assim como o equilíbrio e o domínio espiritual dessas qualidades. Por exemplo, quem “é de Xangô”, chamado no caso de “pai”, aprende, na convivência do terreiro e sob o cuidado do “Pai”

ou da “Mãe de santo”, a ser justo/a e lutar contra as opressões, sem, no entanto, deixar-se levar pela ira, face escura do orixá quando sua energia não fica no controle. Esse aprendizado se faz no dia a dia das numerosas práticas espirituais, das quais se destacam as oferendas de comida aos orixás (“Te dou, alimento suas energias para você me dar de troca, alimentando minhas energias de saúde, prosperidade, paz e amor...”). Igualmente, nos momentos de transe, quando o/a filho/a de santo recebe seu orixá, faz-se subliminarmente a aprendizagem. Os Ogans e Ekedes, que não entram em transe, não recebem o orixá por já o terem incorporado desde o nascimento físico (no caso, a iniciação é apenas uma “confirmação”, mais breve), são chamados de pais e mães pelos filhos e filhas de santo, mas diferentemente deles/as, não podem se tornar sacerdotes de um terreiro.

Exu é um orixá especial, porque existe sob duas formas: cada orixá possui seu Exu que lhe permite se relacionar com os humanos. O próprio Exu é um dos mais velhos orixás, princípio das potências criadoras e iniciadoras, entre as quais, a sexualidade, o que lhe valeu a sua assimilação ao diabo pelos missionários cristãos. Como orixá, ele é muito perto dos afetos humanos e age como mediador entre os humanos e os demais orixás.



EXU DA NIGÉRIA



Ao examinarmos, conforme a Gestalt Teoria, as zonas de contato ou de evitamento do contato, destacamos o seguinte:

- **Dentro do grupo-pesquisador**, a professora de Semilla comemora a vitória e a aliança entre saberes acadêmicos e populares sob o olhar da onça de Rajada de Vento. Essa onça conseguiu o olhar estrelado do passarinho de Águavi va, que parece morar no mesmo lugar encantado que Belle Fleur, e celebrar aí sua vitória. A professora de Semilla e Jezabel Antiga vivenciam a mesma história, e Semilla vem curando Jezabel Antiga, enquanto Pérola Azul encontra como aliado Águavi va. As marcas de Semilla mexem com uma energia ao mesmo tempo sexual e espiritual, energia igualmente sugerida nos contos das duas outras mulheres do grupo-pesquisador, Belle Fleur e Pérola Azul. Encontram-se muito os temas dos limites, das barreiras, do isolamento, da punição, do silenciamento e do castigo, com ênfase dada seja no machismo, seja no racismo colonial, seja no capitalismo consumista, seja na instituição acadêmica. O coração e o amor estão muito presentes, assim como flores e folhas, o que não é surpreendente, pois a Ayahuasca favorece a expansão do amor e a gratidão. É notável que não há separação entre o cuidar de si, de um lado; e o cuidar do outro e do ambiente, de outro lado.

Uma forma de empatia amorosa circula entre os sete pesquisadores – o que não é para surpreender, já que são amigos e amigas na vida, e considerando a expansão de consciência proporcionada pela Ayahuasca: a expansão de consciência

é amorosa. Daí, podemos afirmar agora que o/a cuidador/a ambiental, tema-gerador da pesquisa, emana o “Cuidamor”.

A *Borboleta* de Belle Fleur simboliza os processos de transformação que acontecem nos diversos contos, e podemos escolhê-la como “identidade” do/a cuidador/a ambiental, mestre/a do *Cuidamor*. Ela é no candomblê uma das metamorfoses de Iansã, presente como aliada inesperada de Jezabel Antiga, na ventania e no raio de Guzito metamorfoseando-se, assim como no nome de um dos copesquisadores: “Rajada de Vento” (nome de um erê – forma criança – de Iansã). De maneira mais geral, Iansã é igualmente conhecida sob o nome de Oyá, que significa “Ela rasgou” (no mito, Iansã, enquanto jovem virgem, rasgou um pano preto que se transformou em águas negras, tornando invisível e protegendo assim o reino do seu pai, o rei do povo africano Nupe, ameaçado de invasão). Isso simboliza exatamente o conjunto dos contos, que dizem a desconstrução dos saberes e das certezas, rumo a metamorfoses e outros tipos de conhecimentos e ações. Nos nossos contos, deixamos agir o invisível e conscientizamo-nos dele, rumo à mudança, à metamorfose ou transmutação, ou ainda, voltando à ordem ameaçada.

- **Entre o mundo interno e o mundo afora**, vamos caracterizar a diversidade dos momentos dos contos criados por *diversas* pessoas; buscaremos as figuras que se destacam e se transformam, de um/a copesquisador/a para outro/a:
 - a) Os heróis e as heroínas e seus adversários, os “vilões”: *os heróis são as próprias pessoas, tais como são ou imaginam ser, mais ou menos definidos; o adversário pode ser interno, pode ser um lugar impedindo uma vida feliz ou a impossibilidade de se relacionar e ser o que se é, pode ser um adversário*

externo, ou ainda, a divisão e a hierarquização que fecham as possibilidades e as potencialidades abertas na indeterminação originária.

Em todos os casos, o que ameaça o/a cuidador/a ambiental é que eles sejam cortados, que a expressão plena de si e os deslocamentos sejam impossibilitados e reprimidos. Precisamos de pluralidade e diversidade de relacionamentos, dentro de nós e fora de nós, para podermos pensar, amar e agir. As figuras são, a depender do/a copesquisador/a, um ambiente, a própria pessoa ou um outro ser. O dispositivo do grupo-pesquisador, na escuta sensível do outro, permite que se transformem seres e ambientes uns nos outros, problematizando, de maneira inesperada e diferente, nossa percepção das nossas feridas: será que o que coloco no ambiente ou no outro não está prioritariamente em mim? Ou será que o que coloco em mim não vem do ambiente ou da atuação de outros seres? Assim, vão trocando de aspecto figura e fundo, abrindo novas maneiras de perceber o mundo, e, com elas, possibilidades de inventar respostas criativas às situações dolorosas. Trata-se, realmente, de uma ampliação da visão.

- b) Os objetos desejados: *instrumentos de luta, de ação ou de passagem, ou característica ampliando a visão, e até, dificuldade ou coisa indeterminada.*

Aprendemos uns de outros: podemos transformar uma dificuldade em arma, ou escolher passar nela, ou ampliar nossa percepção dessa dificuldade. Podemos aprender a conjugar vários estilos de enfrentar as dificuldades, questionando-nos sobre sua pertinência relativa a cada situação.

c) Os lugares e a comemoração: *a comemoração restaura a ordem boa que foi perturbada, ou permite o melhoramento do objeto, ou, ainda, cria um lugar que permite a troca e a ampliação diante do fechamento.*

Existem escolhas que não necessariamente se excluem mutuamente. Posso me firmar numa tradição segura e, ao mesmo tempo, criar um espaço novo para atuar com alegria e êxito, ao modificar ou afinar melhor minha percepção do meu objeto de desejo.

d) As proibições, que podem ou não ser transgredidas: *expressar o que se é realmente, ou lugares de inveja e até de morte, ou ainda um devir monstruoso.*

O perigo pode ter sido internalizado, ou ficar presente, mas distanciado. Isso é uma zona fronteira onde não se sabe bem o que é exterior e interior, pois o distanciamento e a internalização totais só existem em condutas psicóticas. Encontrar a boa distância na interface entre mim e o perigo é um processo difícil, que é um componente da maturação.

e) As derrotas: *são sofrimentos, por causas internas ou externas, perdas de energia e autonomia, de vitalidade.*

Sempre encontramos a necessidade de ligações flexíveis e dinâmicas entre o exterior e o interior que possam garantir a autonomia e a integração do ser.

f) Os doadores e os objetos doados: *são seres da natureza, ou até um ser humano, dando coisas ou afetos com poder de transitar ou transmutar; ou a arte, dando poder de relacionar e aliar.*

Sempre a cura se faz pela possibilidade de se deslocar ou mudar, ao ampliar e diversificar os sistemas de relações, a diversidade da nossa inserção no mundo. A natureza tem

papel de destaque por oferecer os encantos da sua complexidade e mutabilidade.

- g) As vitórias: *sempre elas relacionam-se a processos de cura, na espiritualidade e na integração na natureza.*

Provavelmente, a eficiência da Planta-Doutora Ayahuasca tem a ver com nossas vitórias: alguns/algumas podem destacar a natureza; outros/as, a espiritualidade. Mas ambas as trabalham juntas.

- h) Os aliados inesperados: *podem ser interiores ou exteriores, ou transitando entre o interior e o exterior da pessoa.*

Encontramos de novo o tema da flexibilidade das fronteiras entre exterior e interior: o aliado inesperado está em mim como está fora de mim.

- i) As marcas recebidas: *um amadurecimento, uma alegria, uma transmutação, um retorno, uma energia nova que cura.*

Cada um/a de nós destacou mais uma figura preferencialmente a outra nesse momento da pesquisa, e no momento de cada um/a. Mas provavelmente todas as marcas estão interligadas, suas formas mais visíveis mudando a depender das circunstâncias e do momento.

Podemos concluir, ao enfatizarmos o aspecto *cuidador* e *curador* desta pesquisa sociopoética como toda pesquisa sociopoética em geral: a presença atenta de cada um/a de nós e sua escuta amorosa para com os/as outros/as favorecem a percepção de outras maneiras de perceber o mundo e estar presente nele. Estamos, por contrato, num processo de pesquisa, e não de cura psíquica ou espiritual, portanto,

não há de se insistir sobre esse aspecto. Cabe apenas dizer que, ao ouvir e sentir o outro, posso entrar num processo de completar *Gestalten* que em mim ficaram suficientemente inacabadas para criarem sofrimentos, visões unilaterais e consciência estreita.

É a partir dessa descrição do material que os/as facilitadores/as realizam o estudo “em casa”, tentando identificar problemas, confetos, intuíctos e personagem conceitual. Com apenas sete participantes, já se percebe a complexidade da tarefa! Sempre encontramos duas técnicas principais de leitura dos dados: uma, analítica, enfatiza as diferenças e oposições entre os dados produzidos pelos/as diferentes copesquisadores/as; a outra, pelo contrário, relaciona o que a análise separou, criando elos entre posições aparentemente incompatíveis.

O estudo dos dados, realizado “em casa”, como dizem os sociopoetas – de fato, na mata e com o apoio do rapé (medicina indígena), pelo facilitador principal autor deste livro, na busca de problemas filosóficos, intuíctos, conceitos e de uma personagem conceitual

Estudamos separadamente cada momento da história, observando como cada desenho-fala se aproximava ou se diferenciava dos outros, e começamos caracterizando os momentos com mais semelhanças entre os desenhos-falas dos/as copesquisadores/as, para irmos até os mais diversificados e diferenciados.

Assim, conseguimos identificar cinco problemas filosóficos presentes no grupo-pesquisador no momento da produção dos dados:

1) O problema do positivo e do negativo (os assim chamados “bom” e “ruim”) no fazer e no dizer (na expressão)

do/a cuidador/a ambiental, por causa da internalização das repressões oriundas da escravidão e do capitalismo, assim como da instituição acadêmica.

- 2) A exigência de estar ao mesmo tempo dentro e fora da situação vivenciada, por causa dos limites institucionais das nossas práticas.
- 3) A questão do espiritual-cósmico e do humano (físico e psíquico), considerando que nossa tarefa é ligar o que está dentro de nós e o que está no Universo.
- 4) A tensão entre o velado e o presente, o visível, que se manifesta em fenômenos de sincronicidade (a qual é signo, injunção e mistério). *Essa questão foi fortemente levantada por causa da chegada inesperada na casa onde fizemos a pesquisa da “Aliada” afrodescendente Sandra Petit, sociopoeta e criadora da Pretagogia – definida como pensamento de “pertencimento afro dentro da ancestralidade africana [...] como parte do nosso convívio diário” [PETIT, Sandra Haydée. Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Africana na Formação de Professoras e Professores. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 176], dando de presente ao dono da casa e principal facilitador da pesquisa uma Coruja indígena Potiguara de madeira muito parecida com a Coruja que ele desenhou no momento do “Aliado inesperado” da sua história.*
- 5) A exigência da reciprocidade entre dar e receber na cura de si, e, também, do planeta.

Na força da Ayahuasca foi igualmente criado um intuiceto (mistura de intuição e conceito). A expansão da

consciência providenciada pela Planta-Professora parece acontecer com mais intensidade enquanto “rizomatizamos”, como dizem Deleuze e Guattari [DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mille Plateaux. Paris: Minuit, 1980], grupalmente. Rizomatizar, criar rizomas, é pensar e agir como faria, por exemplo, um inhame, ao conectar áreas heterogêneas (o rizoma opõe-se à árvore como modelo cognitivo habitual em que se hierarquiza e divide em gêneros, espécies etc., ficando num certo grau de homogeneidade). O dispositivo do grupo-pesquisador favorece a criação rizomática de problemas, confetos e intuitetos, pois com ele se cria um intelectual coletivo que ignora as fronteiras. No caso, as falas registradas são as seguintes:

“Na minha experiência, nos meus saberes mais básicos e certos, mais inquestionáveis – tanto eles fazem corpo comigo – vem se revelando aos poucos, no decorrer da minha caminhada, o velado que não imaginava neles.

Daí nossa responsabilidade de criar dispositivos de reciprocidade que tornem presente e efetivo o que estava velado.

Essa prática nossa chama a sincronicidade (a Coruja)”.

Como chamar esse intuiteto? *Como facilitador, propus ao grupo-pesquisador, para contra-análise, este rizoma: “Revelação progressiva do velado em mim pela desconstrução do mais seguro e pela minha responsabilização no coletivo rumo à criação de dispositivos instituintes de reciprocidade, criadores de sincronicidades”.*

Na força da Ayahuasca, foi criado igualmente um rizoma-confeto (mistura de conceito e afeto). Eis as falas:

“Existe uma tensão que se resolve em vários portais espaço-temporais qualitativamente diferentes (do mais grosso ao mais refinado, abertos em momentos diferentes

e progressivos), entre a harmonia transcultural presente na natureza, com seu poder de harmonização dos seres, e o processo de varredura-limpeza interna que fazemos na nossa caminhada.

Assim se desenvolve a “Cultura da Paz”, relacionando o espiritual com o político.

Na Sociopoética, os/as facilitadores/as são como “xamãs”, e o grupo-pesquisador é um filósofo coletivo instituinte, que constrói de maneira quase mágica um pensamento feito de diferenças quase conflituosas e incompatíveis”.

Como chamar esse Confeto? Propus este rizoma: “Portais transculturais de subtilização, purificação e harmonização instituintes a partir das tensões e dos conflitos externos e internos”.

Os leitores e as leitoras podem interrogar-se sobre a diferenciação entre *intuiceto* e *confeto*. Realmente, no primeiro caso, foi mais a intuição que os afetos que foram mobilizados. O produto cognitivo dessa atividade não se deixa analisar passo a passo: ele possui a forma de um *insight*.

O Personagem conceitual que se expressa por meio do nosso grupo-pesquisador é a Coruja. Refletimos juntos acerca do que nos aconteceu e concordamos sobre o seguinte:

“Existe uma sincronicidade dentro de durações (no sentido de Bergson) heterogêneas, diferenciadas e diferenciadoras.

A Coruja aponta para o conhecimento oculto, velado, que está dentro da nossa Estrela-Olhar-Coração e, até, Sol. É como a noite dentro de nós, do dia, como a estrela ou a lua dentro do sol.

Assim, a Educação e o Cuidar ambientais são momentos de desconstrução e destruição do instituído, a partir da

Ancestralidade negríndia, simbolizada pela Coruja pretoga, filósofa e sociopoeta”.

Como chamar esse Personagem conceitual? *Propomos, juntos: “A Coruja da ancestralidade negríndia, mediadora de sincronicidades, a partir de durações heterogêneas, por desvelar os segredos da noite dentro de nós e estrelar nosso olhar, assim como tornar um sol nosso coração”. Essa personagem é a autora da pesquisa, ela pensou nosso tremor coletivo.*



**A CORUJA POTIGUARA,
PRESENTE DE SANDRA PETIT**



Realizamos várias sessões de contra-análise, pois não foi possível juntar o grupo-pesquisador inteiro numa só sessão.

Eis o resultado desse processo de contra-análise (é bom reler aqui, a cada vez, o problema, intuitivo, confeto e personagem conceitual de referência, p.45-49):

Problema 1 = Como superar a dualidade da terceira dimensão (matéria)? Saber dançar em todos os mares, consciente de que o novo pode brotar em meio ao caos. *Dançando, a gente é ativa e se apropria essa dualidade, para transmutá-la nos nossos corpos. A dança ativa outros níveis de consciência; além da terceira dimensão, podemos perceber e sentir, até estarmos dançados mais que dançando. O dançar é um fluxo, como também as marés. Parece uma particularidade baiana (pelo menos nas comunidades visitadas por Guzito metamorfoseando-se e Pérola Azul: Ecovila da Mata, Terra Mirim e Casa de Rajada de Vento e Belle Fleur, assim como no simpósio da UNEB sobre “Educação, Representações Sociais e Subjetividade”) a integração da espiritualidade no cuidar ambiental (assim como o fato de os/as afrodescendentes andarem aqui de cabeça erguida, enquanto no Rio Grande do Sul os seus corpos parecem mais submissos).*

As estruturas patriarcais dessa dicotomização entre Bem e Mal e a organização das estruturas de poder (na universidade, como em outros lugares) participam da nossa dificuldade de nos orientarmos dentro desses valores impostos e de expressarmos nosso potencial – e, ainda pior, de sermos criativos. Há de se convocar a polaridade feminina para mudar as coisas e encontrar, no momento certo, nossa criatividade. Águavi va, como Aliado inesperado no Conto de Pérola Azul, é, na vida “real” (mas o que é a vida real?), um transgressor da ordem instituída, um trans-homem; e ele transgride de maneira doce, não agressiva – é bem o sím-

bolo de Águavi va que designa *A Estrela dentro do Sol dentro da Nuvem*. A transformação não é para chegar a mais uma forma fixa e permanente, mas para se dissolver em impermanência. O caos de antes do positivo e negativo é um caos de fluências indeterminadas e fecundas. A permanência já é efeito de um engessamento que sempre há de desconstruir para manter o equilíbrio das polaridades.

Problema 2 = Identificar esses limites (*Lucidez*). *Aqui existe o livro aberto da Natureza, e as pessoas têm essa tradição, sem precisar de aulas acadêmicas: a própria experiência da vida, dentro das culturas populares. Aqui na Bahia, parece mais fácil vencer as dificuldades que na “Casa do Caminho”, em Pelotas. Lá, muita luta, perseverança... Aqui, as coisas são mais leves, como se a espiritualidade fosse difusa em todos lugares, criando aberturas, portais para superar os obstáculos (mas pode-se generalizar à Bahia toda aquilo que se pratica em comunidades alternativas de luta ecoambiental, com resgate das ancestralidades? Existe outra coisa: Ecovila e Terra Mirim não se resumem à mera expressão de culturas populares tradicionais, aqui tem a vontade de transformar a realidade que existe no contexto atual, com busca da ancestralidade, enquanto nas culturas populares essa ancestralidade já está presente no fazer, no saber etc. Ela é, e não é, o objeto de uma busca). Os negros vão mais de cabeça erguida aqui nas ruas (na Bahia, a grande maioria da população é negra, os negros/as podem se sentir em casa, apesar do racismo), lá se sente a opressão nos corpos, no andar. O corpo é um lugar de memória, e a libertação dos engessamentos físicos e mentais (“O patrão manda e obedecemos”) é um processo muito demorado. Aqui, para dançar é só se jogar no fluxo dessa energia que já está circulando no ambiente (relação corpo-ambiente como resposta à repressão da escravidão – lembrando o samba de roda e a origem*

da capoeira). Os limites são as regras, as normas, os padrões dentro de instituições. A própria criação cultural negra significa o estabelecimento de regras – bastante rígidas, também por necessidade de conservação – que não são do colonizador, protegendo-se delas. É a resistência. Isso é bom para pensar a relação entre culturas populares – em que os sentidos corporais, ligados à presença integrada da Natureza e dos espíritos, elementais, orixás... está fortemente envolvida) – e a academia. Também, mesmo se eles se encontram, os projetos ambientais das culturas populares afrodescendentes ou indígenas são diferentes dos projetos, tais como encontramos nos movimentos ecoambientais contemporâneos (na Bahia, Terra Mirim, Ecovilla da Mata, Casa do Caminho...).

Problema 3 = É lembrar da ilusão da separatividade. O/a cuidador/a ambiental é um/a catalisador/a dessa não separatividade, portanto, da quebra da ilusão, portanto, ele/a é um/a facilitador/a da emergência da lucidez holística. Cuidar de mim, do outro, do mundo é mesmo um gesto. Eliminar a separação nas nossas práticas, e também nas nossas falas. Por exemplo, a consciência das pedras é difícil de ser percebida, porque obedece a tempos geológicos. Se eu vivesse nesse outro tempo, não entenderia a consciência da pedra? Aí vêm os níveis de consciência, com vários potencializadores (medicinas indígenas, meditação, dança, clown...). É a questão da vacuidade, do devir-vacuidade. É o trabalho de limpeza também, em relação aos conceitos enraizados nas nossas mentes, que as medecinas realizam – no caso, indígenas. Falamos de uma ecologia profunda – nunca teve separatividade entre o ambiente exterior e o ser íntimo nas ecologias afro e indígena (intimidade sempre presente entre os seres da natureza e minhas energias íntimas, na condição de não colocar palavras, conceitualizar, explicar, mas deixar o silêncio fluir e realizar espontaneamente seu tra-

balho de integração). Talvez estejamos já além do tempo e do espaço, em outros tipos de percepção, com outras conexões, que são espirituais e chamam para a sincronicidade: acesso à consciência dos elementais, minerais, animais, vegetais, seres espirituais... Presença total no aqui e agora, pois, também, dentro do aqui e agora há todas as relações tecidas entre os seres presentes, holisticamente.

Problema 4 = Fluxos. O movimento das coisas, os movimentos se cruzam, conectam-se, desconectam-se e se reconectam... *O/a Cuidador/a ambiental sociopoeta cria dispositivos, jeitos de ser... que favorecem a expressão do velado, dos mistérios da Natureza, do Inconsciente. Tem que inventar esse tipo de prática, que é desveladora e analisadora (no sentido da Análise Institucional): a) Desvelar os limites do instituído, principalmente ao ligar intimamente o emocional e o racional; b) Tornar visíveis os portais espirituais – pelo menos, para si; acessar e criar dispositivos através dos quais as pessoas possam fazer, praticar, entrar nesses portais. Tem tudo a inventar. Esse aspecto emocional-experiencial deixa muito mais marcas de que aulas expositivas ou pesquisas bibliográficas... Ver o conceito de “produção maquínica” em Deleuze-Guattari, ou a “Criança experimentadora dos elementos” em Freinet [FREINET, Célestin: *Ensaio de psicologia sensível*. São Paulo: Martins Fontes, 2020].*

Não se esquecer de que a Coruja, que apareceu de maneira síncrona no Aliado inesperado de Rajada de Vento; no presente indígena Potiguara, de Sandra; e, depois, na forma de uma miração de Pérola Azul com a Santa Maria (uma mulher de todas as idades morando no céu disse que ela não precisava vir, mas virá, quer vir), ao mesmo tempo é símbolo das Iá Mi (ver infra), da Filosofia (Rajada de Vento é filósofo) e do Curso de Educação Ambiental da FURG, onde Pérola Azul e Guzito

metamorfoseando-se desenvolvem suas pesquisas. E o poder que foi tomado pelos homens das Mães Ancestrais será restituído a esse espírito do feminino sem idade ou que tem todas as idades – inclusive, a idade das pedras. Aí está a fecundidade, a gestação e a criação (Pérola Azul sentiu isso com força).

Problema 5 = Não se deve ter exigência. Estabelecer uma relação de trocas, reciprocidade, mas de forma espontânea, natural e abundante. OM GANATAYE NAMAHA (mantra de Ganesha na mitologia hindu, que traz abundância, fartura, abre os caminhos, vence os obstáculos mentais e os apegos). *No dispositivo educacional, tornam-se inúteis os preceitos éticos de troca e reciprocidade ensinados racionalmente como regras morais a serem respeitadas, porque através da multiplicidade dos fluxos (dança, entrega, doação abundante, integração na natureza e na comunidade...) isso acontece de maneira leve e espontânea: a gente acessa ao fluxo holístico, entra nos portais, e descobre outras dimensões. Vai se tornar uma exigência quando já estamos presos em redes de poder de uma instituição fechada – o que, precisamente, a Sociopoética desconstrói.*

O intuitivo = Quanto mais nos aprofundamos no autoconhecimento, mais nos damos conta das energias invisíveis que estão aqui para nos auxiliar e tornar o processo de cura e aprendizado o mais fluido possível. *O fluxo é um dispositivo instituinte; para mergulhar nesse fluxo – mergulho que abre espaço e tempo para que essas energias sempre presentes, mas veladas, se expressem – há de se abrir mão dos territórios seguros, das verdades incontestáveis: é muita desestabilização, limpeza e cura. De fato, é o trabalho normal da Ayahuasca em nós. Semilla precisou de todo o processo para descobrir quem era a heroína do conto (começou com o vilão). Isso aponta para a maneira de a medicina desvelar, tornar consciente e, às vezes*

(nem sempre), integrar as energias presentes, principalmente dentro de nós.

“Guzito entra em cena e pega um dos palitos. Olha atentamente para ele, bem de perto. De cima para baixo, como se procurasse enxergar além do visível. Pega o palito pelas extremidades e levanta-o. Depois o deixa cair. Então, o palito se transforma, virando um taco de bilhar, e uma pequena semente que se encontrava no chão ao acaso transmuta, vira bola de bilhar. Guzito continua brincando, como se nada mais existisse além do acontecimento, dos influxos do aqui e do agora. Tenta acertar a bola no chão, que vira uma enorme mesa de bilhar. Então, a bolinha se transforma novamente, agora é uma bola de beisebol! Ele a arremessa, inquieta-se, pois a bola arremessada confunde-se com centenas de bolinhas iguais à sua que estão penduradas nas árvores ao redor. Agitado pelo acontecimento, bate, sem querer, com o ombro num conjunto de pedrinhas penduradas no teto da varanda. Sua atenção converge novamente, agora movido pelo encantamento dos sons das pedras a balançar... Guzito [*de sentidos aguçados?*] é a expressão da continuidade na descontinuidade, é a manifestação do um no tudo, e do tudo no um... passado, presente e futuro num bloco único de sensações! (Deleuze) – Texto mandado por Guzito metamorfoseando-se pelo Facebook, no dia 8 de outubro de 2016, reagindo a uma colocação de Rajada de Vento (reflexão sobre a Ilha como Isolamento, o EU separado do divino considerado como expressão da infelicidade do ser humano na filosofia Guarani, que busca a Terra sem Mal onde se reencontrará o elo entre os humanos e o divino).

O confeto 1 = *É a experiência mesma das medicinas tradicionais, essa harmonização, purificação, conexão e espiritualização a partir dos conflitos. Há de compreender que os*

conflitos vão aparecer sempre e não ter a expectativa de que eles vão desaparecer; a questão é de amadurecer nossa maneira de lidar com eles, por meio de percepção mais aguda e sutil, que inclui a passagem do tempo e o reconhecimento das etapas, para não se afundar. Só ao entrar no conflito, o corpo consegue, com todos seus sentidos, tornar as limitações mais palpáveis. Conscientiza-se de que chegou o momento de sair da maneira que se tinha de colocar o problema, e dar assim forma nova às questões, mas sempre integrando essas limitações. Isso vem da prática.

O confeto 2, proposto por Águavi va = Costureiros, tecendo uma linha cósmica entre pontos invisíveis temporariamente manifestados por seres divinos que se reconhecem e expandem. *Parecemos aqui estar do outro lado do portal, fora de qualquer antítese ou conflito, onde são naturais e espontâneas a troca e a expansão. Existe um reconhecimento imediato do espiritual entre nós, ou seja, entre as energias de luz morando em cada um/a de nós. Entre as dimensões simultâneas onde, por um lado, há conflito e tensões, e, por outro lado, fluidez e naturalidade – acontece a transmutação: a ideia é de que o/a cuidador/a ambiental está agindo num mundo de conflitos, e, paralela e simultaneamente, num mundo de ligações espirituais não ou pouco manifestadas. Ela, ele, pode ser um mediador entre esses mundos.*

O personagem conceitual = Sabedoria vinda dos reinos sublunares para a interação mais harmoniosa com o Ser Universal. *A mediação entre a fala de Águavi va e a proposta de Personagem conceitual feita pelos/as facilitadores/as é o EQUILÍBRIO trazido pela Justiça e pela luta contra a opressão. Pensamos no orixá Xangô, orixá da Justiça, do Poder e do Trovão, assim como na Terceira Lua, terceira Mãe Original, segun-*

do Jamie Sams, que é a Lua da Coruja branca – ver *infra*. A referência é **SAMS, Jamie. *Les 13 mères originelles. La voie initiatique des femmes amérindiennes*. Paris: Véga, 2016.** “Vega” é o nome da editora francesa do livro de Jamie Sams, assim como é o nome da estrela de onde vem a nave espacial, na história de Águavi va. Mais uma sincronicidade? (Apesar de a Coruja indígena e do desenho de Rajada de Vento não serem brancas, mas corujas comuns). E esta pergunta bem-humorada: uma editora é uma nave espacial?

No decorrer da pesquisa, quando pedimos que os/as copesquisadores/as realizassem a contra-análise das “conclusões hipotéticas” trazidas pelo estudo na mata dos/as facilitadores/as, e Águavi va elaborou algo a mais: seu próprio olhar sobre os contos individuais, que podemos chamar de contribuição teórica para o diário de itinerância.

OS CONTOS, NO OLHAR DE ÁGUAVI VA

Semilla: Professora que deseja educar com amor. Pode curar e/ou ensinar através da dança, expressão e expansão. Comerá com as Yabás (os orixás femininos). Vejo uma ligação da punição com o autojulgamento. Onde está o “eu” que colocou o negro no pelourinho? Encaremos que não há separatividade e acolhemos este eu também. A curandeira pode curar as feridas com as ervas e simplicidade, a Ayahuasca nos dá consciência para acolher e perdoar. Ativação do “eu” Ogum (orixá da metalurgia, dos ferramentas agrícolas e da guerra) para aterrar e abrir os caminhos para a alma livre e selvagem. Amadurece o fruto até que se caia espontâneo no chão.

Comentário de Rajada de Vento (*por que esse comentário do comentário?*) Uma maneira de o facilitador oficial

e formador ter a última palavra e /ou avaliar a validade das outras falas, numa lógica de poder tal como instituída na academia? Não se trate disso, mas simplesmente de ampliar o aporte de Águavi va, já que o facilitador Rajada de Vento ganhou, no seu trabalho de estudo dos dados, uma visão do conjunto da pesquisa bastante sintética, que enfatiza as relações entre os contos dos/as diversos/as copesquisadores/as):

A novidade, o ainda não formulado é muito forte: apesar de negra, você – por ligação universal entre os seres – participou do próprio castigo dos seus ancestrais e, por essa razão, quer (ou deve!) se autopunir. Nada de coitadinhas de nós, mulheres negras, duplamente oprimidas; como se pode encontrar aqui ou acolá. Mas a necessidade de acolher e, ao perdoar, se perdoar. Ninar seus próprios sentimentos de culpa oriundos da internalização, pelos oprimidos e oprimidas, da violência hegemônica. Através da figura do orixá Ogum, o Candomblé enxerga como processo natural a libertação da mulher selvagem (que corre com os lobos?) em você, Semilla!

Rajada de Vento: Inquietação sobre as limitações da terceira dimensão. Como transcender estas grades fechadas, já que nosso animal interno vive livre dentro de nós? À arte cabe a expressão. Alma expressiva multidimensional, dom de ser costureiro/a galáctico/a, mundo acadêmico (puxando para a sabedoria da Coruja), saberes populares, mundo espiritual-xamânico, saber das ervas (Ayahuasca), todos/as dançam juntos/as na natureza ancestral.

Comentário: *No seu estudo, Águavi va relaciona diretamente o conto de Rajada de Vento com os de Semilla e Jezabel Antiga, já que existe, com o recurso da arte, a superação de uma dificuldade de expressão. Daí, provavelmente em Rajada de Vento, a mesma problemática de internalização da opressão na forma da culpa, da falta de amor por si próprio etc. Há*

uma relação entre o Animal de poder indígena, a Onça, e a arte como libertação dos limites impostos pelas relações de poder e desejo instituídas numa sociedade de capitalismo consumista, de machismo e racismo. Quando Gauguin deixou a França para ir às ilhas do Pacífico (assim como fez Rajada de Vento – ou Jacques Gauthier? – em 1981...), não foi a chamada do seu Animal de poder? E, ao se libertar das cercas e barreiras coloniais, encontra-se a espiritualidade dos povos nativos, essência da arte ou, pelo menos, da busca artística. Possivelmente, Jezabel Antiga ouvindo e sentindo uma chamada como objeto de desejo, está em condição de, simplesmente, ouvir seu animal de poder, que a leva ao mundo de Iansã (a qual apareceu no conto de Belle Fleur na forma de uma Borboleta, doadora de uma flor, e também, no raio destruidor e purificador de Guzito metamorfoseando-se). Mutação e fragilidade, transmuta o e paciente amadurecimento, entrega ao perigo e ao imprevisível: assim andam, de mãos juntas, arte e espiritualidade como processos de cura ótima. O animal de poder é a força que sabe lidar com todos os perigos dessa viagem e tomar as decisões certas no momento certo.

 guavi va: O ser quer ampliar a visão ( guia). A tempestade mostra a mudança do tempo: ventania, Oy , Iansã Protetora.  guavi va vai ao encontro do passarinho – pois tem um chamado para com os animais – e mesmo com tanta coisa para fazer, o passarinho ajuda a semear e a cantar.  guavi va deve aprender a cantar no mau tempo, como Iansã com as trovoadas. A nave, assim como a  guia, tem a visão, pode enxergar todo o quadro e a situa o em que os heróis e seus dramas se desenvolveram (Aliado).

Comentário: A adaptabilidade, de cora o igual, a todas as situa es,   uma aprendizagem. A natureza está sempre disponível para nos ajudar e mostrar o caminho.   s  saber

observar e, como uma graça (Águavi va chorando de alegria), saberemos ver todos os aspectos de uma situação e unificar os múltiplos pontos de vista, as perspectivas plurais, num só eã ascensional, espiritual, ao nos conscientizarmos que, vistas assim, todas as perspectivas são uma. É a liberdade, o poder adquirido de voar entre os mundos. Mas se a natureza nos apoia totalmente nessa busca, temos que fazer nossa parte, na confiança, entrega e espontaneidade.

Belle Fleur: O dragão tem tudo que precisa para fazer um bom passeio na terra, mas precisa se lembrar da sua missão. Talvez a águia esteja para sinalizar que o dragão pode voar acima do labirinto, cortar o caminho direto para a floresta, ir ao encontro da natureza que o espera em festa. A *marca divisória e a borboleta sinalizam a possível transmutação antes de adentrar o reino interno* (voltar para casa). Será que não esquecemos esse aspecto no estudo dos dados? O aliado é o elemento fogo.

Comentário: Interessante a ideia de que o inimigo é nosso aliado interno, que nos lembra nossa responsabilidade e a potência dos nossos recursos, que podemos esquecer; ele nos ajuda, até ao nos ameaçar, a não perder o eixo, a manter a esperança e a fé na beleza, fecundidade e harmonia da natureza. Assim, nunca podemos nos esquecer de tocar nossa beleza interna, feita de fragilidade e de poder de transmutar, de nos metamorfosear. Há o meu lar (eu mesma), ao qual posso me acostumar – velho hábito, velha convivência com um eu que perdeu sua graça – e o meu lar, que descubro (aprendo a ver de outro jeito), após minha própria transmutação. Essa lógica é paradoxal: tenho de me transmutar para me adentrar. Não tenho a chave do meu interior, a não ser que eu ME transforme, ganhando meu Coração. O processo de cura é assim mesmo. Essa contribuição de Águavi va é extremamente valiosa. O Dra-

*gão, aliás, sintetiza a Águia do mundo superior e a Serpente do mundo inferior (enquanto a Onça de Rajada de Vento é a dona do mundo médio onde vivemos). O conto de Belle Fleur expressa o que poderíamos chamar de “Estado Integrado de Consciência” (EIC), inclusive, por realizar um percurso em forma de círculo (ele volta para casa) – geometria sagrada dos indígenas em geral, não somente por ser a forma de comunicação e decisão coletiva mais democrática, e também por o círculo manifestar o poder do mundo [ver RIBAS, Ka W. **A Ciência sagrada dos Incas. São Paulo: Madras, 2008**]. Da mesma maneira, o Dragão conecta os mundos inferiores e superiores, enquanto seu inimigo, a Águia, apenas reina no céu, precisando do seu complementar, a Cobra. Isso expressa o perigo da falta de aterramento quando se lida com o cuidar ambiental (só ideias, nenhuma prática).*

Jezabel Antiga: Presença e consciência do eu manifestado, vivo e sensível. Turbilhão de cargas sendo liberadas. RAIOS NA TERRA. Precisa se expressar o suficiente para que se tenha águas serenas dentro do ser e poder nadar em direção ao chamado da alma. Oxum, orixá do amor, da gestação, da riqueza e das águas doces, ajuda a serenar através de canções. Iansã convida para um trabalho de cura, de recebimento e doação, aprofundamento consciente, Amor incondicional e universal. Faz o vento para que a espiral suba bem bonito.

Comentário: Notável, aquele vai e vem da terra para o céu (na sua história, Jezabel Antiga muda de dimensão para encontrar a energia de Iansã) e do céu para a terra (o raio parece vir de cima e nos atravessar). Há complementaridade entre esses dois movimentos, ou seja, entre a parte mais carnal do eu e sua parte mais espiritual (mesmo se são apenas duas faces da mesma realidade, e mesmo se essa realidade – do eu – é ilusória, conforme ensina o Budismo). O apoio exterior já nos é dado

pela nossa energia íntima, filha dos orixás. Podemos aprender muito desse Amor incondicional, que está em nós como está nos céus! O chamado da alma é esse conhecimento implícito, íntimo e não totalmente desvelado, do Amor incondicional com seu poder de cura. O encontro com o amor de Semilla, que cuida Jezebel Antiga no conto, é o serenar, o encantamento, o recebimento e a doação, a fúscia viva do Amor universal.

Guzito metamorfoseando-se: Ser prático e certo, assumindo o poder pessoal e sua missão na Ilha GAIA. O vilão é a ilusão de que estamos sós na ilha GAIA (Planeta Terra). Abertura a novos canais de percepção. A tempestade traz a mudança no tempo: os antigos padrões institucionais estabelecidos e gravados no corpo físico devem ser desconstruídos – nova linguagem e abordagem. ARTE. “Coração, Amor, Diversidade”.

Comentário: O clown realiza esse trabalho de desconstrução do corpo. Será que o clown, em certo momento, se torna não apenas grotesco – o que é sua função – e, sim, monstruoso, aparecendo na proibição de Pérola Azul? A solidão foi instituída, mas para relacionar-se de maneira diversa e plural há de enfrentar a tempestade institucional nas organizações externas e íntimas da vida. Sair da ilusão da solidão em que muitos estão fechados e travados é se expor, mas temos uma arma de luz no nariz de clown, ou seja, no amor, na emoção, na sensibilidade do nosso coração. Ver de outro jeito, estrelar nosso olhar (questões colocadas por Águavi va, Rajada de Vento e até por Belle Fleur) é possível, na prática cotidiana do clown, que, ao mesmo tempo, espiritualiza a existência e integra o nosso ser em Gaia, com todos os seres. O clown é instituinte.

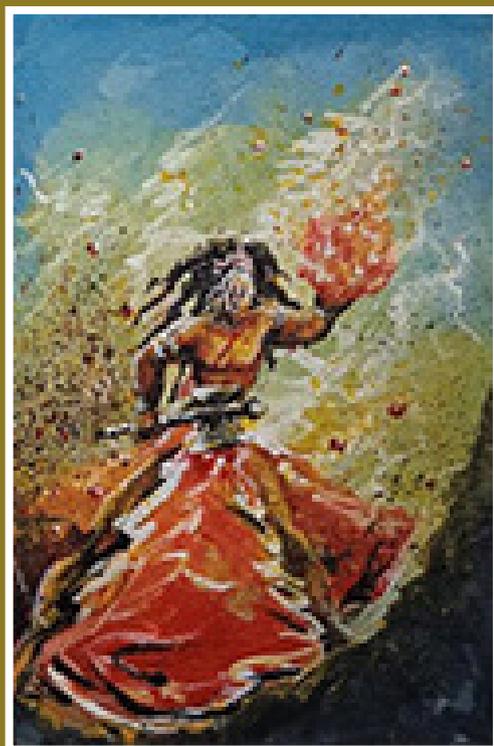
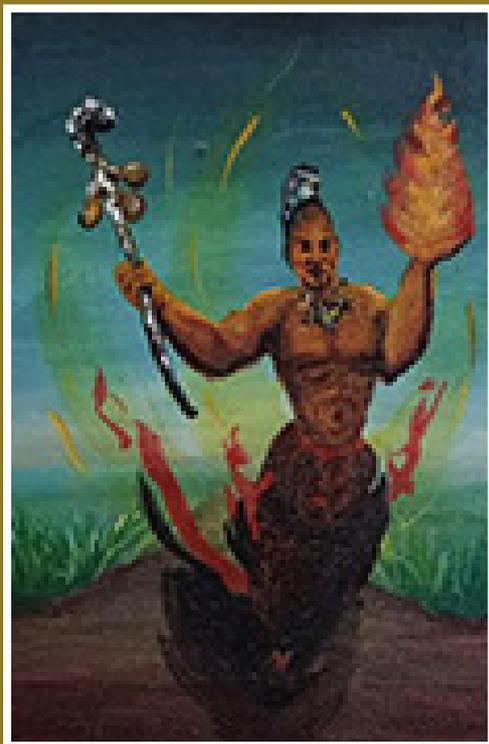
Pérola Azul: O vácuo pronto para receber a manifestação criativa. Reconciliação com o eu masculino para po-

der instruí-lo ao novo, segurar na mão para aprender junto. O sol, força masculina, deve estar luminoso como a lua. O contato com a natureza, para lembrar-se do acolhimento da Mãe-Terra para com todos os seres. O aliado inesperado é a integração.

Comentário: Parece haver cisão em Pérola Azul com seu Animus, como diria Jung. O Clown-Animus? Vou me permitir brincar de boba, enquanto os Senhores me querem séria e submissa? O machismo dói, e só ao me harmonizar com minha parte masculina – bem enfraquecida – posso amansá-lo. Isso é perigoso, pois é enfrentar o caos em mim. Mas é possível transmutar esse masculino, é possível espiritualizá-lo, dentro da sua própria fragilidade, que não o impede de brilhar com soberania, já que ele não destrói e, sim, sabe chegar a nós com ternura. Uma aliada nesse processo é a Terra, as águas da Terra, ou seja, a fecundidade do feminino, que a medicina ancestral, nesse momento, representa também (não é por acaso que Pérola Azul ofereceu o copo de Ayahuasca ao caboclo Pena Branca, extremamente viril).



EXU E IANSÃ, OBRAS DE TAMIRES CARDOSO



*O que trouxe este estudo para a pesquisa? Muito. Foi a primeira vez em 20 anos de Sociopoética que um copesquisador, no caso, Águavi va, se deu espontaneamente o papel de facilitador, ao propor sua leitura “em casa” ou “na mata” (ou ainda “na casa da mata!”) dos dados produzidos pelo conjunto dos/as copesquisadores/as. Metodologicamente, essa inovação (provavelmente facilitada pelo fato de que, de maneira heterodoxa, os/as facilitadores/as participaram da produção dos dados) é muito relevante, pois, numa abordagem intercultural crítica, o outro vê o que não vemos – nossas próprias costas, ou nossa sombra... Isso pode ser ampliado numa abordagem transpessoal: o/a outro/a é um outro mundo, uma outra sensibilidade, pode-se dizer que ele/a possui outros órgãos, percebe diferentemente – como no perspectivismo indígena segundo Eduardo Viveiros de Castro [VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015].*

Na Sociopoética, pela instituição do dispositivo do grupo-pesquisador, cada um/a de nós pode se perceber nos (ou melhor, pelos) misteriosos órgãos dos outros, um pouco... assim como ele/a pode se perceber no olhar de uma onça enquanto presa ou enquanto caçador/a – do ponto de vista e nas sensações da própria onça! – insisto nisso... ou no cheiro de um dragão como sonhador/a etc. Lembro-me de jovens amigos indígenas nordestinos que, ao voltarmos de um trabalho numa aldeia, contavam-nos a importância, para o caçador, de “pensar e sentir” como pensa e sente a caça, condição indispensável ao sucesso.

A diferença com a conceitualização de E. Viveiros de Castro é que nós não precisamos nos devorar mutuamente para internalizar essas perspectivas alheias, e, sim,

a internalização se faz na copresença, na escuta e fala sensíveis, na escrita ao mesmo tempo singular e coletiva – podemos dizer para resumir: no cuidar recíproco e na responsabilidade, numa cultura ativa da paz.

*Iniciamos um processo de superação da ilusão da separatividade, de integração das perspectivas dos/as outros/as em nós, de expansão da consciência dentro da busca científica. De fato, o papel dos/as facilitadores/as como “especializados/as” na leitura sistemática dos dados de pesquisa, apesar de ter sido subvertido por Águavi va, que se autorizou a tomar esse poder, fica distinto e específico: anos de prática de pesquisa sociopoética mostraram que esse estudo chamado de “em casa” ou “na mata” é o ponto mais delicado do trabalho de elaboração dos dados, pois não estamos formados/as a pensar um grupo como um ser único, a considerar o coletivo como um pensador que não se reduz à adição dos seus membros. Infelizmente existem pesquisas sociopoéticas que não vão além do estudo daquilo que cada participante da pesquisa, separadamente, traz – sem que essas pesquisas entrem na originalidade da Sociopoética: “encontrar-criar”, para falar como Winnicott, o personagem conceitual ativo na pesquisa, através da instituição do grupo-pesquisador como ser único percorrido de afetos, ventos e marés múltiplos, ou seja, como filósofo coletivo [a referência é WINNICOTT, Donald W. *Jeu et réalité: l’ espace potentiel*. Paris; Gallimard, 1975 – ver as edições brasileiras].*

Assim se conjugam saber e sabedoria, ciência e espiritualidade na Sociopoética.

Em referência ao Personagem conceitual, o que trazem no livro citado *supra* Jamie Sams e a terceira lua (de Março), a terceira Mãe Original?

No resumo do capítulo, p. 10, ela é chamada de “AQUELA QUE PESA A VERDADE”, *aquela que nos ensina... a aceitar a verdade*. Ela é “A Guardiã da Igualdade e Garante da Justiça, a Juíza Integra da Lei Divina e Aquela que Reduz a Nada a Mentira. A Mãe da Verdade e Protetora do Desamparado. A Mãe da Determinação de Si e da Responsabilidade”, que nos ensina a encontrar a capacidade de enfrentar e ficar determinado/a. A alimentar o positivo e não o negativo em nós, com o recurso da Lei Divina. A implantarmos a igualdade com justiça, sendo responsáveis dos nossos atos e palavras. Com o recurso da nossa integridade pessoal, da nossa ética e dos nossos valores, para encontrar as soluções que curam. Na página 93 encontramos este poema:

Protetora do doce,
Ela pesa a verdade para que todos possam ver nela
A Lei Divina, e ela busca a harmonia
Que vai tornar livre o espírito.

Lá, no meio do caos
Das provações terrestres, ela fica reta,
Pronta a fazer justiça,
E a compaixão está fluindo das suas mãos.

É ela quem responde quando o erro
Mostra a cara destruidora
Do ódio e da avidez humanos,
Que dividem os humanos em crenças e raças.

Guardiã das leis do Grande Mistério
Cujos caminhos tentamos seguir,
Possamos aceitar a unicidade
Das verdades que te ouvimos pronunciar.

Ao ver todos os aspectos de cada situação, ela não pode ser abusada por meias-verdades ou mentiras. Ela é protetora

dos Oprimidos e quer a justiça e a igualdade para todas as formas de vida. Neutralizando toda ideia da importância de si – esse sentimento que mantém o ego em desarmonia, ela nos ensina, mostrando para nós sua própria humildade, o que revela nossa arrogância. Ensina-nos a felicidade através da determinação presente no sentimento de bem-estar do Self. Ela é ligada à cor marrom da Terra-Mãe, conectada com a Lei Divina. Ensinando o consentimento à verdade encontrada nas nossas experiências de vida, à verdade das nossas forças e fraquezas, ela nos ajuda a destruir as ilusões que limitam nosso potencial. Ela nos ensina a valorizar o que é bom e forte em nós, em lugar de nos polarizarmos e alimentarmos nossas fraquezas e falhas. Assim, somos educados/as a ampliar nossa Essência Espiritual (nosso ORENDA, dizem os nativos), a valorizar a ação justa e a trabalhar no sentido de desenvolver nossas competências.

Difícil não fazer associação com o orixá Xangô!

Essa Mãe Original recebe o apoio da CORUJA BRANCA, cuja *Medicina* (Sabedoria, Discernimento e Destruição da ilusão enganadora) permite eliminar as mentiras e os enganos. Junto a essa Medicina, o Tabaco traz, na Tranquilidade da meditação, com a força dos espíritos do Leste, a Lucidez: “Quando a perspicácia é procurada num amor incondicional, a luz de Avô Sol vem iluminando a capacidade do/a pesquisador/a em abraçar uma visão ampliada da situação, sem preconceito algum” (p. 99). *Será o olhar procurado pelo Passarinho de Águavi va e o olhar estrelado ganhado pela Onça de Rajada de Vento?* Com a Coruja (guardiã da Direção de cima), os espíritos aliados são a Doninha (guardiã da Direção de baixo) e o Corvo (guardião da Lei Divina e da Direção Interior do coração).

No processo de Cura e Justiça, a Mãe toma a posição do Jacaré, que ajuda na digestão e assimilação da verdade, proporcionando o mergulho dos seus pensamentos nas

águas dos seus sentimentos pessoais. ***Tal é o confeto sociopoético, híbrido de pensamento e afeto.*** A mãe manda para a Terra-Mãe o seu cordão umbilical, recebendo ondas de calor oriundas da profundidade da terra, enquanto vêm sonhando as diferentes soluções para os problemas e conflitos colocados. No caso, a cura e a harmonia dependem do respeito aos direitos dos oprimidos e, também, da humildade e discrição de cada um/a. Ter gentileza e compaixão para consigo e para com os outros, confiar nas suas forças e na solidariedade do grupo são valores fundamentais que permitem ver o que é semelhante dentro das diferenças, apoiar-se no outro e encontrar um elo comum de irmandade: é a restauração do Caminho de Beleza. Cada um/a é responsável pelas suas próprias ações. Há de alimentar em nós a Bondade amorosa, sem alimentar as penas e mágoas passadas. É assim que caminhar na Beleza é ser portador vivo/a do amor.

A Coruja Branca indígena, conselheira da Mãe da Terceira Lua, não tem a severidade nem a crueldade das Iá Mi, mães ancestrais do candomblé, aparecendo na forma de corujas (possivelmente ela não carrega o medo dos homens machos diante dos poderes ocultos das Mães sobre o destino, e, sim, a pura sabedoria feminina, confiante e compassiva).

Iansã, companheira de Xangô (Iansã toma, por vezes, a forma de uma borboleta, dona das transmutações; ela manda aos Eguns – aos espíritos dos mortos, dos antepassados), estava muito presente como energia durante a pesquisa, em todos seus momentos. Aqui encontramos, com a Coruja branca da Mãe da Terceira Lua, toda a energia de Xangô, marido apaixonado de Iansã, justiceiro que odeia a mentira, a ilusão e o engano.

Lembrando que o facilitador Rajada de Vento, filho de Xangô, que possui Iansã como orixá em segundo (Rajada de Vento é o nome de um erê de Iansã, apaixonadamente ligada a Xangô) foi buscar o livro de Jamie Sams para ampliar nossa

compreensão das Mães Ancestrais, graças às Mães Originais americanas.

Com efeito, os/as facilitadores/as tinham ido consultar o Pai de Santo Gil de Obaluaê (orixá do interior da Terra, dos Vulcões, das doenças e por extensão, da cura), iniciado no Candomblé e na Umbanda, para ampliar interculturalmente nossa leitura dos dados de pesquisa. Igualmente, nos foi dada a oportunidade de pesquisar as Mães Ancestrais iorubás, particularmente no livro de Reginaldo Prandi [PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 348-365].

A) IANSÃ foi muito presente no decorrer da pesquisa.

Alegria de viver, mobilidade extrema, metamorfose, ventania, raio e relâmpago, prazer e fazer, dominação dos Eguns – dos espíritos mortos – são traços da energia-Iansã. Eles apareceram em muitos contos. E a energia de Iansã protegeu a copesquisadora Jezabel Antiga. Um facilitador escolheu por apelido o nome de um erê de Iansã, Rajada de Vento, cuja presença ele sentiu intensamente.

Refletindo sobre a *Sincronicidade* expressa pelo presente da CORUJA, obra de arte dos indígenas Pitaguary (ou “Potiguara” do Ceará – povo Tupi que resistiu heroicamente à colonização portuguesa), doada pela pretagoga Sandra Petit, muito parecida com a CORUJA desenhada como aliada inesperada da ONÇA de Rajada de Vento [Lembrando que o conceito de *Sincronicidade* foi criado pelo psicólogo analítico Carl Gustav Jung e tem por sentido o acontecimento simultâneo de, pelo menos, dois eventos sem relação alguma de causalidade, mas cuja associação possui sentido para a pessoa que percebe essa simultaneidade]:

Conforme encontramos na referida obra de Reginaldo Prandi, a Coruja é símbolo das IÁ MI OXORONGÁ – as velhas mães ancestrais feiticeiras, princípio do bem e do mal, vida e morte ao mesmo tempo, que conhecem as fórmulas de manipulação da vida. Elas moram nas árvores, como a Coruja de Rajada de Vento, e cada uma tem o seu pássaro que faz o feitiço contra os homens. Delas todos os homens têm seu poder; mas esses conseguiram, pela astúcia e inteligência, tomar-lhes o poder. Entre elas, nossa mãe IÁ MI ODU é a dona do destino com seu esposo ORUNMILÁ.

É como uma simbolização da passagem, pela aliança conflituosa dos princípios feminino e masculino, do matriarcado ao patriarcado.

É pela negociação e aliança que conseguimos domar as forças destruidoras dos feitiços. Ao reconhecermos e darmos sua parte às forças negativas em nós e fora de nós, podemos nos proteger e realizar nossas tarefas cuidadoras. Transmutamos em olhar estrelado os medos e as limitações, as barreiras e as prisões externas e íntimas. Essa é a grande sabedoria ancestral.

B) O padrinho Gil de Obaluaê trouxe a seguinte leitura dos dados (infelizmente, não deu tempo para termos reações individuais a essa leitura, pelos/as próprios/as autores/as dos contos):

- 1) **Semilla:** as Iabás, orixás femininos, estão presentes na sua história: as águas e a fecundidade de Iemanjá (orixá da inteligência e da saúde mental, da fecundidade e da energia do mar) com Oxum, assim como os saberes ancestrais e a sabedoria de Nanã (orixá muito antigo de antes da idade de ferro, da lama fértil e do mistério da vida e da morte).

Complemento (da responsabilidade de Rajada de Vento, facilitador): *Semilla faz uma varredura, uma limpeza dos males internalizados pelas crianças, vindo de uma sociedade neocolonial e colonizadora das mesmas, onde a professora se infantiliza quando entra em brigas de poder e autoridade (ela tem a autoridade institucional) com os/as alunos/as. As águas de Iemanjá e Oxum alimentam e fertilizam, fecundam com a substância do cuidar e do amar, com o conhecimento da imensidade e profundezas invisíveis desse alimentar, física, emocional e espiritualmente (Iemanjá) e com o conhecimento das energias veladas do feminino, das maturações (Oxum). A professora é Nanã, ela possui a ancestralidade da terra dos mortos, da lama fecunda que sabe destruir o que já está podre, para que novos brotos nasçam. Assim vai a história, coletiva e individual.*

- 2) Rajada de Vento:** Ogum, o guerreiro, que também faz as estradas e abre os caminhos, interculturais e outros. Xangô, o lutador pela justiça também, com sua onça.

Complemento: *Rajada de Vento está na luta, num mundo agressivo de metal e concreto e aprende a não responder com as mesmas armas, e, sim, pela arma da arte e da beleza – e da juventude: encontramos Logun Edé, filho de Oxum com Oxóssi (o caçador dono das florestas), o adolescente padroeiro da beleza, das artes e da fartura, da transmutação do sentido do existir através da espiritualidade (conforme a busca e as pinturas de Paul Gauguin, forte referência para Rajada de Vento). É só crescer, ficar atento a seus sentidos, ter fé nas Alianças de saber proporcionadas por Ogum, o mestre das estradas, assim como ter fé na Justiça de Xangô a favor das comunidades colonizadas, para se enraizar nas águas do tempo ancestral, ganhar o céu estrelado e curar as feridas. Tudo fica ligado, os povos ficam ligados, os três mundos ficam ligados, o da terra dos ancestrais, o do céu*

dos orixás e o intermediário, da humanidade. Ogum pode fazer essa ligação e, sobretudo, o orixá Tempo, que rege a ancestralidade, o tempo que passa e o imprevisível tempo que faz, simbolizado por – e que é – a árvore Gamela Branca nos terreiros de candomblé (Tempo, no qual o facilitador Rajada de Vento foi confirmado como “Tata” – Ogan na nação Angola). Assim, nada fica machucado. Pensamos também em Oxaguiã, o Guerreiro da Paz, forma mais jovem do velho Oxalá, orixá antigo detentor da pureza, da paz e do poder criativo masculino, como sua esposa Nanã expressa o poder de criação e morte do feminino.

- 3) Águavi va:** Oxóssi, orixá da fartura, da mata e da caça, com Ossaim, orixá do segredo das folhas que curam e da liturgia (sem folhas, não há candomblé).

Complemento: Águavi va pratica a visão aguda do Caçador contra a separação, escuridão (ignorância), tristeza (falta) e escravidão. Ver o que os outros não veem, principalmente energias espirituais que providenciam a verdadeira fartura. O feminino (Iemanjá como energia do mar) fornece a cura indestrutível, a pérola, enquanto o masculino (Ogum) permite os deslocamentos nas águas e no ar que aparecem como graça.

- 4) Belle Fleur:** Exu com o Dragão, o fogo, o desejo e a chave, abrindo os caminhos, e também a beleza de Oxum. Exu é um orixá primordial ligado à criação, à sexualidade, e que abre os caminhos, trazendo ligações, encontros ou confusões (ele é o mestre dos paradoxos e da ambiguidade, já que não existe no Candomblé a polaridade Bem vs Mal – cada energia podendo ser equilibrada e boa, ou desequilibrada e ruim; o/a iniciado/a aprende a equilibrar e a direcionar as energias, espiritualizando-se assim). Exu estabelece os contatos entre o mundo humano e os orixás.

Complemento: *Belle Fleur está integrada na natureza, ela junta os elementos, os mundos, possui a chave dos portais, das energias sexual e espiritual: Exu. Essa integração é o encontro do seu próprio coração, pela mediação de Iansã (a borboleta, logo, a transmutação) e da beleza de Oxum. Lembrando um mantra de Shiva, deus indiano da destruição e regeneração – Shiva Shambô... – que diz que, no lugar mais secreto do coração, temos um cantinho onde mora Shiva, lugar indestrutível, quaisquer que sejam os acontecimentos da vida, lugar puro e divino... A integração é também a própria casa, moradia de Oxum e Iansã (que estava dirigindo nosso trabalho), lugar do amor e coração de Belle Fleur – entre duas viagens!*

- 5) Jezabel Antiga:** Obaluaê, por causa da doença e das limitações; os saberes adquiridos na experiência da dor e da cura.

Complemento: *Jezabel Antiga, sensível à presença de Iansã, está vivenciando no aqui e agora o processo de autocura (Obaluaê). Exu a está chamando para que encontre seu caminho e para aprender a se expressar, a jogar palavras que não sejam apenas gritos e barulho, através da troca com os/as companheiros/as. O canto do útero é de Oxum, música fluida do feminino, da concepção; e da criação, com Exu (lembrando que Exu e Oxum compartilham o jogo de búzios, logo, o conhecimento das energias presentes desenhando o provável futuro).*

- 6) GUZITO METAMORFOSEANDO-SE:** Tempo, que muda sempre, às vezes, violento, que conecta as três dimensões dos ancestrais, dos vivos e dos orixás, com Ogum da luta, do fazer e da espada.

Complemento: *na Umbanda, e diferentemente do Candomblé Angola, Tempo é representado por Iansã. Tem a ideia da necessidade de certa violência alternando com a sensibili-*

dade para se conseguir a superação das barreiras postas pelas instituições e padronizações, pelo isolamento e pelas invejas, pela sujeição – num “eu” separado e egocentrado. O fazer bem material, a espiritualidade do clown, assim como qualidades psicológicas de atenção e cuidado permitem a integração das diferenças dentro da pluralidade.

- 7) PÉROLA AZUL:** Oxalá, por causa da criação, da vida, dos inícios fecundos, da energia pura: ele deu o coração ao ser humano. Na criação, não tinha brancos, negros, nem índios, somente seres humanos e são eles que padronizaram ao negarem as diferenças, que hierarquizaram e destruíram as culturas colonizadas (indígenas, africanas...). O que é bom para alguns, não é necessariamente o bom para outros. O egoísmo e a indiferença para com o outro substituíram o que deveria ser a ajuda mútua e o OLHAR ao outro como irmão/ã.

Complemento: Pérola Azul me parece também como vítima de um estupro (Exu). Só a medicina espiritual pode transmutar essa violência sofrida em fecundidade bela e feliz. Ao mesmo tempo, encontramos o caos da criação além, ou antes, do Bem e do Mal (Oxalá com Exu) e a desorientação: fecundidade de múltiplos caminhos possíveis, ou perda de sentido. Uma ajuda exterior é necessária para completar o processo de transmutação da dor em conhecimento (Obaluaê). Na história de Pérola Azul parece ser a forma OXAGUIÃ de Oxalá que está presente, pois existe a exigência de destruir para melhorar, assim como um aspecto guerreiro (Guerreiro da Paz).

O que trouxe essa leitura para a pesquisa?

Trouxe uma outra perspectiva sobre os dados que, além de trazer novos conhecimentos, permitiu ampliar o

que está diretamente narrado nos contos a outros aspectos da energia-orixá identificada. Por exemplo, Rajada de Vento pode se questionar em termos de autoconhecimento e, se quiser, refletir sobre o que está em jogo nessa energia-Ogum capaz de criar caminhos – e mais que caminhos, estradas entre várias comunidades, várias formas de saber, várias formas de aprender etc. Refletir, mas como? Convocando outros aspectos do orixá Ogum, tais como o trabalho da terra, a metalurgia e o conhecimento técnico, a própria guerra... Uma forma de violência, talvez inconsciente, sofrida e devolvida. A interrogação pode também tomar esta forma: “Essa violência foi psicológica e espiritualmente elaborada?”

Vê-se que o nosso cuidado de valorizar as culturas de resistência não responde apenas à exigência política e ética, mas, fundamentalmente, à preocupação epistemológica de multiplicação das perspectivas e ampliação do olhar. Além disso, a dialogicidade intercultural possibilita melhor conscientização das particularidades de cada um/a, principalmente ao gerar perguntas impossíveis no campo cultural prévio dos/as pesquisadores/as acadêmicos/as. Talvez isso participe do processo de cura pelo conhecimento – presente em muitas sociedades afrodescendentes e indígenas, assim como na própria Europa até Platão, que foi último pensador para quem pensar era curar-se.

Por causa da aparição da Coruja indígena oferecida à Rajada de Vento pela “Aliada imprevista” Sandra, a Pretagoga – coruja tão parecida com a que a própria Rajada de Vento desenhou como Aliada imprevista na sua árvore do crescimento, das ligações entre os mundos e da cicatrização, procuramos em Jung o conceito de SINCRONICIDADE

[JUNG, Carl Gustav. *A dinâmica do Inconsciente – Sincronicidade. Obra Completa 8/3. Petrópolis: Vozes, 2014*].

Resumindo:

A sincronicidade é o aparecimento simultâneo (ou quase, pode ser antecipado ou um pouco posterior) entre arranjos da matéria-energia física e conhecimentos oriundos do inconsciente, quando há forte envolvimento emocional (amor, ódio, grande interesse...). Essa simultaneidade não pode ser explicada pela lógica científica das causas e efeitos, nem pela estatística, comprova detalhadamente Jung que se refere cuidadosamente a Kant, pois os fatos síncronos escapam às formas transcendentais do espaço e do tempo, dadas com nossa consciência empírica e experimentalmente verificáveis. A sincronicidade diz respeito à construção do *Sentido* e não à identificação das *Razões*.

Os afetos fortes baixam o domínio da consciência sobre a psique e favorecem o surgimento de conhecimentos inconscientes relacionados ao Inconsciente Coletivo, aos Arquétipos, formas organizadoras e padrões de comportamento que possuem uma carga afetiva forte: “Desenvolvem efeitos numinosos que se expressam como afetos” (2014, p. 29).

Diferentemente da ciência, que isola na experimentação os fatos interrogados para obter respostas evidentes necessariamente espaço-temporais (a referência constante à prudência de Kant é uma garantia científica do trabalho de Jung), os fatos de sincronicidade envolvem a totalidade do sistema da natureza (e da psique) – logo, experimentações científicas são difíceis (mas, podemos acrescentar, hoje favorecidas em referência à Teoria do Pensamento Complexo, segundo Edgar Morin, ou à concepção da Ordem implícita, segundo David Bohm, entre outros). As referências são: **MO-RIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005*; BOHM, David. *Totalidade e ordem***

implicada. São Paulo: Madras, 2008; e BOHM, David. *Sobra a criatividade. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.*

Não se pode falar de influência energética entre a matéria e a consciência, pois esses eventos superam os quadros do espaço-tempo, tal é a ideia de Jung (mas a física quântica, hoje, estabelece experimentalmente fatos que supõem a simultaneidade além da velocidade da luz: sob certas condições, uma partícula conhece instantaneamente o estado de outra que participou das mesmas condições iniciais – como se existisse uma ligação entre elas, desafiando a velocidade da luz; uma partícula, também, pode se comportar como se antecipasse o futuro do sistema, no qual o observador é incluído.

Parece que o espaço-tempo desaparece em certos estados de consciência (estados alternados, ampliados e intensificados de Consciência ayahuasqueiros, meditação profunda, ioga...), ganhando pelo menos uma grande elasticidade. Certos fenômenos de adivinhação a distância e mesmo, antecipada, ignoram tanto o espaço como o tempo.

Segue uma proposta teórica de Rajada de Vento, não necessariamente compartilhada pelos demais membros do grupo-pesquisador:

Devemos afirmar que tudo é consciência, conforme afirma Amit Goswami, o “ativista quântico”, em seus múltiplos livros, e a corrente Iogacara do budismo Mahayana? Prefiro o “paralelismo” espinozista entre Pensamento e Extensão (e uma infinidade de outros atributos infinitos desconhecidos de nós da Natureza, “ou seja, de Deus”, conforme estabelece Spinoza na sua Ética). Porque existe o risco de colocar nessa consciência universal (consciência-universo) projeções da nossa própria consciência empírica, humana, tão humana, demasiadamente humana – tais como o finalismo, a vontade, o plano para nós

etc. (o Budismo Logacara escapa dessas projeções graças às noções de vacuidade e impermanência, mas quem entende realmente o Budismo aqui?). Igualmente, há o risco de desvalorizar o mundo empírico material frente a essa consciência, reproduzindo aquela divisão e hierarquização entre matéria e espírito que encontramos como particularismo cultural da Europa, cujos preconceitos colonizaram o planeta, e aos quais resistem aqui tanto o Candomblé como as culturas indígenas.

Devemos afirmar que existe uma consciência cósmica não espaço-temporal, da qual faria parte nosso ser enquanto “Eu superior”? Sim e não: sim, porque somos parte da consciência universal; não, porque não somos individualizados, separados dela (não temos “alma” superior alguma – separada, individualizada – não somos uma mônada singular: estamos percorridos de fluxos energéticos infra e supraindividuais, desde o nível material e corporal até o nível mental e o espiritual – conforme a energia Kundalini na ioga tântrica). Somos gotas de água no oceano, nem mais, nem menos. Temos toda a natureza da água, mas sempre em transformação, sem identidade própria, separada. A separação é uma ilusão oriunda das exigências da sobrevivência, que desenvolvem apego, autocentrção, instinto de competição, luta e satisfação das necessidades particulares dos nossos corpos-almas. Ela cria o Medo, ou Falta de Amor, que não tem existência própria, e, como ele, manifestação da nossa ignorância básica, o que os budistas chamam de “Samsara”.

Eu não diria que tudo é consciência, e, sim, que tudo é amor, desde o nível energético-material até o nível espiritual. A dialética de Empédocles entre Amor e Ódio, ou estoica, entre diástole e sístole na expansão e contração do Universo, parece-me insuficiente, pois dando uma positividade ao que é só falta. Ou seja: dá um valor metafísico substancial ao que vivenciamos no dia a dia, aos desafios do conflito entre nosso egocentrismo

(oriundo do nosso apego ao Eu separado) e o Amor universal, única realidade, da qual somos parte. Mas essa vida de desafio é uma ilusão criada por um Eu ilusório: o/a verdadeiro/a Guerreiro/a da Paz, de fato, não luta, nem mesmo contra si mesmo/a, ele/a somente participa da expansão do Amor. Estou já falando de Bodhisattva... Obviamente, estamos ainda aprendizes, ainda guerreiros/as e caçadores/as de si.

De acordo com a proposta descolonizadora da Sociopoética, o facilitador Rajada de Vento realizou outra leitura intercultural crítica dos dados da pesquisa com prudência e humildade, pois não tivemos a oportunidade de consultar um ou uma xamã indígena.

O caboclo Pena Branca inspirou a sessão, recebendo a oferenda do chá por Pérola Azul. Pena Branca é um caboclo da linha de Oxalá na Umbanda e, em certos terreiros de Candomblé, ligado às matas de Oxóssi e ao luar e riqueza de Oxum. Pela sua inteligência, ele simboliza o poder de negociar e unir as tribos e comunidades, integrar os estrangeiros, procurando a paz, mas sem se deixar iludir, sempre num espírito de luta, preferencialmente pacífica, contra a opressão: ele pode inspirar gente de todas condições e raças na busca e realização da paz.



**PENA BRANCA,
VINDO DE CUBA, PRESENTE DE SEMILLA**



A ancestralidade está presente, independentemente de qualquer crença, nas falas, nas buscas de cura e nas referências explícitas de muitos/as brasileiros/as. Por essa razão, podemos nos autorizar a resgatar, nas pesquisas sociopoéticas que enfatizam a interculturalidade crítica, saberes e filosofias indígenas, para colocá-los em diálogo com os dados produzidos pelos/as copesquisadores/as. No mínimo, isso favorece a conscientização, por parte deles/as, de perspectivas interpretativas implícitas, veladas, sobre seu próprio campo de problematização que, no mundo colonial tal como é, podem ter sido recalçadas. No máximo, numa visão mais aberta e problematizadora, não é absurdo pensar que essas perspectivas se aproveitam do dispositivo sociopoético para aparecerem à luz do dia. “Ressuscitar” metafísicas indígenas que a colonização cristã matou é um dos nossos papéis decoloniais e contracoloniais – particularmente, ao considerarmos que a Planta-Mestra Ayahuasca participou ativamente da pesquisa.

Por outro lado, da mesma maneira que, no mesmo prato, os/as brasileiros/as misturam tipos de comida que outros povos comem separadamente, um depois do outro, e praticam simultaneamente cultos religiosos que outros povos poderiam considerar como incompatíveis, não é absurdo misturar referências oriundas de chãos culturais heterogêneos, desde que tenhamos o cuidado de colocá-las apenas como apoios para problematizarmos melhor nossa realidade e nosso pensamento, e não para criarmos sincretismos sem princípios: queremos um mínimo de pureza e respeito à heterogeneidade das raízes, e também à presença no mundo tal como é, apenas brincando com tudo, criando – assim como fazem as crianças – a partir de fontes esparsas e, às vezes, realmente heterogêneas.

Assim, feito crianças, podemos observar nossas histórias como se o pensamento-poesia Guarani quisesse se expressar através delas. Encontramos uma fonte segura no registro

que Pierre Clastres realizou, após León Cadogan, das “Belas Palavras” dos Guaranis [CLASTRES, Pierre. **A fala sagrada – mitos e cantos sagrados dos índios Guaraní. Campinas: Papirus, 1990**]. Clastres insista no fato de que é difícil, para o tradutor, “captar a embriaguez desse espírito” que “corre secretamente sob a tranquilidade da palavra” e “que marca com seu selo todo discurso enigmático” (Clastres, 1990, p. 17): há uma promessa de êxtase para quem ouve as Belas Palavras, a Fala Sagrada.

É bom insistir sobre um problema de tradução apontado por Pierre Clastres, mostrando que a Gênese Guaraní não se desenvolve como uma evolução (conceito básico do pensamento eurodescendente), e, sim, como um desdobramento (conceito Guaraní fundamental): “Descrevemos dessa maneira o movimento de uma asa de pássaro se abrindo, o movimento de uma flor que desabrocha. E é tal o modo de emergência do deus: semelhante à flor já completa em todas as suas partes, surge das trevas primordiais, sob o efeito da luz da qual ele mesmo é o portador. Não há, nesse movimento, precisamente uma evolução, mas a subtração progressiva à noite das partes acabadas que compõem o corpo divino” (Clastres, 1990, p. 17-18).

Luz e trevas existem, mas não num confronto, não na dualidade do céu e do inferno, do Bem e do Mal. A noite está para ser conquistada e, como não somos deuses – apesar de termos a essência divina, a Palavra Sagrada, em nós podemos com sabedoria amenizar o excesso, a raiva, o que é muito quente em nós, e evitar os lugares de trevas, mesmo se a iniciação supõe nossa aceitação antecipada de marcas dolorosas e uma certa viagem no país das trevas e da morte, para melhor renascer. Daí, provavelmente, nosso fascínio para com as Onças, primeiros habitantes do nosso mundo... nossa ancestralidade, talvez?

Veremos nos mitos Guaranis a importância do vento originário, o que combina com a forte presença da energia-Iansã que sentimos no decorrer da pesquisa. Vento onde a morte está presente, “o sopro da morte” que Nhamandu, o divino, Nhamandu, o vivo, afasta. Sabemos que uma forma de Iansã (que é, com o vento, a alegria de viver) manda aos espíritos mortos...

O calor vital proporcionado por Nhamandu se manifesta em nós pela Palavra, AYVU, substância, ao mesmo tempo, do divino e do humano. Substância e ponte, caminho, passagem, pela qual CUIDAMOS da nossa relação com os deuses, e com o divino em nós. Por essa razão falamos, cantamos, dançamos... e pesquisamos!

O deus supremo afasta as trevas e se completa aos poucos, num movimento processual, conforme o movimento de cura na psicologia gestaltista – em que o/a paciente completa as Gestalten inacabadas. Uma luz humanizada, protetora, “boa” e favorável ao crescimento espiritual, cobre, aos poucos, o campo...

Nos quatro primeiros cantos do TEMPO DA ETERNIDADE – 1. “Aparecimento de Nhamandu: os divinos”; 2. “Fundamento da palavra: os humanos”; 3. “Criação da primeira terra”; 4. “Fim da idade de ouro: o dilúvio” – encontramos muitos temas que ecoam com os contos que criamos no encantamento da Mestra Ayahuasca, ou, para dizer ao avesso, o que é provavelmente a mesma coisa, a Palavra sagrada se convidou nos nossos contos para nos significar alguns enigmas.

1. **Diz o mito:** Nosso pai, o último, nosso pai, o primeiro, fez com que seu próprio corpo surgisse da noite originária. *Do Nada tenebroso percorrido pelos ventos surgiu o deus gerador, sem ser gerado, Nhamandu. Ele aparece e dilata-se, como uma flor que se abre à luz do sol, ele é para si mesmo, ao mesmo tempo, o sol e a flor. Ele é o divino espelho do*

*saber das coisas, a compreensão de toda coisa. Seu corpo é como um vegetal, uma árvore que fica de pé. O Pássaro originário, o Beija-flor Maino – alimentador divino de Nhamandu – esvoaça entre as flores, entre as plumas da coroa divina. Nhamandu desdobra-se em seu coração luminoso; ele habita o coração do vento originário. Assim como nascem os seres humanos, ele se assenta num banco que é seu traseiro, com a figuração irreconhecível, porque interdita, da Onça. As rezas, os cantos dos humanos dirigidos aos deuses pedem ajuda para que nós também fiquemos eretos, divinos. A vida verdadeira é a vida sob o olhar dos deuses, é a saúde, o bem-estar, o bem-viver (conceito indígena que encontramos na Carta Magna dos Estados de Bolívia e Equador, conforme mostra Catherine Walsh – WALSH, Catherine. **Interculturalidade, estado, sociedade: luchas (de)coloniales de nuestra época. Quito-Ecuador: Universidad Andina Simón Bolívar/Ediciones Abya-Yala, 2009**). Ao nos esforçarmos pacientemente, com muita perseverança, para nos igualar aos deuses, ficamos afastados do vento originário, que é o sopro da morte: com o vento novo, o Ipê (Tajy) está florido.*

A Coruja Urukure' a, que repousa no coração do vento originário, é a autora da noite, das trevas.

2. **Diz o mito:** Nhamandu faz com que a chama, faz com que a bruma se engendrem. *O eterno calor vital está presente, e a fumaça do tabaco que fumam os xamãs e pensadores indígenas é uma imagem da bruma original, o caminho que conduz o espírito para a morada dos deuses. A Palavra, Ayvu, é a “substância ao mesmo tempo do divino e do humano”*

(Clastres, 1990, p. 27). Mas não se trata de alma individual, e, sim, de nossa existência pela mediação do Coletivo, da Comunidade, da Tribo, pela qual somos ligados, essencialmente, ao divino. Clastres aponta que León Cadogan “cristianizou” erradamente a palavra Mborayu, ao traduzi-la por “amor ao próximo”, enquanto a ideia é mais “o que está destinado a reunir”, através da socialidade e solidariedade no seio da tribo: reunir os Guarani entre eles, e eles com os deuses, a partir do orgulho Guarani de ser de essência divina. Depois, Nhamandu vai se desdobrar em um panteão, com Coração Grande (que está presente em nós como esforço perseverante para nos igualarmos aos deuses), Karai e Jakaira (divindades da fecundidade e fertilidade), Tupã (o conhecido deus do Trovão) e seus homólogos femininos. Esse panteão como emanações tardias de Nhamandu é como um potencial que será ativado após a criação da terra e do nosso mundo. Somos parcelas da palavra sagrada, porque saímos do divino e elegemos nossa moradia num corpo individualizado, o qual só existe como membro da comunidade.

- 3. Diz o mito:** Nhamandu faz surgir cinco palmeiras azuis para sustentar a terra contra o vento originário, e sete colunas para sustentar o firmamento. Surgem, então, na ordem, a Serpente originária e a Cigarra vermelha no leito da terra, o Girino nas águas, o Gafanhoto verde e a Perdiz vermelha nas savanas, o Tatu nas profundezas da terra, e, em seguida, a Coruja, senhora da noite que se contrapõe ao Sol, senhor da aurora. De todos esses seres primordiais, temos apenas imagens na nossa ter-

ra. Como emanações de Nhamandu, nascem: Karai Grande Coração – as chamadas do Sol pelas quais o divino renasce sempre como natureza; Jakaira Grande Coração – as brumas das Belas Palavras, a bruma do divino penetrando o alto da cabeça dos seres humanos, e a fumaça do tabaco pela qual esses têm acesso à Bruma originária; Tupã o senhor da tempestade e do trovão, guardião do Grande Mar, de todas as águas que amenizam o que poderia queimar quando Karai brilha com excesso, trazendo a desordem, a cólera, o orgulho e a desmedida. De Tupã surgem as normas sociais que contêm o risco de excesso e desordem colocando em perigo a solidariedade tribal: a moderação, a paciência e a calma no desejo (Clastres, 1990, p. 43). Não podemos nos esquecer dessas normas, para não nos afastarmos do divino.

- 4. Diz o mito:** Karai Jeupié, o senhor do mau amor não se ergueu até a totalidade acabada, até o divino, mas dançou sua dança no coração das águas com a irmã do seu pai. *Ele, senhor da funesta união, paradoxalmente atingiu a totalidade acabada, a eternidade e se tornou nosso pai Papari. O pássaro que anuncia a chuva, Kuchiu, ouvia a terra tremendo por causa da funesta união, e a mulher se tornou rã, enquanto o homem enfrentava com coragem as águas. Nhamandu ajudou-o, fazendo nascer uma palmeira Pindo azul, a fim de que pudesse agarrar-se nela. "Agora, sim, meu filho Papari, você possui o saber das coisas. Seu coração é grande, e isso é bom!" Ao dançarem e cantarem, não dando abertura ao medo, andando para a beira-mar, até a montanha que detém o mar, construindo uma casa*

“Olhem a água chegando!” – e, como falava, a água encheu sua boca: sua alma-palavra transformou-se em pássaro – Clastres, 1990, p. 54), *subindo na vertente da casa e mostrando seus braços aos pássaros, elevaram-se e chegaram à porta do céu.*

No capítulo *O LUGAR DA INFELICIDADE*, Pierre Clastres mostra que na Terra Nova, criada após essa Idade de Ouro, os humanos eram apenas brinquedos na mão dos deuses – mas não eram vítimas deles, e, sim, viviam querendo quebrar as regras desse jogo perverso: nem culpa, nem humilhação, nem resignação. Contrariamente ao que acontece em muitas civilizações (e que Nietzsche estuda, notadamente na *Genealogia da Moral*), os humanos não estão ligados aos deuses por uma dívida infinita que nunca podem pagar (origem da culpa e da vergonha de viver), mas são eles que clamam: “Restituem-nos nossa verdadeira natureza de seres destinados à totalidade acabada do bem-viver no coração eterno da morada divina! Vocês nos devem isso!” (Clastres, 1990, p. 58). *Longe de pedir um favor, os humanos reivindicam um direito, e são os deuses que são ligados aos humanos por uma dívida. O único pecado dos seres humanos é seu orgulho, simétrico do dos deuses, de reclamar sua própria divindade perdida. E mostraram, e mostram, ainda hoje, sua paciência e perseverança em andar retos, de cabeça erguida, dançando apenas de joelhos dobrados para se aproximarem, assim, do divino.*

Logo, os deuses criam, por certo, uma terra má, mas envolvida numa zona de proteção (e de contato, diriam os psicólogos gestaltistas!), “habitável, vivível graças à chama e à bruma, graças ao fogo e à fumaça do tabaco”, que permitem manter o contato com os deuses, através de migrações religiosas, jejuns, danças, preces, rituais sagrados e meditações.

Seguem quatro versões do mito dos Gêmeos, que podemos resumir assim:

5. **Diz o mito** (*misturando duas versões – o/a leitor/a podendo ler as quatro versões no livro citado de Clastres*): Duas crianças gêmeas – que se tornarão o Sol e a Lua no fim das suas aventuras, às vezes trágicas, às vezes cômicas, mas coroadas de sucesso, já que conseguiram reencontrar seu pai e habitar por toda a eternidade no firmamento – tornaram-se um modelo para que os humanos perseverassem na luta para se juntarem aos deuses, para que eles reencontrassem sua divindade “roubada” por eles. As aventuras das crianças divinas constituem-se numa referência sagrada para a busca iniciática dos Guarani.

Uma mulher capturou uma CORUJA que dormia perto da sua cabeça e seduziu-a, ao acariciar sua cabeça com sua asa (daí, uma norma de comportamento dos homens para com as mulheres: seduzi-las com carinho, mas, como veremos em breve, desconfiar delas). A Coruja ganhou um corpo: nosso pai primeiro-último (numa versão do mito, ele se chama Nhanderu Mbaekuaa, nosso pai que sabe das coisas). A mulher e seu esposo, Nhandervusu, brigavam bastante, e este decidiu ir, dançando e adornado, para sua casa celestial, mas a mulher ficou, grávida de gêmeos – pelo menos uma das crianças não era filho dele. Depois, ela decidiu seguir os rastros do esposo (que ainda ficam visíveis e que temos de honrar pela nossa união tribal – forma de amor espiritual coletivo), levando as crianças no seu ventre. Do ventre, a criança mais velha aconselhava a mãe sobre o caminho a seguir, e pedia para ela colher flores. Mas a mãe brigou um pouco com elas, porque, ao colher uma flor, ela foi mordida por um zangão ou uma vespa, e por essa razão, tomou um caminho bonito sem saber o quanto era perigoso (o que as crianças, no ventre, sabiam, mas não disseram): ela chegou na morada dos seres originários, as Onças, primeiros ocu-

pantes da terra. A avó das onças disse para ela que tinha de voltar para casa, pois seus netos eram muito enganadores. Esta recusando, a avó escondeu-a debaixo de uma grande panela de barro. Mas, ao voltarem da caça, as jovens onças descobriram-na (de fato, o caçula, de faro mais aguçado – e talvez mais inteligente), mataram-na e descobriram o feto no seu útero. O caçula tentou cozinhar os bebês, mas não conseguiu: jogados na água fervendo, ela resfriava, jogados no fogo, ele se apagava.

Assim, ele fez dos gêmeos seus bichos de estimação.

“Foi desta forma que existiram o futuro sol e a futura lua. Sua mãe não soube quem eram. Um era nosso futuro irmão mais velho, e outro, nosso futuro irmão caçula. Foi assim que as coisas começaram” (Clastres, 1990, p. 76). Os gêmeos chamaram de avó a avó das onças, apesar de não ser sua verdadeira avó. Mas decidiram se vingar das onças que mataram e comeram sua mãe. Cavaram um buraco no chão e as onças caindo todas, eles as mataram. Todas, salvo uma, uma fêmea grávida, chefe das onças, conseguiu escapar, porque o caçula não teve força suficiente para matá-la. Essa onça gerou um filho e assim hoje existem muitas onças na floresta. Desde esse tempo, não se tornou mais possível matá-las, pois se distribuem perto das águas, das fontes, para transformá-las em lugares assombrados.

Apavorados, os gêmeos visitaram Tupã, para receberem dele as normas para se conduzirem na vida, e para ganharem um lugar onde podiam definitivamente escapar das onças. Desde esse tempo, *“chamamos os jaguares de PYTÜJARY, senhores das trevas. E isso transforma as trevas em uma coisa terrível. [...] Sol e Lua abandonaram a terra e se foram. O que aconteceu depois foi em sua ausência. Lá em cima, Sol vigia tudo. É ele que toma conta de nós. Ele foi gerado da palavra de Tupã. Tupã é a raiz”* (Clastres, 1990, p. 78).

**METAMORFOSES GUARANI,
PRESENTES NUMA BANCA DE DOUTORADO
NA UCDB, CAMPO GRANDE**



Fascinante é o fato de que Rajada de Vento recebeu o livro de Pierre Clastres pouco depois das sessões de pesquisa (pequeno livro de 144 páginas que comprou na internet a um particular pelo preço assustador de 170 reais – pelo menos, ela fez sua parte em termos Guarani de perseverança na aproximação ao divino!); considerando a riqueza do seu conteúdo para nossa pesquisa, podemos nos interrogar: “É mais uma sincronicidade”? Inclusive, a pesquisa aconteceu no momento em que se festejavam, na Bahia, rituais em homenagem aos gêmeos Cosme e Damião, que o sincretismo religioso associa aos Ibeji, divindades crianças gêmeas vindas ao Brasil com os/as africanos/as escravizados/as – erradamente, e também, comumente, assimiladas aos erês, formas-crianças dos orixás. Além disso, no dia que seguiu a pesquisa, comemoramos o aniversário de Rajada de Vento (nome de um dos erês que energizam o corpo-mente-espírito de um dos facilitadores da pesquisa), a qual nasceu, digamos materialmente, no dia 26 de setembro, que no seu país natal da Europa, é o dia de Cosme e Damião! Se quisermos continuar nesse “delírio”, o neto mais velho desse facilitador se chama Côme, Cosme em português...

Comentário relacionado aos nossos contos:

O imaginário é plástico, conforme mostra a variedade das Corujas, no pensamento Iorubá, Guarani ou dos Nativos da América do Norte. Esse polimorfismo, longe de atrapalhar nossa reflexão, torna-a mais complexa e favorece escolhas múltiplas e contraditórias – situação ideal para uma boa problematização – única coisa que importa.

– É o conto de **Águavi va** que mais se aproxima da mitologia e filosofia (como reflexão consciente sobre essa mitologia) Guarani. Podemos pensar que o passarinho de

Águavi va é a imagem do Beija-Flor *Mino* dos Guarani? Ele quer reencontrar a estação ereta após a queda, guiado pelo Sol *Karai Grande Coração*, sempre presente. Desejando o OLHAR (ou melhor, guardião do OLHAR), apesar do caos da Noite originária percorrida de ventos maus, o Beija-Flor é o guardião da saúde, do bem-estar, pois esse olhar é o olhar divino que desce aos humanos na forma de uma nave espiritual. Esse olhar espiritual pode ser também o Sol, que vigia tudo, tendo sido gerado pela palavra de Tupã. Cantando a liberdade, o passarinho está celebrando o divino nele: ele está se celebrando como Beija-Flor, ou como Palavra Encantada, canto, dança, luz do coração, raiz da nossa vida. E ele entende que, mesmo machucado, sabe voar, e sempre sabia voar. O canto, a palavra, o pássaro *são* a própria alma. O mundo do mar regido por Tupã traz, nessa luz que pode ofuscar, a moderação, a humildade simbolizada por Exu trabalhando a favor das almas e respeitando os Animais, nossos irmãos. Ou seja: a pérola de cura (*azul*, como tudo o que é divino no mundo Guarani) pede para um esforço humano, uma orientação, um foco. Como é instigante essa aproximação do conto de Águavi va com o mito Guarani!

– No seu estudo dos contos dos/as demais copesquisadores/as, **Águavi va** enfatiza a questão do desdobramento e da ligação íntima da própria “alma”: somos, ao mesmo tempo, o/a agressor/a e o/a agredido/a, e, como transgressores/as, estamos, ao mesmo tempo, bentos/as e castigados/as, pois, num nível fundamental, não há separatividade, observa **Águavi va**, ao estudar o conto de *Semilla*.

Podemos acrescentar, numa lógica Guarani, que é a comunidade que nos faz experienciar e que nos garante essa não separatividade. A cura como maturação, lembra Nhamandu no mito Guarani, que se torna espelho do saber das coisas. Compreensão de toda coisa, ao dilatar-se como uma flor se abrindo

à luz do sol, sendo sol e flor ao mesmo tempo. Há uma ideia intensa aqui: meu amadurecer como autocura não depende apenas de mim, ele é relação e integração entre sol e flor: a energia fluindo fora de mim e a que flui dentro de mim se encontram e se unificam. Obviamente, isso só pode acontecer se essa energia vem da natureza, e não da cidade ou de outros ambientes poluídos, física, mental ou espiritualmente. O mito dos gêmeos é interessante para uma Professora, pois ensina que se deve escutar a voz das crianças, mesmo que pequenas ou não ainda nascidas: elas possuem a sabedoria original e sagrada dos caminhos certos, do bem.

– Interessante, o fato de que o chamado espiritual se faz pelas águas – que precisam da expressão de si para que se ganhe a serenidade (uma coisa mais amena e equilibrada) – no conto de **Jezabel Antiga**, tal como lido por **Águavi va**. Há o paradoxo de Karai Jeupié, o Senhor do mau amor, que excessivo e fora das normas, pela coragem, recebe a ajuda divina, pode se segurar e atinge a Totalidade Acabada, o Saber e o Coração Grande. As águas das emoções fluindo livremente descarregam o excesso energético, o fogo sobre-humano da chamada espiritual. Na visão Guarani, se quisermos cruzá-la com os orixás do Candomblé, será uma Iansã de Água (na África, Iansã é o rio Niger), que desentupirá o corpo-mente sobrecarregado de **Jezabel Antiga**.

O que a mitologia permite acrescentar é também que somos de origem divina, e, no processo de cura, autocura e cuidado para com os outros e a natureza, devemos manter esse orgulho, conforme os Guarani, que não querem se afastar de jeito nenhum dos deuses. Fragmentos da Palavra sagrado, não podemos nos sentir inseguros: assim, Jezabel Antiga se desloca para o mundo dos deuses, para alimentar essa autoconfiança e desbloquear sua expressão. O orgulho não é orgulho individual, é orgulho da comunidade, do acolhimento e compartilha-

mento, e cantos e danças são a forma mais pertinentes de se relacionar com o divino, dentro e fora de nós. O poder de gerar a vida (o canto do útero) pertence à energia divina que percorre o universo e nossos próprios corpos, mentes e espíritos. No canto do útero falam as crianças futuras, e nosso cuidado para com o ambiente, a natureza é, diretamente, o cuidado para com as gerações futuras.

– Pular além das três dimensões do mundo ordinário (quatro, se considerarmos o tempo) é indispensável para encontrarmos as conexões espirituais estelares, na leitura que **Águavi va** propõe do conto de **Rajada de Vento**. Tornar-se um costureiro galáctico é encontrar sua essência verdadeira que, no mito Guarani, é a palavra. É se tornar chama e bruma, fumar o cachimbo sagrado pelo qual encontramos nossa verdadeira essência, a divindade em nós, que jaz no nosso coração e que há de libertar. Para costurar os mundos culturais pela arte, há de se unificar com o divino.

Podemos acrescentar que Rajada de Vento, talvez sem ter consciência disso, mexe com forças muito perigosas: a Onça noturna sobre a qual os deuses e xamãs são assentados, e a Coruja, figura das trevas e da noite (segundo Clastres, 1990, p. 133, “correndo um risco” com a etimologia, Nhavandu – ou Javandu em certos mitos – é JAVA, JAWA, JAGUA, o Jaguar). Lidar com essas forças, essa violência, essa chamada de Morte, mobiliza as forças de crescimento e de cura da natureza: Rajada de Vento deve absorver essas energias naturais na sua intensidade, confiar no seu aspecto de protetoras (apesar de serem igualmente destruidoras), para conseguir o Olhar estrelado, ou seja, a integração-unificação, a continuidade das raças, gerações, gêneros, conhecimentos numa alegria comum. Encarar a Onça em nós é um desafio, de morte e vida. Vencer o medo da morte é ganhar uma forma de autoproteção, que nos ensina a respeitar

o lugar de cada espécie, pois nossa ancestralidade mais remota está em todos esses lugares, mesmo os mais assombrados.

– Ao considerar sua própria produção, **Águavi va** identifica o OLHAR como sendo da Águia, e não do Beija-Flor. Há de cobrir todo o espaço. Mas, para isso, há de aprender a cantar no tempo mau, com a mesma facilidade do tempo bom. É exatamente o que acontece no mito Guarani do dilúvio, com o pássaro Kuchiu anunciando a chuva e a terra tremendo. As danças e os cantos substituindo aos poucos o trabalho, os humanos conseguem atingir o céu. Interessante é o fato de que as emoções fluindo pela boca se transformam em pássaros, a alma se transforma em pássaro: **Águavi va** descobre que, mesmo com a perna ferida, ele sempre soube voar, mas esqueceu?

Águavi va já tem um Olhar estrelado, mas quer ampliar esse olhar para outras dimensões. A mitologia Guarani nos convida a considerar o que é a “verdadeira vida”, ou seja, a proximidade dos deuses: viver sob o olhar dos deuses. Interessante o fato de que a pérola dada no mundo das águas protegido por Tupã é de cor azul, cor do divino no mundo Guarani (e hindu também!). A nave vindo de Vega seria a metáfora ou um alterego da Águia cujo olhar é o mais amplo possível. É o mundo espiritual que mobiliza e acolhe as grandes emoções. De fato, o passarinho é nosso coração, ele está vivenciando um devir beija-flor: ao curar suas feridas, ele poderá alimentar em nós o divino e a criatividade. Nós humanos devemos fazer nossa parte, no trabalho de aproximação com o mundo da natureza: cuidar dos animais e da natureza em geral é cuidar de nós.

– Estudando o conto de **Belle Fleur**, **Águavi va** aponta que o perigo é de o Dragão perder o sentido de sua missão na Terra, o que é o grande medo dos Guarani: sempre seus sábios e xamãs lhes lembram que devem caminhar com perseverança em direção ao divino, à “Terra sem Mal”. O Dra-

gão, Belle Fleur é divina e não pode esquecê-lo. Além disso, a questão do “reino interno”, que pede para uma transmutação a fim que se possa adentrá-lo, lembra o mito Guarani de origem: há de se desdobrar no seu coração luminoso para vencer o Nada tenebroso e dilatar-se como uma flor que se abre à luz do sol, sendo o coração, ao mesmo tempo, flor e sol. É bem o sentido do Dragão que descobre no seu próprio coração o “aliado inesperado”.

O que lembra a mitologia Guarani é precisamente essa identificação sol-flor-coração, dentro da floresta originária do primeiro mundo criado. Da mesma maneira que Nhamandu é uma essência vegetal, uma árvore que fica “de pé”, modelo para os futuros humanos (modelo que também produz Rajada de Vento na sua “vitória”), Belle Fleur volta para casa: a felicidade está na presença do ser, na sua fidelidade ao divino que vive nele. Evitar o mundo das trevas representado pelo labirinto, reino da Águia (das Onças no mito Guarani) é uma prudente autoproteção, mas há de saber lidar com as vespas que podem também gostar de flores, sem perder o rumo, a capacidade de conversar com as forças de vida que estão dentro de nós, em lugar de se zangar.

– Podemos dizer que o conto de **Guzito metamorfoseando-se**, no olhar de **Águavi va**, ecoa com a tradução da palavra Mborayu, que significa a união do coletivo como acesso ao amor divino. Como grupo, somos parte do Amor universal, ou seja, temos em nós o orgulho de sermos divinos, desde que não nos isolemos, não nos separemos etc. Mas há de se cultivar a humildade na diversidade, para que esse orgulho divino não nos queime.

Lembramo-nos do Dilúvio na mitologia Guarani: há momentos para trabalhar, agir, enfrentar as dificuldades múltiplas, e há momentos, cada vez mais importantes, para cantar e dançar, ou seja, relacionar-se diretamente com os seres e as

energias divinas. Mas foi necessária essa catástrofe, devido ao escândalo do incesto, para que se ganhasse o poder de alcançar por esforços próprios a espiritualidade (o nariz de clown); é uma reação a esse grande perigo, reação em termos de amor, sensibilidade, emoção e, podemos acrescentar após ter lido o mito, em termos de fé: há de entregar aquelas mãos trabalhadoras do fazer acontecer aos pássaros, quando não há mais nada a fazer para se salvar. Clastres propõe prudentemente duas etimologias possíveis para a palavra YSYPO, “cipó”, na língua Guarani: na primeira, Ysy é a resina, e Pó, a mão: a mão de resina; na segunda, Y é a água, Sy, a mãe, e Pó, a água: a mão da mãe d’água. O cipó Mariri, componente da Ayahuasca, mostrou a mão do fazer-acontecer no conto de Guzito metamorfoseando-se! A água, em lugar de nos isolar numa ilha, vai ligar os seres e relacionar os diversos ambientes, na multiplicidade, diversidade e diferença. Até nas instituições mais devoradoras e fechadas podemos encontrar uma avó que cuida de nós e nos protege, e condutas de evitamento são geralmente mais proveitosas que o enfrentamento direto, por mais potente que seja nossa espada de luz – a qual pode promover em nós o orgulho e sua consequência, uma forma de isolamento desnecessário.

– Ao comentar o conto de **Pérola Azul**, **Águavi va** destaca o vácuo pronto para receber a manifestação criativa, assim como a questão da aceitação do masculino. Com o vácuo, encontramos-nos no mito de origem, logo, o que deve amenizar o sofrimento de Pérola Azul é o fato de que, desde que Nhamandu se estrutura num crescimento de tipo vegetal, ele também se torna espelho e compreensão de toda coisa.

Será a estranha abstração do desenho representando a heroína/herói do conto de Pérola Azul a única maneira que temos, totalmente simbólica porque interdita, de representar a Onça – o traseiro-banquinho zoomórfico em que se assenta o Criador? A clivagem entre o masculino e o feminino em Pérola

Azul pode ser resolvida ao entendermos as divindades-emanacões de Nhamandu como potencialidades, que estão à espera do ser humano para se revelarem e atuarem. Daí, nossa responsabilidade em realizarmos concretamente, com harmonia e sem excessos que colocariam a comunidade em perigo, todas essas potencialidades, tanto masculinas como femininas. Serpente, Cigarra, Girino, Gafanhoto, Perdiz, Tatu, Coruja e Sol são necessários para a vida nesta terra, mesmo que sofrida. A calma do desejo coroa a realidade dentro do nosso coração.

“Veja! Temos o jaguar azul! Nós o temos somente para que beba o sangue da lua”. In: Clastres, 1990, p. 135 (inclusive, “o jaguar azul provoca os eclipses da lua e do sol, tentando devorá-los”, p. 35). Ao relacionarmos essa Onça mística com a heroína de Pérola Azul – “Uma imagem abstrata, na qual não tem bem nem mal (“vemos uma mulher grávida, com a lua”, apontam outros copesquisadores) – pensando também que ela quer algo duro, pontiagudo, selvagem e dolorido (“minha tese de doutorado em curso”), no lugar do invisível, do caos, do nada, da desconstrução, parece natural colocar o conto de Pérola Azul em diálogo com o mito contado pelo xamã Soria Guarani na última parte do livro de Pierre Clastres, “A Fala Sagrada”. E os humanos manipularão a carne da Lua e a oferecerão a Tupã, para sua futura alimentação. Clastres faz a hipótese de que se trata de um mito “esquecido” da origem do canibalismo. Podemos ler “beber o sangue da Lua” como engravidar, no caso de Pérola Azul, já que se diz que nossas produções acadêmicas são nossas filhas. Menstruação dolorida ou comida pela Onça, na violência de formas pontiagudas e selvagens: há um perigo de vida.

Mas existe um vilão: um homem, o macho genérico, e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: um clown monstruoso, desconstruído. A imagem abstrata é derrotada: o sol é rose, fraco, opaco. O jaguar temível que lacera as car-

nes e bebe o sangue: o clown mau – ou a face má do clown, que Pérola Azul é a única, no grupo-pesquisador, a “ver”. Depois do afastamento dos seres humanos de seus deuses, a própria natureza enfraqueceu. Mas ela mesma produz o remédio para sua debilidade: aparece um doador, uma árvore com uma flor (“vemos seios, e um bebê com o cordão umbilical” – colocam outros copesquisadores), que dá um copinho de Ayahuasca, a folha (“me integrei, doei o copo para o caboclo Pena Branca”). Assim se tornou vitoriosa a imagem abstrata: um coração.

É extremamente interessante, porque Pérola Azul nunca bebeu Ayahuasca, nem mesmo na sessão de pesquisa, e ignora os símbolos presentes nas vivências ayahuasqueiras. Principalmente, a sensação de estarmos devorados/as por uma Serpente ou uma Onça, ou ainda de nos metamorfosarmos nesses animais. E todas as comunidades ayahuasqueiras, tradicionalmente, colocam no coração o poder de superar a experiência de morte, pela qual todos e todas passamos numa sessão ou outra. O Amor incondicional é nossa ressurreição, após a morte do Ego – dizem as comunidades híbridas de tradições xamânicas e de religiosidade não americana (ocidental, oriental...), bem como a tradição maya-tolteca.

Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: a estrela dentro do sol e o sol dentro da nuvem (“visualizei o copesquisador Águavi va”). Impressionante, encontramos aqui a nuvem, a bruma, a fumaça do tabaco criada por Nhamandu, como caminho que conduz os espíritos para a morada dos deuses. Aqui, na união não conflituosa da noite e do dia. Da noite e do dia do ser íntimo?

Reencontramos o cipó de que falamos ao comentarmos o conto de Guzito metamorfosando-se, pois a marca recebida pela imagem abstrata é uma mão-árvore (um cipó!), uma benção do Índio, das energias no processo (com meu medo de não ser o momento de eu beber a medicina”), e, na comemo-

ração, vemos uma forma pontiaguda, mas com sóis, coroas, coisas redondas e alegria (“um chapéu de bobo da corte” – comenta um copesquisador): será que a Onça Azul foi integrada, e o clown mau e perigoso, domado? Jung falaria de processo de individuação?

Qualquer que seja a resposta, o conto de Pérola Azul parece um diálogo (freireano?) entre ela e a Medicina sagrada, que ela ofereceu ao Caboclo Pena Branca, dono da floresta e das alianças de paz, na harmonia e na Justiça. É como se a Planta-Mestra lhe ensinasse o que ela precisa saber para se entregar a esse mundo espiritual.

Antes de tomar conhecimento do conteúdo da “FALA SAGRADA” Guarani, Rajada de Vento tinha proposto a leitura dos dados da pesquisa de inspiração indígena, a partir de sua própria experiência com as medicinas indígenas (nove anos de comunhão regular com a bebida sagrada Ayahuasca, numerosas sessões com o kambó, secreção de uma rã que fortalece consideravelmente o sistema imunitário e o rapé, pó à base de tabaco e várias plantas), além de múltiplas leituras antropológicas e espirituais sobre o xamanismo.

Metodologicamente, vê-se que somos como crianças brincando com o que é disponível, inventando, conectando, interrogando, a partir daquilo que fez o que somos e fazemos, e de tudo que pode questionar essa arrumação provisória. Gostamos de desmanchar para entender melhor, assim como fazer conexões mais ou menos malucas, para ver como as coisas podem funcionar diferentemente.

Eis este estudo:

Semilla: A família espiritual é o ambiente curador: as feridas são íntimas, por vir da introjeção da história da opressão e escravidão, mas a medicina indígena Ayahuasca

apoia diretamente o processo de autocura como maturação natural, a partir das forças íntimas, da própria energia de vida pessoal. Essa medicina tem conhecimento do momento certo, ela é uma oferenda espiritual da natureza, que abre para o amor e a consciência ampliada no educar. É a energia da expressão, como quando os índios cantam, celebrando a vida, os afetos bons e ruins; quando eles dançam, fluindo nos seus corpos e espíritos.

Rajada de Vento: As cercas em todo lugar – parecidas com o processo de colonização das Américas – impedem a expansão de consciência. Essa expansão tem a ver com a livre circulação dos corpos, pois é na viagem xamânica que a ONÇA-XAMÃ realiza a cura – também concebida como autocura, inseparavelmente (a “estrela” é o foco dessa viagem: ela vai iluminar seu olhar) – buscando a alma viva presa pelos seres maus. A onça precisa do seu ambiente, no qual ela se integra, para visitar aliados (tais como o passarinho de Águavi va). Nessa história, o desafio curador é realizar sem violência a cicatrização dos males, pela interação e imersão das energias de vida na própria natureza (que incluem a sabedoria ancestral das energias noturnas, e a própria sabedoria da doença). A multiplicação dos elos comunicacionais e a integração das raças, profissões, culturas, gerações é o caminho, a própria vitória, a partir das harmonizações já presentes nos diversos ambientes.

Águavi va: A Sananga (colírio feito a partir da raiz e da casca de uma pequena árvore, que cura e amplia a visão)! Não ter nenhum véu no olhar, trazer evidência e consciência em todo momento da vida. Isso supõe ficar sempre interligado/a, como acontece naturalmente na floresta, e nunca impossibilitado/a de se mover, nem isolado/a. Logo, a partir da cura que a natureza providencia para nós, há de se virar e fazer nossa parte em solidariedade com os que ficam feridos

ou isolados. Há de se convidar, no processo de cura física, emocional e espiritual, os navegantes intersiderais, energias de fora do nosso sistema planetário e de pensamento. Uma pergunta: não seria o passarinho de Águavi va um Bei-ja-flor – símbolo vivo do Coração e da Cura (por exemplo, na Igreja do Santo Daime) – da mesma maneira que a Onça de Rajada de Vento é, nas culturas indígenas da floresta, uma das metamorfoses mais comuns do xamã?

Belle Fleur: Trata-se de uma viagem xamânica de cura espiritual, já que o DRAGÃO é o xamã; ele viaja nos três mundos e procura a chave do portal da transmutação (a borboleta dando uma flor significa a transmutação espiritual pela beleza e alegria de viver). Essa viagem acontece no ambiente da floresta, na qual o xamã está integrado, já que a própria floresta vibra das emoções de alegria ou tristeza (o xamã é a floresta, a floresta é o xamã). O vilão como águia é um xamã mau (ao voarem, é comum os xamãs se metamorfosearem em águias), e o Dragão pode perder tempo no labirinto, pois a cura é urgente: o portal deve ser encontrado. O dragão encontra seu próprio coração como aliado – o que significa que a potência de cura é interna, íntima. A volta para a casa é a cura mesma: nossa energia de cura é interna, ela sempre está presente em nós.

Jezabel Antiga: O chamado para o destravar, a abertura e ampliação, a paz íntima, a superação dos conflitos exteriores e interiores é um chamado xamânico: sem dar ordens, sem julgar, sem ter poder sobre os outros, somente proporcionando a harmonia, como fazem os indígenas que os brancos chamaram de “Chefes”, a partir dos saberes dos antepassados e ancestrais, cuja sabedoria há sempre de lembrar (conforme mostrou Clastres, In: **CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o Estado – pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2013**); e também, através da arte, como faz a comunidade, expressando sua harmonia

e harmonização ao cantar, dançar, pintar os corpos etc.; e, por fim, com a ajuda da curandeira – a xamã que, de coração aberto, dá força e luz na abertura e expressão do próprio coração (no qual jaz a potência de cura, conforme encontramos no conto de Belle Fleur). Esse amor dado num ambiente de compartilhamento é a base que favorece a viagem de cura, no encontro com os espíritos iluminados e na transmutação do útero, no resgate da fecundidade íntima e da expressão, do canto e da beleza, harmonizando o ser. A cura é, ao mesmo tempo, um processo de contato com energias exteriores espirituais e suas próprias energias, íntimas, de cura.

Guzito metamorfoseando-se: Eis algumas considerações para esclarecer a ILHA e o ISOLAMENTO, a partir da obra citada de Pierre Clastres.

Na metafísica Guarani, o Mal é o UM, o Um é o Mal. O criador, para não ficar sozinho e ter tédio, criou o Homem numa terra com males. Assim, o ser humano fica UM, separado dos deuses (daí a busca da Terra sem Mal, liderada por xamãs-profetas).

A ciência política, comenta Clastres, permite fazer a hipótese de que o Um como Mal radical é o poder soberano como desejo do chefe imposto à sociedade, ou seja, o Estado, contra a possibilidade do qual todas as sociedades indígenas da floresta lutam, ao impedirem que os chefes exercitem qualquer poder fora do tempo de guerra, sempre ele mesmo limitado.

Aqui vemos o PODER e o DESEJO, ou, melhor falando, as relações de poder sistematicamente estudadas por Michel Foucault e as relações de desejo, analisadas por Gilles Deleuze e Félix Guattari, *ligadas*: o desejo da pessoa insular, isolada, é desejo de poder, por essa razão há de impedir esse desejo de trabalhar por conta própria.

Logo, podemos colocar uma consequência psicológica: para impedir o surgimento do poder, logo do Estado e da divisão social com todas as formas conhecidas de opressão,

há de nunca produzir o EU (uma CONSCIÊNCIA) como separado (cartesiano, cristão etc.) da comunidade, e, sim, manter no coração da “identidade” pessoal a pluralidade (por exemplo, os melanésios não são um EU, e, sim, uma duplicação do seu Bisavô (ou bisavó), e também uma relação essencial com o Tio materno (Tia paterna, no caso da mulher). Há, em mim, homem, pelo menos dois “outros”, meu bisavô e meu tio materno. Sem falar da consciência coletiva do grupo, que manda em mim e me constitui como essência-não-separada.

Podemos acrescentar: o desejo, como separado, é desejo de “prender”, de apegar e se apegar, de canibalizar (tornar “seu”), ele é guerreiro e traz com a predação a desordem e a infelicidade (conforme mostra o Budismo). Se for comunitário, na inexistência de um Eu separado, ele é Paz, colaboração e solidariedade; o Chefe, desejando a guerra para ganhar prestígio (com sua “Espada de Luz”, por exemplo), enquanto a sociedade não a quer, é abandonado – por autolimitar-se naquilo que nossas sociedades instituirão (entregando-se à instituição proibida do que será o Estado, aos poderes que capturam os desejos e individualizam, isolando os seres); ele é condenado à morte (o “olho gordo” no conto?), diz Clastres, notadamente a propósito do famoso chefe Apache Gerônimo – o que, por parêntese, contesta bastante a definição das sociedades indígenas como “sociedades de predação” na visão de Viveiros de Castro.

Logo, podemos pensar numa outra consequência: espiritualmente, a matriz da comunidade dos seres (humanos, e também não humanos) e da não separação é a NATUREZA, no receber e DAR, logo AGRADECER e CUIDAR, assim como se RESPONSABILIZAR, conforme mostrou Robin Wall Kimmener, no seu luminoso trabalho (**KIMMENER, Robin W. *Braiding Sweetgrass: Indigenous Wisdom, Scientific Knowledge, and the Teachings of Plants.* Minneapolis:**

Milkweed, 2013). Outra abordagem esclarecedora para nosso propósito é a contribuição fundamental de Barbara Tedlock (**TEDLOCK, Barbara. *A mulher no corpo de xamã: o feminismo na religião e na medicina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008**). Pode ser o conteúdo do objeto doado pela ventania: o nariz de Clown.

A marca pelo sofrimento corporal, com o corpo furado em muitas culturas ameríndias, lembra a necessidade de o “Um” (a consciência) existir somente ao pertencer a uma só essência coletiva, essência do grupo humano inseparável do seu ambiente natural (vegetal, mineral e animal) e do mundo espiritual (daí, o Raio e a Ventania, como “furadores espirituais”).

Pérola Azul: Está vivenciando um rito de passagem, um processo iniciático de morte/renascimento que dá um novo status, mas sem cortar a continuidade da vida atual tal como é – talvez uma meia desconstrução de si, por causa do medo de se entregar totalmente e se beneficiar assim de um renascimento total. Apesar disso, várias camadas do ser são iluminadas, da mesma maneira que se realizou uma integração no grupo, na natureza e no mundo espiritual. Daí, uma ideia de frutificação e fecundidade. Provavelmente, a gênese ainda fica feminina apenas, pois o aspecto masculino é visto como perigoso – fora do ambiente de cura representado por Águavi va, que é um transhomem (daí, as seguintes perguntas: o masculino é o maior símbolo vivo do autoritarismo instituído? Pérola Azul tem medo da parte masculina em si própria?).

O que trouxe essa leitura para a pesquisa?

Uma perspectiva “interna” sobre os dados como momentos em processos de cura e/ou momentos de viagens xamânicas. Obviamente, somos mais satisfeitos com as perspectivas trazidas pela mitologia Guarani, que potencializam singularmente nossa pesquisa.

Como último passo na produção de dados de pesquisa, depois de termos realizado todo esse trabalho de leituras e contra-análises, foram idealizados pelo facilitador Rajada de Vento questionários individualizados: as perguntas foram criadas no objetivo de entender melhor e aprofundar a singularidade, a diferença de cada um/a, enfatizando a originalidade do seu aporte pessoal na construção coletiva do conhecimento. Eis os questionários, que achamos bom reproduzir, não como modelo, e, sim, para dar uma ideia ao/à leitor/a de como procedemos. Teria sido melhor realizar *entrevistas* na base dessas perguntas-raízes, mas não foi possível e devemos nos satisfazer com respostas escritas, em que se perdeu o que a entrevista podia trazer em termos de dinâmica espontânea, intuitiva e criativa. Apresentaremos, em seguida, uma síntese disjuntiva (ou seja, uma síntese que preserva e enfatiza as diferenças em lugar de pretender superá-las) das informações dadas através das respostas. Ver-se-á que temos o cuidado de insistir no *elo* entre as histórias e a pergunta de pesquisa, pois, depois do momento intuitivo de deixar vir uma imagem das profundezas do seu subconsciente, dentro de um grande relaxamento, chega o momento racional-crítico de compreensão daquilo que emergiu.

Para Semilla:

- *Como se faz a relação entre o educar com amor e a história dos colonizados no Brasil, na Bahia?*
- *Como você internalizou essa problemática?*
- *Qual a relação entre a folha e a educação?*
- *Entre a folha e a maturação?*
- *Que pergunta você gostaria de fazer a outrx(s) copesquisadorx(s)?*

Para Rajada de Vento:

– Como a arte se conjuga com a aliança entre os saberes acadêmicos e populares?

– Como se dá o processo de redução das feridas e cicatrização pelo crescimento integrado da pessoa?

– Do ambiente?

– Quem é a Coruja?

– O que é um “olhar estrelado”?

– Que pergunta você gostaria de fazer a outrx(s) copesquisadorx(s)?

Para Águavi va:

– Como é esse olhar desejado? Por que um olhar?

– Explique melhor sua proibição.

– De que é preciso sair, para o/a cuidador/a ambiental?

Para ir aonde?

– O que é a liberdade do/a cuidador/a ambiental?

– Que pergunta você gostaria de fazer a outrx(s) copesquisadorx(s)?

Para Belle Fleur:

– O que é a chave no cuidar ambiental?

– O labirinto?

– A borboleta?

– O dragão?

– Que pergunta você gostaria de fazer a outrx(s) copesquisadorx(s)?

Para Jezabel Antiga:

– Qual a chamada, no cuidar ambiental?

– Como é esse “outro lugar” onde a expressão pode fluir?

– Como Oyá (Iansã) te protege?

– Fale do “canto do útero”.

– *Que pergunta você gostaria de fazer a outrx(s) copesquisadorx(s)?*

Para Guzito metamorfoseando-se:

– *Qual a importância do fazer, do fazer acontecer, no cuidar ambiental?*

– *Fale do “olho gordo” no cuidar ambiental.*

– *O que traz o nariz de clown?*

– *A ventania?*

– *Como se utiliza a espada?*

– *Que pergunta você gostaria de fazer a outrx(s) copesquisadorx(s)?*

Para Pérola Azul:

– *Por que o vilão é um macho?*

– *O que é um clown monstruoso, desconstruído, em relação ao cuidar ambiental? O caos, como é?*

– *Explique “A estrela dentro do sol e o sol dentro da nuvem” no cuidar ambiental.*

– *Como se faz a troca entre o Caboclo e o processo?*

– *Que pergunta você gostaria de fazer a outrx(s) copesquisadorx(s)?*

SÍNTESE DISJUNTIVA DAS RESPOSTAS INDIVIDUALIZADAS

Essa síntese foi realizada em estado de trabalho vibracional de Rajada de Vento com as medicinas indígenas (Ayahuasca e rapé).

Semilla

O patriarcado é um aspecto, com seus padrões internalizados de autoridade e obediência, cobrança e desprezo ao outro e a si mesmo, que torna o espaço e o tempo inseguros

e escurece o foco do caminhar. Logo, há de criar um espaço-tempo seguro, continente da criatividade, do respeito e da valorização das qualidades e capacidades de cada um/a. Esse empoderamento é possibilitado pela integração na natureza, pela sensibilização às vibrações íntimas da natureza, que são ativas dentro de nós, sendo nossa essência. Aprender e educar a valorização do positivo em nós exige o encontro com, e o desvelamento crítico dos efeitos fora de nós e em nós da colonização e escravidão, assim como nossa conscientização da violência que internalizamos, por exemplo, na falta de cuidado com os ciclos femininos. A natureza é como uma mãe acolhedora que proporciona esse espaço-tempo seguro, de confiança, aceitação e valorização de cada um/a como ser criativo de si: no processo natural do amadurecimento, acontecem a transformação e a cura. A nossa prática como educadoras/es exige que tenhamos compreensão e controle das limitações do nosso agir, oriundas dessa internalização velada, inconsciente, do desprezo, da cobrança, da autoridade e obediência, para que não os reproduzamos. Assim poderemos semear e deixar germinar as sementes do amor no educar.

Rajada de Vento

Há duas maneiras de se configurar “entre”: pelo pensamento crítico, na interculturalidade, o que, na Sociopoética, gerará *confetos*; pela atividade artística, na transculturalidade, que gerará *intuicetos*. Abrir um portal de integração: a) em nós; b) de nós com os outros; c) de nós com a natureza, faz-se sem esforço, emocional e intuitivamente, através da percepção criativa da beleza e pela interrogação sobre o sentido do viver, do “estar-presente-aqui-e-agora”, pois todos e todas estamos num processo de transmutação (a Borboleta), que é uma re-harmonização. Nesse processo, confiança na natureza e autoconfiança (confiança na nossa natureza) são ligadas.

É só ter fé no amadurecimento, nas forças de expansão e disseminação das sementes de cura e autocura que acontecem espontaneamente. Todo o problema é re-encontrar a espontaneidade em nós (dada pela criança, pelo clown...). Assim ligamos *Terrágua* e *Fogar*, e também culturas heterogêneas, assim como polaridades complementares (masculino e feminino, por exemplo). Quanto mais transitamos em mundos heterogêneos, mais ganhamos potências de cura e autocura. O cuidamor materno é ativo dentro de cada um/a de nós, ele é nosso/a filho/a assim como nossa mãe, avó ou bisavó. Existe uma integração do tempo, das gerações. O espaço que criamos, que é nosso lar (Jezabel antiga), é também um tempo do sonho transgeracional (o “Espaço-Tempo Coletivo Transicional” pelo qual as diferentes gerações sonham umas com outras numa continuidade de confiança, respeito e amor): são as estrelas que nos guiam – as quais são igualmente nossas sementes. Assim encontramos-criamos nosso espaço e nosso tempo de liberdade, contra o colonialismo e o patriarcado. A ampliação da consciência é esse encontro, essa criação, num caminhar paradoxal, pois ele pura contemplação, na Presença total do aqui e agora, no cuidamor pessoal, coletivo e espiritual. Isso é um agir pelo não agir, que mobiliza a Dança transcultural das energias da natureza em nossos corpos-mentes-espíritos. O olhar estrelado é a dança das e nas estrelas, o bem-estar total e integrado, a alegria de viver pela unificação de todas as perspectivas num ponto onde não precisa mais de perspectiva alguma (o Zero e o Infinito). Vivenciamos isso no próprio grupo-pesquisador sociopoético.

Águavi va

A Presença ao mundo jaz no olhar, que registra e passa as informações sensíveis e sensitivas dadas pela natureza, sobre de onde vimos e para onde vamos. Assim encontramos

nossa essência, no “deixar-agir” a natureza, sem desejo de controle, ao promovermos um cuidar coletivo, chamado de *cuidamor*. Nossa natureza e a Natureza mobilizam as mesmas energias, de individuação, que o sistema instituído (patriarcal e colonizador) vela. O agir coletivo passa pela abertura nossa, ao transitarmos por várias culturas, vários modos de pensar, várias formas de autoconhecimento. Assim, a verticalidade das ligações entre os mundos material e espiritual que possibilitamos no cuidamor ambiental encontra a horizontalidade das ligações entre culturas e formas de vida.

Belle Fleur

Há de mudar nossa relação com a Natureza, não numa dimensão de utilidade e manipulação, e, sim, de *livre brincar*. Só assim podemos receber estímulos de todos nossos sentidos e percepções afinadas das nuances. O/a cuidador/a ambiental como Borboleta é a *consciência* na nossa relação com a natureza e conosco, na ideia de flutuar (se deixar fluir nas correntes existentes na natureza), de acolher (os espaços e tempos que existem *entre* os seres), integrando-nos.

Jezabel Antiga

Contra aquelas forças negativas da obediência a padrões patriarcais e colonialistas, a aproximação da nossa ancestralidade espiritual permite conexões que abrem o portal do bem-estar, ou seja, da saúde, física, emocional, mental e espiritual. Esse portal é uma passagem para outra versão de nós, como um duplo espiritual, seguro em todas suas partes. Experimentamos que se torna necessária, para sairmos do medo e da insegurança, uma tempestade violenta promovida pelo carinho, pelo abraço e cuidado de Iansã, caotizando os quatro elementos (ela é fogo e ar por essência, e água como rio, e terra como ligada aos mortos). Iansã nos

ensina o autoninar, cantando. De fato, o portal cria um lar em nós, nossa essência espiritual.

Guzito metamorfoseando-se

Minha originalidade integrada como pessoa, a potência criativa do grupo, assim como as energias da coletividade holística dos seres humanos e não humanos convergem na criação de uma nova sensibilidade e de novas formas de perceber e se relacionar. Isso é o contraponto ao patriarcado individualista, competitivo e predador do ambiente, das coletividades e das pessoas. O clown conecta com os fluxos, no aqui e agora, na Presença, ligando as potências da percepção, da emoção, da razão e da intuição a favor de um agir, de um “fazer acontecer” criativo, que se configura em dança, fluidez, reinvenção do(s) mundo(s). O corpo-em-movimento é um doar espontâneo, um contato profundo, uma entrega total. Desconstrói caoticamente, na ventania, as injunções feitas em nome daquilo que é chamado de “bem”, contra o assim chamado “mal”. Além das certezas internalizadas, temos de caotizar as noções de bem e de mal, para nos encontrarmos *antes*. Um momento é a luta-luz, rebeldia para a transmutação. O Clown de Guzito metamorfoseando-se parece ser um GUZITO metamorfoseando-se em CABOCLO!

Pérola Azul

Aquela dimensão de utilidade e manipulação é característica do patriarcado, do poder do macho na nossa sociedade, em todas as dimensões e relações (manipulação, ego-centrismo...). Há de criar um “não lugar”, um caos fecundo e desestabilizador de todas as certezas e comportamentos internalizados; esse “não lugar” já está presente em coletivos populares autogeridos que preservam a autonomia de cada um/a. Daí a figura do clown que sente o pulsar do pla-

neta, e cura os seres da contaminação, que não somente é ambiental, e, sim, interna, sujando corpo e mente, emoção e espiritualidade. Se tiver que aprender a manipular energias, são nossas energias de clown, energias-estrelas no cuidar de nós, dos outros e do ambiente, do Todo. Logo, o clown realiza uma passagem vertical entre os mundos físico e espiritual, ele é um portal. O/a cuidador/a ambiental é um mediador, uma chave (a “abertura” do ser à Presença reflexiva e auto-consciente segundo Belle-Fleur) de Amor e Respeito.

Sonho de 24/10/2016, depois da escrita da síntese disjuntiva das entrevistas diferenciadas pelo facilitador Rajada de Vento

NOTA METODOLÓGICA: nas pesquisas sociopoéticas, instituímos um DIÁRIO DE ITINERÂNCIA inspirado na Análise Institucional e na Pesquisa-ação, no qual, em qualquer momento, cada participante pode escrever, colar, desenhar etc. o que quiser. Espontaneamente constituiu-se esse diário, pelas várias iniciativas tomadas pelos/as participantes (estudo dos dados por Águavi va, esse sonho e várias colagens teóricas minhas, a avaliação final proposta por Guzito metamorfoseando-se...). Assim apareceu o seguinte poema de Águavi va:

Interior, matriarcal,
 agualazuli
 intimidade macia
 reclusão suave
 fundamentalmente ligada às origens
 flutuar
 nadar
 na nave
 na lua
 arte da ervateira
 cura.

E um sonho meu.... No fim do sonho tinha escrito “DACHAU”, completei mentalmente “Mathausen” (dois campos nazistas de extermínio) e me conscientizei de que tinha uma ligação universal entre todos os aspectos negativos que envenenam e tornam doente a ecologia externa e interna, da mesma forma que o sistema dos campos nazistas obedecia a um plano sistemático de extermínio. Era como uma figura do “Diabo”, mas sem cair na armadilha do pensamento binário e sem dar a consistência que ela não tem, à negatividade (tudo isso, dentro do sonho, e acordei).

Nós relacionamos, na pesquisa, o patriarcado/machismo, a colonização/escravidão e o capitalismo/consumismo individualista como componentes solidários do mesmo sistema. Para dialogar com teóricos acadêmicos, pensei em Foucault, quando micro e macropoderes *heterogêneos* (a gênese da relação patriarcal não é a mesma da escravidão no Brasil, nem do capitalismo globalizado) ecoam e se reforçam mutuamente, compondo uma figura que parece única e transcendente. Para não entrar num raciocínio dualista e paranoico em termos de “Mal” e “Bem”, há de desconstruir – *caotizar*, como dissemos – essas heterogeneidades e entender, se conscientizar de como elas participam da constituição do mundo contemporâneo, das nossas mentes e dos nossos corpos, de maneira sutil e diferenciada, a cada vez renovada. É a única maneira de não cairmos na denúncia moralista e impotente do “Mal” – e, sim, trabalhar esse negativo, para transformá-lo em positivo, em nós e fora de nós. É o processo de cura/cuidado, de cicatrização ativa.

Na busca dessa re-harmonização e cultura da paz, temos várias armas colocadas nas apresentações, nos desenhos e nas falas da nossa pesquisa. Apontando algumas:

– A atenção ao aqui e agora, o culto ao presente e à Presença, que envolve o refinamento e a expansão do nosso perceber e do nosso sentir, seu afinamento com o perceber e o sen-

tir dos outros, humanos e não humanos, assim como da Totalidade (uma forma de ecopresença xamânica e/ou budista).

– A atenção cuidadosa aos nossos afetos, às nossas emoções – tanto positivas como negativas – no sentido de libertar a possibilidade de novos afetos que mergulham profundamente na nossa interioridade velada, transmutando-a no sentido de favorecer a transformação das feridas e do isolamento em aceitação da nossa singularidade, fora de qualquer padronização e da produção de nós mesmos como individualidades separadas e originais, mas solidárias e integradas na comunidade e na totalidade. Aqui se destaca a importância dos coletivos autogeridos e das práticas espirituais de Clown, Criança etc., que espiritualizam essa integração dos afetos nos afetos holísticos da natureza, ligam a ancestralidade ao presente e educam amorosamente as gerações futuras. Nesse cruzamento da verticalidade geracional com a horizontalidade das relações comunitárias e sociais nascem, com certeza, novos afetos.

– A construção de um pensamento sistemático e complexo em fase com a integração das heterogeneidades ativas, tanto na vida espontânea da natureza como no nosso próprio psiquismo; esse pensamento contesta radicalmente o pensamento linear que ainda rege tanto a vida cotidiana como a atividade do sistema técnico-industrial e, infelizmente, muitos raciocínios do nosso dia a dia (podemos olhar do lado de Bateson, Morin, Maturana e Guattari).

Tenho de refletir no *status* da Coruja em mim, a partir das leituras interculturais afro-brasileiras e indígenas, assim como das colocações de outros/as copesquiadores/as na contra-análise.

A Coruja é “*a sabedoria ancestral das energias noturnas, e a própria sabedoria da doença*”.

Na minha resposta à pergunta feita por Pérola Azul – “No percurso sociopoético, a coruja foi morar na tua casa. O que ela te ensinou sobre o cuidador ambiental?” – coloquei:

“O mistério da natureza, seu aspecto de sabedoria noturna, não desvelada, é, para mim, o mais instigante, objeto da minha pesquisa, ao lado do aspecto solar muito comentado e valorizado (que, por essa razão, me interessa menos). É o neném da árvore, mas também sua avó, bisavó ou tetravó. É a continuidade (noturna, secreta, uterina) da vida. O feminino dentro da árvore masculina (eu?)? Essa coruja veio como uma imposição da Medicina Ayahuasca, imediata, necessária, óbvia. É uma intuição, assim como foram as raízes de água. Consequentemente, a copa devia ser estrelada.

*“Agora, descobri nas pesquisas de Gerda Verden-Zoller [In: MATURANA, Humberto e VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Atena, 2004**] que a Coruja que desenhei na intuição ayahuasqueira era uma Mãe: ela está morando na árvore do meu crescimento que cicatriza as feridas, pois ela simboliza (ou significa) o Brincar, ou seja, a presença atenta e cuidadosa da confiança e autoconfiança, do respeito e autorrespeito, em relação ao Corpo materno, à Natureza, base para a dança do ser, a expansão das configurações motoras da Criança num espaço-tempo criativo, numa imaginação que constitui, a partir dos esquemas motores corporais, a criação de um espaço-tempo de liberdade, CONTRA as cercas e barreiras da cidade, contra os projetos, a finalidade e a transcendência das submissões a metas alienadas, seja de um Pai, Deus, Sociedade consumista etc. Assim, a arte se configura como caminho da ampliação sensitiva-gestual-emocional-intelectual, pela qual tecemos encontros amorosos interculturais, no respeito mútuo, sem finalidade outra que o prazer presente nos rituais e naquilo*

que os próprios indígenas chamam de “brincadeira” (danças sagradas). Isso é a expansão de consciência. A própria Medicina-Ayahuasca é um condensado de Presença da Natureza, com seu cossurgimento espontâneo em cada instante, concentrado e catalisador da ampliação do esquema corporal da nossa espécie – espontâneo na Criança, que é a origem da Consciência (de si, do outro e do ambiente sociocultural, assim como natural), e, logo, da sua ampliação, pelo cuidar e curar... O OLHAR ESTRELADO que ganha a Onça heroína da minha busca como CUIDADOR AMBIENTAL é exatamente a Iluminação, cuja possibilidade jaz nessa rede de conexão a partir do esquema corporal do Dançar Transcultural (não é por acaso que Klee e Kandinsky querem pintar como se faz música, e buscam os ritmos fundamentais da vida como matrizes na composição das suas telas), ampliada através do Encontro Amoroso (ou seja, SEM PROPÓSITO) com os outros, na matriz da Natureza.

Posso trabalhar o conflito entre as mães temíveis Iá Mi e as Mães cuidadosas/cuidadoras da seguinte maneira:

Caotizando o saber e as nossas potências capturadas pelo patriarcado-capitalismo-escravidão, deslocamo-nos no espaço-tempo de antes do saber (bíblico!) do Bem e do Mal, de antes da Árvore do Bem e do Mal, atraídos pelas Corujas das *Iá Mi Oxorongá*, nos feitiços manipuladores da vida e da morte humanas. Provavelmente as medicinas ancestrais nos colocam nesse mundo feminino perigoso (componente da *Anima junguiana?*), onde se dissolvem todas as identidades construídas, os projetos, os desejos, na indiferenciação perigosa vetora de esquizofrenia segundo Jung (antes da Lei-do-Pai estruturante do desejo, diria Lacan) – mas com eles também se dissolvem os apegos. Pois é, estamos no surgimento da Árvore da Vida.

Nossa tarefa é tripla:

– Domar essas forças escuras, donas do destino, pela nossa inteligência e nossos afetos, voltados para o Presente, fazendo acontecer as coisas certas no momento certo (astúcia – *metis* – e decisão certa pela Razão oportuna – *kairos* – dos Gregos).

– Não repetir o roubo do feminino (do “matrístico”, segundo Maturana, sendo o matrístico a potência vital do cuidar carinhoso da mãe que antecede qualquer poder, seja patriarcal, seja matriarcal) pelas potências patriarcais, ao satanizá-lo ou recalá-lo, ao desvalorizar o sangue feminino, e, sim, honrar a linhagem das avós, nos nossos corpos-mentes-espíritos tanto de homens como de mulheres.

– Ao contrário do que aconteceu historicamente, devemos considerar que os padrões perigosos são aqueles que configuram o patriarcado, com sua obsessão do mandamento, do controle e da submissão. É mergulhando no matrístico e desvelando-o que podemos nos curar dos males patriarcais, da sofrida história da escravidão e do presente capitalista, consumista e individualista.

Uma atenção aguda aos cantos dos nossos corpos, aos nossos afetos tais como se apresentam, um olhar panorâmico na noite como no dia sobre o mundo tal como ele é, um percurso metódico das perspectivas múltiplas, uma sensibilidade refinada na Presença, tal é o caminho da nossa cura e libertação. A gestualidade como afinação aos ritmos iminentes à Vida, na confiança, gratidão, reciprocidade e responsabilidade para com a Natureza torna-se Dança, ritual, ampliação dos espaços-tempos corporais e intelectuais, no sentido do despertar das nossas capacidades criativas que transitam entre as gerações e os mundos culturais.

O perigo do patriarcado encontra-se no nosso hábito de projetar nossas falhas e faltas no outro, no ambiente, no futuro

e no passado, enquanto o matrístico nos chama para a nossa integração no presente. Nessa integração, a Cura configura-se muito mais como Igualdade e Justiça, Responsabilidade em relação a nossas falas e atos, de que como equilíbrio das polaridades femininas e masculinas, que é somente uma consequência da cura pela Justiça e Harmonia, pela não separação e não divisão. Assim surge a Árvore da Vida com seu poder de cicatrização dos males do Patriarcado, capitalismo e escravidão.

A Coruja é a força sempre presente no nosso habitat, mesmo que invisível, que é a fonte matrística inesgotável (o Coração budista, ou a Criança e o Clown interiores na nossa pesquisa) pela qual surgimos como Árvore xamânico, poder de ligar a Terrágua com o Fogar. Na simbólica de Jung, ligando as sensações e emoções com a intuição e a razão.

A Coruja chama para o respeito e o autorrespeito, intimamente ligados. Ela nos mostra nossa fragilidade, mortalidade, e, por essa razão, abre os caminhos da força e criatividade, da invenção. Somente ao sermos extremamente humildes, em relação aos mais fracos, aos oprimidos e marginalizados, e também aos nossos ancestrais e às gerações futuras, conscientes da nossa igualdade frente à morte e da nossa integração nos processos de vida-morte em nós e na imanência da Natureza, podemos ser cuidadores e cuidadoras da Natureza, em nós e fora de nós.

A Coruja nos conscientiza assim – além das nossas fragilidades – das nossas forças e potências de transformação e transmutação. Isso acontece no olhar estrelado do *Discernimento* (que é um conceito budista importante), da *Sabedoria* adquirida nos sofrimentos e na perseverança (pensamos aqui em Obaluaê e sua mãe Nanã), da *Compaixão* (outro conceito budista fundamental) e da destruição do caos das Ilusões.

O Matrístico não é uma polaridade oposta ao Patrístico, pois, desde que nos abrimos à sabedoria da Coruja, surge

o Sol, a Lucidez que queima os preconceitos, a ilusão da existência separada e autônoma, matriz de todas as ilusões do Patriarcado (e, acrescentará o Budista, do Samsara). Assim, a Coruja se configura como parceira incondicionalmente amorosa da Águia... ou do Beija-Flor, do poder ilimitado de conhecer todos os pontos de vista ao mesmo tempo e realizar o Equilíbrio da Justiça (Águia), premissa da Transmutação (Beija-Flor).

No trabalho sociopoético, os *confetos* e *intuicetos* criados pelo grupo-pesquisador são apenas a mastigação e a digestão desse duplo olhar, na profundidade das terras-mães e das águas primordiais, assim como na leveza e na velocidade dos ares e fogos das alturas. O grupo-pesquisador é um xamã, uma árvore, uma onça que anda e dança nos três mundos e, por essa razão, conecta os múltiplos espaços-tempos num único momento.

Assim, encontramos-criamos a Beleza, a beleza como harmonização, na humildade, discrição e respeito, como devaneio e sonho com a singularidade de cada ser, com a igualdade na diferença (no budismo, a *Equanimidade*). Criamos o Comum, como encontro solidário entre todas as formas de vida, como atuação da *Bondade amorosa* (outra virtude budista decisiva; como já falamos da *Compaixão*, falta só uma: a *Alegria empática* – que necessariamente encontramos enquanto Clowns e Crianças).

Isso explica a importância da Arte no saber e no agir da Coruja. Seja nos abismos da dor e das feridas, seja na leveza da alegria, o artista capta as forças e as transmuta, expondo-as, tornando-as visíveis e audíveis, favorecendo a comunicação transcultural e transgeracional através da Intuição (**os *intuifetos*, misturas de intuição e afetos, aos quais, talvez, deveríamos ficar mais atentos como sociopoetas**).



**RAJADA DE VENTO VESTIDA DAS CORES DE XANGÔ,
OBRA DE UMA COOPERADORA ANÔNIMA
NA ECONOMIA SOLIDÁRIA**



PEQUENA NOTA TEÓRICA DE RAJADA DE VENTO

“*Meu desejo de saber as coisas me esgota:
danço, danço, e danço ainda*”
(*hino criado por um pajé*)
In: CLASTRES, 1990, p. 121

A medicina sagrada Ayahuasca nos coloca em estados que, por enquanto, chamaremos de Estados Ampliados de Consciência (EAC, preferencialmente a Estado Alterados de Consciência, já que a palavra “alterada” traz a ideia de alteração mental, de doença, o que é oposto à realidade vivenciada pelos/as participantes, que é uma realidade de cura), ou, como dizem certos autores, em Estados Alternados de Consciência (EAnC), já que se alternam os estados comuns e os estados ampliados. Percebe-se, na nossa pesquisa, que a abertura e a transmutação mobilizam todos os chakras (as rodas energéticas) do corpo sutil. As pessoas vivenciando rituais indígenas com medicinas sagradas testemunham que elas tiveram a impressão de “abrir portais”, entrar em mundos paralelos, ou em versões diferentes do nosso mundo, fora das limitações que conhecemos no espaço e no tempo. Até, muitas vezes, falam de se sentirem como pertencendo a uma consciência mais ampla, ou recebendo mensagens visuais ou auditivas de entidades geralmente luminosas e sábias. Sobre esses aspectos, existe uma literatura científica, dentro da qual destacaremos dois livros: **NARANJO, Cláudio. *Ayahuasca – A enredadeira do rio celestial*. Simões Filho: Kalango, 2015** e **SHANON, Benny. *L’expérience de l’invisible – psychologie de l’Ayahuasca*. Paris: InterEditions, 2015**.

Uma questão interessante é saber o que trazemos, ao abriremos portais sobre outros universos. Entender de onde

vem a informação recebida é fundamental. Os mais céticos dirão simplesmente que acessamos ao nosso inconsciente, a conhecimentos profundos e antigos que foram recalçados, muitas vezes, por causas de traumas; assim, torna-se possível um processo de cura, ou a aceleração de um tratamento psicoterapêutico em curso. É difícil saber se as especulações atuais que ligam nossa consciência à física quântica, até falar de “consciência quântica”, vão além de metáforas sem fundamento sério, ou se possuem um futuro científico. Resumindo, nosso universo seria uma atualização entre outras possíveis, de uma **matriz informacional** que existe fora do espaço e do tempo. Com efeito, a informação pode se deslocar sem ficar presa dentro do limite da velocidade da luz, conforme mostraram experiências famosas da física quântica, em que partículas muito distantes uma da outra “sabem” imediatamente o estado da outra. Nossa memória, na vida cotidiana, trabalha assim, trazendo a presença imediata de fatos de um passado muito remoto, mais ou menos reinterpretados. De maneira mais radical, podemos pensar que, naqueles Estados Ampliados de Consciência, saímos dos limites espaço-temporais ordinários e tocamos na matriz informacional. Nada impede teoricamente que essa matriz possa expressar-se em universos diferentes, sendo o nosso uma atualização bloqueando a expressão dos outros, que ficam virtuais (é nesse sentido que podemos falar de “multiverso” em lugar de “universo”). Ver, por exemplo, **LAMA DARJEELING RINPOCHE. *Méditation, physique quantique et hypermatrice informationnelle*. Dorjee Publishing, 2014**). Numa outra concepção, enraizada em modelos matemáticos coerentes, compartilhados pelos pesquisadores em astrofísica, existiria somente um universo, o nosso, mas com umas 11 ou 12 dimensões, logo, 7 a 8 a mais que aquelas que experimentamos, ponto, linha, espaço e tempo. As me-

dicinas nos dariam acesso a umas dessas dimensões a mais, em que se sai do espaço-tempo e se pode ter acesso a informações vindo do que é, para nós, o futuro, além de entrar pela consciência nessas dimensões que, para nós, são silêncio e vacuidade.

As medicinas tirariam a fechadura, abririam portais, e assim teríamos visões repentinas e parciais sobre outros universos ou outras dimensões do nosso universo, a partir das informações contidas na hipermatriz. Os guias encontrados (mestres, orixás etc.), nos dariam acesso a conhecimentos que são virtuais e inacessíveis no nosso universo cotidiano. Podemos compreender esses conhecimentos apenas na nossa linguagem, com todas suas limitações: por exemplo, numa concepção “fraca”, sempre perigosa, pois antropomórfica, os orixás são vistos como “reis” e “rainhas”, enquanto já na África eram concebidos como fenômenos vibratórios da natureza que sabemos quântica; numa concepção “forte”, pela intuição, pelo silêncio, eles são ondas vibracionais que nos penetram, pela mediação da Professora Ayahuasca (ou pela dança do orixá etc.) e, assim, nos ensinam, no silêncio ou nas ondas, nas vibrações do canto e/ou da dança.

A intuição é fundamental. A matriz informacional desdobra-se em qualquer ser do universo, do elétron ao humano, passando pela pedra, pelo animal e por entidades não humanas. Chamá-la de “Consciência” ou envolve uma visão espinozista de a Natureza existir SIMULTANEAMENTE sob uma infinidade de formas, das quais percebemos apenas duas, o Pensamento e a Extensão. Logo, tudo que é matéria é, ao mesmo tempo, espírito; ou, então, é um abuso, pois o que ordinariamente chamamos de consciência é capaz de se autorrepresentar, de ser “consciência de si”. Temos nenhuma prova de que as energias da Natureza se autorrepresentam, como nós fazemos (a não ser que queiramos imaginar um

Deus feito à nossa imagem, com uma consciência de si, uma vontade, um plano para nós! – todos os delírios do antropomorfismo pertinentemente denunciados por Spinoza). As tradições mais refinadas veem Deus, ou a Natureza, como tomando consciência de si através do ser humano que possui essa forma de consciência na potência 2. Mas ainda é colocar o ser humano, tão limitado, no centro do mundo e acima dos outros seres, o que é tipicamente ocidental e bíblico; nenhuma Tradição indígena o faria... E respeitamos de maneira contracolonial essas tradições, já que a Ayahuasca é delas e não nos damos o direito de nos apossar, mais uma vez, do cérebro e do coração dos colonizados. Não é melhor aceitar, como fazem os indígenas, nossas limitações? E chamar com eles de Grande Mistério essa potência presente em todo ser que supera nossas faculdades de compreensão em lugar de baixá-la, ao ser concebida apenas como uma extensão ilimitada do que somos.

Somente práticas de meditação, de ioga ou de purificação xamânica tornam possíveis deslocamentos além dos limites da consciência ordinária, pois o futuro, cheio de nossos projetos relacionados aos nossos automatismos instintuais e culturais, resiste à modificação. Cada um/a de nós possui sua forma de “sujeira mental”: para alguns e algumas se trata do apego às suas “certezas” (vimos no estudo dos dados da nossa pesquisa que foi muito intensa a questão de abrir mão das nossas certezas mais profundas), para outros/as, do apego a emoções autocentradas e protetoras, e, para outros/as, enfim, do apego à avaliação e ao julgamento moral de si e dos outros (também foi forte este tema na nossa pesquisa). Libertar-se desses apegos significa substituir pela compaixão e dom de si, pela fé na luz interna dos outros as certezas do conhecimento adquirido, as emoções protetoras do ego e a terrível paixão de julgar.

De maneira pragmática, no nosso dia a dia, o fato de nós sermos mais amorosos, compassivos, alegres, empáticos e equânimes por vivenciarmos regularmente sessões ayahuasqueiras com toda seriedade e responsabilidade, entrega total às nossas intuições, comprova a “verdade” das nossas mirações. Elas são verdadeiras, porque agem, nos transmutando.

A hierarquia de organização e complexidade do Universo tem nada a ver com a hierarquia espírita, de luz espiritual VS densidade material. Parece-me que confundir esses dois tipos de hierarquia significa que as pessoas não querem abrir mão das hierarquias institucionais às quais estão acostumadas, não querem sair, fosse apenas mentalmente, da ordem sociopolítica instituída e aceitar a autonomia e a igualdade, a igual responsabilidade das pessoas frente a si próprias, à sociedade e ao meio ambiente.

A espiritualidade ayahuasqueira nos convida para assumirmos uma posição política libertária, de profunda fé (confiança) na igualdade dos seres humanos (e não humanos), cada um/a trilhando seu próprio caminho no seu ritmo, sem que ninguém esteja em posição de julgar, de avaliar os méritos de tal ou qual pessoa – a não ser que tenha atingido o status de mestre ou mestra espiritual, o que é extremamente raro (uma das provações no caminho sendo a identificação de “falsos mestres”, encontrados em tal ou qual comunidade).

No grupo-pesquisador sociopoético, geramos conhecimentos e pensamento graças às nossas divergências. A expressão delas é favorecida pelas técnicas de relaxamento e de jogos grupais que constituem o grupo como “continente bom”, como diria Winnicott, onde podemos devanear, sonhar com os outros sem medo, sentindo-se acolhido/a e reconhecido/a. Ninguém se sente julgado, não há poder de ninguém, os/as facilitadores/as tendo um papel meramente técnico de fazer com que o dispositivo coletivo funciona

bem, na igualdade de todos e no respeito do tempo que temos para a pesquisa. Assim se cria uma dinâmica de aprendizado mútuo, através de conexões no aqui e agora que permitem a cocriação de conhecimentos, o que reflete a ética indígena Guarani da integração do indivíduo na comunidade. **Isso é profundamente político e contracolonial**, sobretudo na medida em que o grupo autônomo elabora os seus problemas filosóficos, cria seus confetos e intuícos, age como personagem conceitual – e não depende de problemáticas elaboradas por outros. Ligamos perceptos, afetos, intuições e conceitos de maneira original e complexa, superando as barreiras encontradas por um/a pensador/a isolado/a.

O tema-gerador da pesquisa tendo sido o/a Cuidador/a Ambiental, é normal que encontremos mais aspectos psicológicos que políticos no conteúdo dos dados da pesquisa. Mas a forte ligação que se fez entre nós e entidades presentes nas culturas indígenas e afro-brasileiras tem um aspecto político: o cuidar da terra, do ambiente, da vida, assim como a responsabilidade espiritual pela qual somos interligados com entidades sagradas nessas culturas apareceram com força e constância. A “Arte de ter cuidado”, como diz Isabelle Stengers (In: **STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes. São Paulo: Cosac Naify, 2015**), é uma arte na qual indígenas e integrantes do Candomblé são peritos, pedindo por “gratidão, reciprocidade e responsabilidade”, como enfatiza a pesquisadora indígena Robin Kimmener (In: **KIMMENER, Robin W. Braiding Sweetgrass: Indigenous Wisdom, Scientific Knowledge, and the Teachings of Plants. Minneapolis: Milkweed, 2013**): as plantas, por exemplo, sabem transformar a luz, o vento, a terra e a água em alimentos e remédios, o que não sabemos fazer. Elas possuem a memória que perdemos das ligações e interações entre todos os seres (do “interser”, segundo Thich Nhat Hahn explicando

a “vacuidade” budista – Sobre este tema a referência é, no site <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/10332>, o artigo de Zara de Oliveira Freitas Magalhães Lyrio: ***O Inter-ser como proposta existencial no budismo de Thich Nhat Hahn***) Essa arte de cuidar do meio ambiente não existe sem educação e criatividade, tanto coletiva como individual, e fora da cultura do consumismo baseada na competição, no individualismo e na predação capitalista. Podemos dizer que, na nossa pesquisa, nos reapropriamos da arte de ter cuidado, presente nas nossas culturas ancestrais. Cuidado com o ambiente, cuidado com a comunidade, cuidado com os/as outros/as, cuidado conosco. Existem importantes possibilidades de diálogo intercultural com o ecofeminismo e as teorias feministas do “Care”, notadamente, as pesquisas de Carol Gilligan (**GILLIGAN, Carol. *In a Different Voice*. Cambridge Mass., Harvard University Press, 1982**).

Esse último aspecto foi essencial. Eis um aspecto interessante da Sociopoética: consideramos o ser humano na sua integralidade, e não podemos isolar uma dimensão em detrimento da outra. Procuramos, de fato, quais os obstáculos que encontramos, externa e internamente, cada um/a de nós na sua dedicação ao cuidar ambiental. Frequentemente, as militâncias não dão muita importância à dimensão individual e psicológica desse cuidar, ao valorizarem mais as condições “objetivas” da luta política. Mas nossas subjetividades pertencem a essas condições ditas “objetivas”. Podemos imaginar várias pesquisas feitas com as mesmas técnicas por grupos-pesquisadores diversos, acadêmicos, indígenas, afrodescendentes etc. Nas suas diferenças e até divergências, produziriam um grau de complexidade e profundidade extremamente questionador, capaz de dar pistas para uma atuação política pertinente e ajustada à diversidade das situações e dos contextos. Como diz Isabelle Stengers, na refe-

rida obra, p. 89, nos reapropriamos “da capacidade de fabricar nossas próprias questões, e não responder às questões, sempre arditas, que nos são impostas. Nunca fabricamos em geral, e nunca somos capazes em geral”.

Com efeito, os saberes heterogêneos ativos nas pesquisas sociopoéticas desmistificam as fabricações acadêmicas, frequentemente fechadas no seu mundo cultural endógeno e apenas afirmando generalidades, abstrações pouco pertinentes para uma real mobilização popular. Não pensamos por ideias gerais, e, sim, por conceitos (confetos, intuitos etc.) contextualizados na vida das comunidades e das instituições. O pensamento tem a tarefa de desconstruir os consensos fáceis em redor do risco ambiental (que facilmente não ultrapassam o nível do mero discurso bem-intencionado – o qual pode ser manipulado por qualquer força socioeconômica conforme seus interesses).

O que ganhamos na pesquisa são dados que nos fizeram pensar, e que podem fazer pensar outras pessoas, outros coletivos. A Sociopoética pode fazer sua esta declaração de Isabelle Stengers (obra citada, p. 131): ela “não manifesta a igualdade dos homens quando se trata de pensar, mas a *eficácia de um dispositivo que implementa a igualdade*”, como fazem as assembleias-cidadãs ou os júris populares aos quais ela se refere, em oposição à escola que pressupõe geralmente a ignorância do/a aluno/a. Para nós, sociopoetas, a produção da igualdade tem um aspecto de transmutação espiritual: o grupo-pesquisador, como enfatizou a pesquisa, nos pede para abirmos mão das nossas convicções e certas mais íntimas, e acolhermos os/as outros/as como mistério, fragilidade e humanidade. Essa aprendizagem mútua se faz como uma respiração, por diferenças e semelhanças, expressão e integração não consensual da diversidade, das divergências e até das possíveis incompatibilidades.

“Que se honram as divergências!” O cuidado com o mundo, em si e fora de si (ou, melhor falando: dos mundos múltiplos que constituem a humanidade, o estar-no-mundo dos seres humanos – e quem sabe, dos não humanos) abre o saber para as dimensões sagradas do desconhecido e para a alegria de tocar o sagrado, tanto em nós como nos/as outros/as.

GESTALTPOÉTICA?

A Gestalt-teoria e a Gestalt-terapia combinam perfeitamente com nossas orientações espirituais de cura xamânica, qualquer que seja a concepção cosmológica de referência, pois, oriundas da fenomenologia, não separam o objeto do sujeito, toda percepção sendo “percepção de” e todo pensamento sendo “pensamento de” – sendo o sujeito inseparável dos seus objetos, e reciprocamente. Ao vivermos, constituímos um mundo, por parte singular, por parte comum a uma cultura ou comunidade: estamos, singular e coletivamente, inseridos nesses mundos que (co)criamos pelo mero fato de existirmos e percebermos. Existem somente mundos “para nós”, e não faz sentido falar de mundo objetivo, independentemente de qualquer hipótese sobre a objetividade da Natureza antes do aparecimento da consciência humana. Da mesma maneira, a questão de saber se existem espíritos (ou um “Deus”), independentemente da nossa consciência, não faz sentido, pois sempre pensamos esses espíritos do ponto de vista da nossa consciência. “Ilusórios” ou “reais”, eles estão dados no campo de certas consciências e não são dados no campo de outras. Portanto, o que importa é a intenção, que é o fundo originário de qualquer dado e gera o sentido, base sobre a qual encontramos-criamos nossas “verdades”. A visualização de deidades no budismo tântrico, as mirações produzidas em rituais ayahuasqueiros dependem da nossa

intencionalidade (no caso, de cura e/ou de iluminação). As psicologias transpessoais, em Naranjo notadamente, que experimentou cientificamente o uso da Ayahuasca como medicina psicológica, enraízam-se, assim como a Gestalt-teoria, na fenomenologia (já citamos dois livros de referência: **NARANJO, Cláudio. Ayahuasca – A enredadeira do rio celestial. Simões Filho: Kalango, 2015** e **SHANON, Benny. L'expérience de l'invisible – psychologie de l'Ayahuasca. Paris: InterEditions, 2015**).

– O grupo-pesquisador sociopoético define um “campo”. É muito evidente nesta pesquisa: os conteúdos dos nossos contos não somente manifestam nossas consciências em estados ampliados ou alternados, mas também estão interligados no grupo-pesquisador, definindo evidentemente um único perceptor-pensador coletivo. E mais: não podemos saber nada de cada uma de nossas consciências fora do que elas se dão como objetos de percepção e pensamento, fora dos afetos também que vivenciam na sessão de pesquisa mediatizada pela Ayahuasca e dos elos existentes entre essas percepções, esses afetos e pensamentos (na Sociopoética, como se sabe, falamos de *confetos*, *perfetos*, *intuicetos* etc.), assim como, aqueles que encontramos-criamos em outras experiência de vida, conforme foram parcialmente desveladas nos comentários e nas análises dos dados. Assim...

– Confirmamos que existem “zonas de contato” múltiplas, entre os/as copesquisadores/as e entre cada um/a e o “mundo”.

– Com grande respeito, entusiasmo e humildade.

– Considerando cada um/a dos copesquisadores/as na sua singularidade, com suas fraquezas ou fragilidades (evitando certas zonas de contato, ou sofrendo ao “tocarem” essas zonas: exemplo intenso de Jezabel Antiga) e forças

(competências e criatividade singulares, favorecendo transformações saudáveis).

– Há uma dialogicidade que favorece uma fluidez e transformação/apropriação pessoal dos mundos heterogêneos no campo coletivo. Isso nos educa a ampliar nossas consciências singulares até a percepção do mundo dos/as outros/as, numa *intenção* de cura e melhoramentos espirituais.

– Percebe-se a alternância *figura-fundo* na dialogicidade freireana entre os/as copesquisadores/as. Observamos, assim, na nossa pesquisa, as transformações, nos vários contos, de certos “seres”: coração, estrela, sol, vários animais e plantas; figuras que se destacam em certos desenhos apresentam-se como fundos em outros. Isso é extremamente interessante num grupo-pesquisador: existem *ligações implícitas* entre copesquisadores/as através dessas mudanças, que podemos formular assim: **alguns traços de mim são um fundo em que se destacam figuras em você, e reciprocamente**. Foi muito forte no conto de Pérola Azul, que acabou “encontrando” Águavi va como “*A estrela dentro do sol e o sol dentro da nuvem*”, até escolher como nome de pesquisadora a própria Pérola Azul do conto de Águavi va. Podemos, de maneira geral, formular as coisas da seguinte maneira: “Preciso de você para me destacar ou para fazer com que você se destaque, numa reciprocidade carinhosa. Esse aspecto gestaltista, experimentado aqui pela primeira vez no comentário teórico de uma pesquisa sociopoética, completa as leituras inspiradas em Deleuze e Guattari – às quais estamos mais acostumados – em que energias infraindividuais parecidas ou diferentes atravessam vários/as copesquisadores/as e configuram o pensamento grupal, ou seja, o grupo-pesquisador como filósofo coletivo.

– As técnicas artísticas e a dialogicidade na coconstrução do pensamento coletivo favorecem o desenvolvimento,

para cada um/a, da “sua criatividade, sua curiosidade, suas funções de contato, sua capacidade de personificação, sua espontaneidade e sua flexibilidade diante das situações (AGUIAR, Luciana. *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática*. São Paulo: Summus, 2015, p. 239).

– Fica em aberto a questão das *Gestalten* (formas, figuras) a serem completadas: parece que a escuta sensível mútua no trabalho coletivo de pesquisa torna possível a identificação de uma Gestalt incompleta em cada um/a de nós e favorece o trabalho psicológico de acabamento da Gestalt, trabalho de cura por excelência. Eticamente, posso apenas falar de mim, ninguém tendo o direito – como aprendi com os povos do Pacífico – de falar em nome do/a outro/a. Assim, no meu caso, em que desenhei (acreditei desenhar) uma onça como heroína do meu conto, os demais participantes identificaram um caranguejo. Isso me chateou mesmo, até desestabilizar meu sono durante vários dias. A forma (Gestalt) como, no caso, configuração incompleta, diz respeito ao sentido da minha identificação à Onça, animal predileto das metamorfoses xamânicas, com o qual me identifico e, às vezes, me “metamorfoseio” em rituais indígenas. Mas essa Onça provavelmente possui um aspecto inconsciente de Caranguejo, logo, ela é pura garra, puro agarrar, pegar e prender, morder e devorar como imagem mental intimamente ligada ao meu ser e estar-no-mundo – trazendo medo aos outros, o que não revela o melhor de mim. Isso significa que eu não construí com clareza o “desprender”, o “desapegar”, e estou – como se diz no jargão ayahuasqueiro – no processo... A proibição da Onça é justamente de morder e quebrar as cercas com seus dentes pontiagudos. Sua aprendizagem é abrir mão da guerra e deixar crescer naturalmente a vida (a árvore), e confiar: confiar na vida para resolver as situações, confiar na sua própria criatividade (conforme o desenho da

obre de arte, quando visualizei uma paisagem tropical de Gauguin na posição de Doadora da Aliança entre saberes acadêmicos e populares – no caso, indígenas tomando rapé e aprendendo dele). Quem agride, se autoagride. Provavelmente, a medicina sagrada Ayahuasca ajude nesse processo de completar a Gestalt do equilíbrio dinâmico e pacificado, dentro de si e fora de si (Jung, no seu próprio mundo teórico, falaria de “mandala”, provavelmente, como manifestação de um arquétipo). Interessante no meu conto aquela aprendizagem da Cultura da Paz que estou fazendo junto às comunidades indígenas que, apesar do genocídio, do racismo e das múltiplas agressões e mortes das quais são vítimas, nunca se colocam como coitadinhas, vítimas cheias de ressentimento ou autopiedade, e, sim, lutam com fé e amor. Para finalizar, a Coruja do meu conto é bem o animal companheiro da Terceira Mãe Original (segundo Jamie Sams apresentando, como vimos, histórias de indígenas da América do Norte), que nos ensina “a encontrar a capacidade de enfrentar e ficar determinado. A alimentar o positivo e não o negativo em nós, com o recurso da Lei Divina. A implantarmos a igualdade com justiça, sendo responsáveis dos nossos atos e palavras. Com o recurso da nossa integridade pessoal, da nossa ética e dos nossos valores, para encontrar as soluções que curam”. É a questão mesma da confiança em si e da fé na positividade da vida que está em pauta. Parece-me que se trata do meu próprio processo de autocura, além da ligação íntima da Coruja Branca à Justiça para com os fracos, que é exatamente a característica de Xangô, meu orixá de cabeça.

TUDO que escrevi desde o início da redação destes textos foi escrito na presença da medicina sagrada Ayahuasca em mim (a qual está ativa, acredita-se, durante 15 dias) e, dia após dia, com tomadas regulares de rapé que me ajudaram muito no sentido de ter clareza sobre o

que “devia” ser dito, por causa da sua relevância, abrindo minha intuição a aspectos que não percebia ou dos quais percebia apenas algumas dimensões, nem necessariamente as mais importantes.

La esquecer de comentar o quanto a questão da arte como força espiritual é de fundamental importância no meu conto!

Falando rápido e limitando-me a Gauguin, já que meditei bastante sobre a espiritualidade em Klee e Kandinsky, há em mim um aspecto existencial: tendo lutado ao lado do povo indígena kanak da Nova-Caledônia (Pacífico-Sul) pela independência da França, ainda colonizadora, e compartilhado o cotidiano das aldeias, sei o quanto Gauguin expressou com intensidade e veracidade o sagrado nas comunidades, nos seres e nas paisagens das Ilhas do Pacífico. A natureza é sagrada: cada colina, cada rio, cada bosque é povoado por espíritos, e não se percorre a paisagem, não se entra numa casa sem pedir autorização a eles. Gauguin soube evidenciar, pelo seu tratamento das formas e das cores, nos corpos, nos objetos, nos seres da Natureza, nos ambientes e nas luzes, o sagrado. Até fiz tatuar nas minhas costas um espírito taiciano que ele pintou.



MONTAGNES TAHITIENNES, GAUGUIN, 1891

HORIZONTALIDADE E VERTICALIDADE: O GRUPO-PESQUISADOR, DA GESTALT-TERAPIA À ESQUIZOANÁLISE

A questão é a do *status* das *Gestalten* – formas, configurações. Toda experiência que temos da vida, e da vida psíquica em particular, mostra que essas formas não são ideais (essências platônicas) acabados de equilíbrio entre polaridades já definidas (o que negaria o movimento contínuo da vida), mas, como no Yin-Yang taoísta, movimento que se fecha apenas para se abrir de novo, um polo sempre existindo dentro do outro, crescendo e decrescendo em proporção inversa. O equilíbrio é sempre processual, dinâmico, instável ou, melhor, metaestável – conforme os estudos de Simondon [**SIMONDON, Gilbert. *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information*. Grenoble: Millon, 2005**]. Senão, seria a morte. Tudo está se transformando.

Numa visão filosófica enraizada nas filosofias ocidentais, encontramos a esquizoanálise, segundo Deleuze e Guattari, que é uma referência para o diálogo teórico em muitas pesquisas sociopoéticas. O equilíbrio dinâmico (ou desequilíbrio harmonizador), por certo, é um signo de boa saúde mental, física e espiritual. O fato de nós não termos “fechado”, “acabado” uma configuração psíquica harmoniosa, significa que estamos presos/as num processo ainda ativo (talvez desde a infância ou adolescência), de maneira inconsciente, que gasta energia e sempre nos dobra sobre as mesmas dificuldades, conflitos, mal-estares, sem que possamos intervir. Contra as tentações platônicas de conceber as *Gestalten* (formas) como essências transcendentais, penso que fechar o processo e nos harmonizar não significa que integremos Formas já dadas no céu das Ideias (como numa geometria sagrada), tornando-nos assim quase anjos, e, sim, que estamos dentro da onda da matéria viva, levados como

todo ser vivo pela própria busca do equilíbrio a uma forma de tensão, de desequilíbrio superior. Nessa metaestabilidade encontramos a saúde, pois estamos congruentes com a própria dinâmica da vida. Psicologicamente, esse processo é chamado de “conscientização”, e podemos verificar, pela nossa experiência de vida, que ele nunca é acabado: a passagem para uma dimensão superior de compreensão nunca traz a compreensão absoluta, a não ser que atinjamos o que os budistas chamam de “iluminação”, de “despertar”. O Yi Jing, Livro das Mutações, base de múltiplas correntes filosóficas na China, expressa essa ideia de inacabamento do processo de desvelamento da consciência pelo fato de que o último hexagrama, 64 WEI JI, “Ainda não atravessado”, constituído pelo trigramma Água debaixo do Fogo, possui uma ordem velada atrás da aparente total desordem: da mesma maneira que só um louco tentaria cozer arroz ao colocar a panela de água debaixo do fogão, todos os traços são em posição “errada”, yin em posição yang e yang em posição yin. Mas essa total inversão da ordem é uma ordem. O desequilíbrio máximo chama a sua resolução num equilíbrio novo, e ao chegarmos no último hexagrama, podemos percorrer o Yi Jing de novo, ou voltar ao início em sentido contrário. Destaca-se aqui o fato de que o penúltimo hexagrama, 63 JI JI, “Já atravessado” é a ordem perfeita, cada traço estando no seu lugar; ele é constituído pela Água acima do Fogo, e o arroz civilizado pode ser corretamente cozido. Só que essa ordem não pode durar, ela vai necessariamente se alterar... e a ordem perfeita imediatamente sofrer uma desestabilização na desordem máxima de 64 WEI JI. Atravessamos direitinho o rio da existência, e já estamos sem tê-lo atravessado! Não é o mínimo paradoxo do pensamento dos antigos chineses.

É nesse sentido de processos metaestáveis que Deleuze e Guattari experimentam o conceito de “Corpo sem

Órgão” (CsO), criado pelo prático e teórico do teatro Antonin Artaud. Dizem eles que ele é um “limite” inatingível, e que estamos em processo de constituição, para nós, de um CsO. Não se trata de combater ou negar os órgãos, e, sim, de desconstruir, “anarquizar” a organização do corpo (logo, da mente), tal como se constituiu em nós, dentro das instituições familiares, sócio-históricas, políticas, que caçam as deviações, matam as rebeldias e aprisionam nosso sentir, nossos perceptos, afetos e pensamentos em padrões de obediência e conformismo. Há de desfazer o “eu” – esse eu tal como foi formatado – ao fazermos circular um povo inteiro de intensidades, populações e matilhas, e, finalmente, criarmos um outro corpo, não organizado, feito de energias livres com poder de fazer rizoma ou se combinar com outros corpos ou frações de corpos. O “eu” está sendo, assim, negado pelo antes e pelo depois, por baixo e por cima: aliam-se ou afastam-se energias pré-individuais vivas em várias pessoas, sem passar pela integração, pela organização na identidade de fulano e beltrano, mas conectando-se em nível superior num coletivo: na Sociopoética, trata-se do grupo-pesquisador emergindo, fazendo-se no próprio processo da pesquisa, como Personagem conceitual.

No que diz respeito ao cuidar ambiental, o grupo-pesquisador age como parte imanente da Mãe-Natureza, recebendo suas energias físico-espirituais (plantas, animais, orixás, conforme nossos contos evidenciaram) e transformando-as em narrativas que comunicam umas com outras, aquém e além dos limites dos nossos corpos-mentes individualizados.

Assim vivenciamos devires, devir-planta, devir-animal, devir-criança, devir-(talvez)-outro/a-copesquisador/a. As intensidades circulam no Corpo coletivo do grupo-pesquisador sem que exista nem eu nem outro/a. O grupo-pesquisador é um devir-nômade.

Em relação à nossa pesquisa, é obviamente de primeira importância o fato de que Artaud experimentou e pensou pela primeira vez o CsO na sua vivência em cerimônias de que participou com os indígenas do México *Tarahumara*, cujo Mestre era *Ciguri*, o Peiote, outra planta que proporciona Estados Ampliados e Alternados de Consciência (ARTAUD, Antonin: *Les Tarahumaras*. Paris: Gallimard, 1971). O CsO, comentam Deleuze e Guattari na sua obra prima *Mille Plateaux*, é um fenômeno de pura matéria, psíquica, social, cósmica, biológica etc. E, contra a possibilidade de se criar um CsO por esvaziamento do corpo e destruição dos órgãos (como fez Artaud e fazem certos drogados), ou ainda, de se criar um CsO fascista, que congela os fluxos de desejo e se autoimpõe hierarquias mortíferas, a questão da ecologia ambiental, finalmente, encontra a questão da Máquina abstrata universal, global, holística, que tece-juntos os desejos, os CsO – e preserva a possibilidade viva e ininterrupta de se fazer novas conexões, de se ampliar cada vez mais a consciência.

Assim, na nossa pesquisa, o conto de Pérola Azul e suas colocações foram momentos de “sentir o pulsar do planeta”, a partir do “não lugar”, do caos. Em relação ao conceito de CsO, há algo a mais: “uma chave Amor e Respeito”, sendo o/a cuidador/a ambiental esta chave. Podemos dizer que valores espirituais completam o tecer-juntos dos desejos: vamos além da dimensão do desejo, base inspirada em Spinoza da filosofia de Deleuze e Guattari. Eles negligenciaram o amor, que, em Spinoza, era a última expressão do desejo, da pulsão de viver (no Amor spinozista o aumento da potência de agir que se manifesta como alegria identifica uma coisa exterior – o objeto do amor, e a causa absoluta da alegria é a própria Natureza como potência ativa e criativa em todos seus componentes, também chamada por Spinoza de Deus). Aqui temos um achado muito

importante, já que nossa pesquisa se refere ao Cuidar ambiental. A Natureza, como um todo, não se manifesta de maneira darwiniana como competição para ocupar mais espaços e reproduzir-se mais rápido, e, sim, fundamentalmente, como colaboração dentro das diferenças. Encontramos tanto as pesquisas científicas atuais, evidenciando colaborações entre espécies, como o pensamento indígena, lembrando que somos partes e expressões dessa Natureza.

Guzito metamorfoseando-se expressa essa colaboração como criação de uma “nova sensibilidade”, conectando fluxo contra o “patriarcado individualista”. Assim, o que em Deleuze e Guattari é uma luta molecular das minorias, dos dominados ou marginalizados contra os dominantes adulto-macho-branco-de classe média ou alta-heterossexual etc. torna-se uma dança amorosa caotizando as noções de bem e de mal, uma entrega total. Um caminho para se conseguir essa entrega é a conexão com os ancestrais negros e indígenas, nos contos de Jezabel Antiga que encontra aí um “duplo espiritual”, e Semilla. Nos empoderamos e encontramos assim nosso lar, nossa “essência espiritual”, ao podermos, com a caotização do instituído, nos autoninar, curar e criar, espalhando “sementes de amor no educar”.

Brincando, acolhendo os espaços-tempos diferenciados em cada ser, deixando-se fluir nas energias da Natureza, nos integramos, por dentro e por fora, segundo Belle Fleur. Águavi va insiste na importância do amplo olhar percorrendo espaços e tempos para se conseguir essa integração das energias em nós e a integração de nós dentro da Energia total da Natureza, pelo contato com os outros sem desejo algum de controle, nem dos outros, nem da Natureza, e na individuação dentro do respeito aos outros e a outras culturas.

Rajada de Vento insiste na Beleza como caminho para essa integração. O Belo facilita nossa fé em nós e nos outros, logo, nossa espontaneidade: “Quanto mais transitamos em mundos heterogêneos, mais ganhamos potências de cura e autocura”. Ao percorrermos perspectivas múltiplas, chegamos à pura presença, ausência de perspectiva, no silêncio e não agir, nos entregando à “Dança transcultural das energias da natureza em nossos corpos-mentes-espíritos”.

A “Máquina Abstrata” (como dizem Deleuze e Guattari) é uma máquina de amor e paz para nosso grupo-pesquisador, e não uma dessas máquinas de guerra que promovem Deleuze e Guattari, fascinados pelas sociedades de guerreiros que impedem ou impediram, em várias culturas, o Estado de aparecer, conforme mostrou Clastres (aliás, forte referência nos escritos de Deleuze e Guattari) com os Guarani. Mas se a guerra tribal, por certo, estrutura a vida coletiva, ela também não é um fim em si mesma. É um pouco suspeito qualificar, como faz Viveiros de Castro, as sociedades indígenas de “sociedades de predação”, quando o antropólogo pertence a uma civilização que foi predadora das terras americanas, matando milhões de indígenas no continente.

Os Yanomami, explica Davi Kopenawa (**KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce. *La chute du ciel – Paroles d’un chaman yanomami*. Paris: Plon, 2010 – ver a edição brasileira**) vivenciam guerrilhas, não de predação (nem de mulheres) e, sim, de vingança recíproca, movidos pela raiva e pela energia das onças e dos quatis (p. 481-487 – sigo a edição original francesa, mas existe uma tradução brasileira). Mas hoje são os que sujam e matam a natureza, os garimpeiros, proprietários de gado e todos os que roubam nossas terras, que são os inimigos, agora combatidos com palavras e não

mais com flechas. Introduziram as doenças e mataram nossos ancestrais. No que diz respeito ao poder das plantas medicinais, dando-nos acesso a outra dimensão da realidade, Davi Kopenawa testemunha o seguinte:

Existem espíritos de cura chamados de *xapiri* que dançam para o xamã e participam da cura, ao perseguirem, voando, os seres maléficis causas das doenças e resgatando o espírito da pessoa doente. O xamã torna-se *espírito* nesse processo de cura, iniciado graças à ingestão da medicina *yãkoana*, e os *xapiri* consideram-no seu pai. Sua “imagem” corporal, sua essência vital, sua consciência estão alteradas e ele está dominado pelo espectro que cada ser vivo possui dentro de si. Ele acessa, assim, ao tempo mítico das origens, paralelo ao tempo histórico, das guerras e migrações, tempo também acessível nos sonhos noturnos (ver p. 60-61 e nota 24, p. 685).

O xamã não pode ter uma existência comum de índio sempre robusto, caçador e deitando com as mulheres, preocupado com o ambiente; ele deve aceitar ser fraco, “morrendo” (p. 124-129). A iniciação como xamã é um devir-outro, um renascimento em que se morre a si mesmo, em prática de jejum, abstinência e ingestão frequente de medicina. De fato, os *xapiri* consertam a “imagem” espiritual do xamã, ao extrai-la do corpo e levá-la nos seus espelhos celestiais. Uma parte do corpo vai a algum lugar, outras a outros lugares da floresta. Os espíritos de vários pássaros refazem-no a língua, tornando-a linda e flexível, capaz de proferir palavras sábias. Ali, eles ensinam ao futuro xamã sua língua e pensamento, assim como o desenho da floresta para que o xamã possa protegê-la (p. 128-129). O xamã ganha cantos direitos e claros para responder à chamada dos *xapiri* (p.143). Apenas assim, enfraquecido e longe dos caçadores e das mulheres, ele pode ouvir as vozes dos *xapiri* e ver pelos seus olhos. Não

se vê um espírito, a não ser através dos olhos de um outro espírito ao qual se identificou” (p. 691, nota 21). Num primeiro tempo, o xamã chama, faz descer os espíritos *xapiri* que realizam sua dança de apresentação. Após terem levado sua “imagem”, ele age e anda como espírito, ao ver os que eles estão vendo.

Os *xapiri* são seres minúsculos de forma quase humana e parecidos com poeiras de luz, eles alimentam-se com o néctar das flores; só os xamãs podem percebê-los. Eles odeiam o cheiro do sexo. Sua origem vem da *imagem* dos animais da floresta, que é o centro espiritual deles. Ao alimentarem-se desses animais, os Yanomami alimentam-se, na verdade, dessa força espiritual. Os animais são apenas imitações dessas imagens. No tempo das origens, os ancestrais dos humanos tinham nomes de animais; em seguida, alteraram-se nos animais que conhecemos. Mas os xamãs fazem dançar as imagens não desses animais atuais, e, sim, dos seus pais dos tempos míticos, invisíveis e imortais (p. 98-99).

No momento da cura, o xamã alimenta os *xapiri* com a medicina. Por essa razão eles o chamam de pai. Os *xapiri* fazem uma guerra espiritual contra os espíritos maléficos, com espadas de poder “altas como o céu e tão luminosas e brilhantes como espelhos” (p. 113).

Ao aproximarmos nossa pesquisa da cosmologia yanomami, ou seja, ao aplicarmos, de maneira radical, a segunda orientação da Sociopoética, que valoriza a leitura dos dados e a observação do processo de pesquisa a partir de um olhar contracolonial, é interessante apontar o aspecto de *cuidar mútuo* que encontramos tanto entre os membros do grupo-pesquisador como entre os *xapiri* e os humanos. E ainda mais: na nossa pesquisa, cujo tema-gerador foi: “Quem é o/a cuidador/a ambiental?”, as referências ao matrístico, segundo Maturana e

o ecofeminismo (ver ROSENDO, Tânia, OLIVEIRA, Daniela, CARVALHO, Fábio, KUHNEN, Priscila. *Ecofeminismos: fundamentos teóricos e práxis interseccionais*. Rio de Janeiro: Ape' Ku Ed., 2019) – que teríamos detalhadamente articulado se nossa pesquisa fosse objeto de uma tese de doutorado – ressoam com falas de Davi Kopenawa expondo que “os *xapiri* já possuíam a ecologia enquanto os Brancos ainda não falavam dela” e que os “espíritos da chuva e do vento, tanto como os da floresta e do céu, são todos os pais da ecologia” (p. 524). Os Brancos também são filhos de espíritos *xapiri*, mas afastaram-se, ao idolatrarem a mercadoria e apossarem-se da Natureza, tratando-a como objeto de lucro e introduzindo o espírito de doenças. Fascinados pela fala das mercadorias, eles têm pouca compreensão e são vorazes. Além disso, em lugar de ver (logo, de conhecer) a floresta, eles enxergam sempre suas escritas: “Eles escrutinam assim somente seu próprio pensamento e conhecem apenas o que já está no interior de si. Mas suas peles de papel não falam nem pensam” (p. 490).

O conceito fundamental é o de valor de espírito, e os Brancos fazendo como se fossem imortais apegam-se aos objetos, dando-lhes um *valor de espírito* feio. Os Yanomami, pelo contrário, nunca mantêm os objetos nas suas mãos, dando-lhes rapidamente às pessoas que os desejam, principalmente durante as festas (encontrei o mesmo nos povos do Pacífico). O *valor de espírito* da floresta, da sua fertilidade, vem dos *xapiri*, que são seus verdadeiros donos. As imagens espirituais dos animais são os donos da floresta. Inteligentes, os animais oferecem-se por compaixão a nós para nos alimentar, vendo-nos como seus irmãos, compartilhando a mesma natureza. Os xamãs participam do cuidar ambiental com a floresta, ao fazerem dançar os *xapiri* que assim são

felizes, vão correr na floresta, brincando, alimentando-se como nós dela e protegendo-a. Existe no mundo cultural yanomami uma colaboração, um cuidar recíproco entre a floresta, os humanos e os *xapiri*. Os xamãs podem mandar “seus” *xapiri* procurar em outro lugar e trazer um *valor de fertilidade* da floresta em período de seca.

Pensar, aprender ou produzir conhecimentos, para os Yanomami, se faz através da medicina *yãkoana*, graças à qual “nos tornamos espectros para irmos muito longe contemplar a imagem dos seres no tempo do sonho. Então, os *xapiri* nos ensinam suas falas, e é assim que nosso pensamento pode expandir-se em todas as direções (p. 495). Fora da ingestão da medicina sagrada, é o sonho que é o lugar do pensamento. Se os Brancos “devem ver apenas, dormindo, suas esposas, seus filhos e suas mercadorias” (p. 498), os Yanomami aproveitam-se do fato de que os *xapiri* os olham no sono e querem conversar. Assim, o Yanomami vê-os também e querem compartilhar seu sonho. Eles cuidam dos Índios, da floresta, protegendo-os. O pai da humanidade, a divindade *Omama*, era um grande sonhador. Ele criou a árvore dos sonhos, cujas flores nos mandam os sonhos. É assim que pensar é ter contato com o *valor de sonho* dos espíritos. Defender a floresta é fazer ouvir aos Brancos as falas dos *xapiri* nos sonhos – principalmente adquiridas pela mediação da medicina sagrada. É assim que os moradores da floresta aprendem. Eles visitam muitos lugares distantes durante o sonho e memorizam essas imagens dadas pelos *xapiri*. O próprio Davi Kopenawa, ainda criança, visitou sonhando as imagens dos ancestrais míticos, aprendeu assim tudo que os mais velhos conheceram antes dele e crescendo, pediu para receber a medicina sagrada e ser confirmado como xamã.

Nossa pesquisa, ao usar como método a Ayahuasca, é contracolonial. Na impossibilidade prática de pedir a Davi

Kopenawa para ler os dados, podemos apenas enfatizar os múltiplos elos que a ampliação de consciência trouxe ao grupo-pesquisador, com seres não humanos, e entre nós, dentro do grupo. Na cosmologia yanomami a pesquisa seria como o sonho dos *xapiri* conosco e o sonho nosso com os *xapiri*.

Ganhamos uma compreensão precisa do que podemos chamar de “aspecto espiritual” da pesquisa, enquanto a palavra “espiritual” em si é extremamente vaga, podendo significar muitas coisas diferentes. Podemos fazer nossas as palavras de Bruce Albert, companheiro de 30 anos de pesquisa e ação ambientalista de Davi Kopenawa: “O acesso ao saber etnográfico conquista-se, primeiro, pela prova do corpo [...] É preciso chegar aos limites do seu próprio pensamento para fazer a aprendizagem do dos outros” (p. 567). A Ayahuasca produz em nós a caotização, a falha, o raio que nos parte e nos obriga a atingir esse limite.

A paz espiritual, pelo menos, hoje, é o referente último das medicinas indígenas. Assim, a ação não violenta é a condição de uma ecologia espiritual, pois todo enfrentamento violento traz suas consequências em termos de bloqueio dos fluxos (apenas para termos visibilidade na mídia podemos praticar uma violência controlada e simbólica – arrancar campos transgênicos, por exemplo, ou invadir terras roubadas pela colonização).

Deleuze e Guattari escrevem, na página 203 de “Mille Plateaux”: o CsO como Bloco de infância “*é a estrita contemporaneidade do adulto, da criança e do adulto, seu mapa de densidades e intensidades comparadas, e todas as variações neste mapa*”.

Considerando a presença contínua das Crianças (ou erês – forma criança de Orixás, em certos casos) na nossa pesquisa, em continuação das apresentações teatrais dos nossos Clowns e crianças interiores na noite anterior à pes-

quisa propriamente dita com a medicina sagrada Ayahuasca, essa citação dá uma luz interessante para a compreensão do processo de fechamento, sempre em curso, das Gestalten, inclusive, porque quando conseguimos uma harmonização relativamente boa e saudável, já estamos processando num outro nível uma nova harmonização, dentro de um novo desequilíbrio. Senão, estaríamos mortos e mortas. Mobilizamos nossas crianças interiores na pesquisa, o que obviamente foi facilitado pela técnica utilizada, de 12 desenhos em referência a um conto que criamos (podemos dizer que os *xapiri* alegres, dançando e brincando na floresta, têm, em linguagem yanomami, *um valor de criança*).

PESQUISAR E APRENDER NO TEMPO DO SONHO, ATRAVÉS DE MIRAÇÕES?

Um/a leitor/a pode perguntar-se qual a validade (veracidade) das mirações e dos ensinamentos trazidos pela Ayahuasca em estado de transe, e como discernir um ensinamento pertinente de uma ilusão? A experiência mostra que o efeito da planta, pelo menos nos primeiros meses de convívio com ela, é de a pessoa mergulhar no caos daquilo que escapa à consciência clara – quer que se chame de inconsciente, pré-consciente ou subconsciente – mostrando-lhe o que ela não pode ver em estado de vigília ordinária e, rapidamente, o que ela não *quer* ver.

Posições variadas são possíveis em relação a esses ensinamentos e mirações: pode-se considerar que tudo é ilusão e autoengano, ou pelo contrário, que tudo é mensagem divina, escuta de vozes interiores e/ou superiores. Isso são apenas julgamentos, posteriores à experiência. O vivenciar da experiência possui sua verdade, por estar cheio de emoções fortes, às quais aderimos. Conforme a concepção do

pragmatismo e do empirismo radical segundo William James, que influenciou muito Deleuze [**JAMES, William. *Essais d'empirisme radical*. Paris: Flammarion, 2007**]:

- a) Experimentamos a verdade quando temos uma sensação ou quando uma imagem se impõe a nós, pois, não há ainda julgamento. Essa verdade, poderíamos dizer, está “além do verdadeiro e do falso”, já que pré-racional. É a verdade do puro sentir, que o meditante budista, por exemplo, vivencia no dia a dia de mente vazia.
- b) A verdade de uma ideia depende dos seus efeitos transformadores no mundo da ação. O restante é apenas briga de palavras.
- c) Conhecemos os/as outros/as ao podermos compartilhar os mesmos objetos, relativamente estáveis em perspectivas diferentes (os mundos singulares de cada um/a, como fluxo de consciência desconhecido dos outros e, até misterioso para a própria pessoa). Assim, as interações entre as pessoas numa vivência sociopoética são intersecções entre mundos, entre perspectivas. A medicina sagrada Ayahuasca traz apenas seres não visíveis em estado ordinário de consciência, complexificando e enriquecendo a pesquisa. A questão de saber se esses seres possuem uma existência real fora de nós não tem relevância – tanto para o empirismo radical como para a fenomenologia, pois eles existem em nós e para nós: isso é suficiente para que ajam. A questão interessante é: em que medida compartilhamos esses seres nos nossos variados mundos, em que medida eles estão situados em intersecções das nossas perspectivas, logo,

em que medida podemos aprender, uns/umas de outros/as a “ver” novas coisas e criar rizomas imprevistos. Na nossa pesquisa, múltiplas foram as intersecções e interferências entre os mundos de cada copesquisador/a. É muito provável que a medicina sagrada Ayahuasca tenha contribuído para a criação desse amplo espaço de interação, como vimos, entre nossos mundos e entre esses mundos e outros, não humanos. A questão da verdade fica a da *eficiência transformadora* (no caso, em termos de “melhoramentos espirituais”) desses seres no nosso dia a dia.

Na p. 86 da referida obra, James escreve: “O universo cresce continuamente em quantidade através de novas experiências que ampliam a massa anterior”. O dispositivo sociopoético favorece a confluência de ondas de vida diferenciadas, numa forma de construtivismo (James fala de *mosaico*; Deleuze e Guattari, de *síntese disjuntiva*) sem fim. Na nossa pesquisa, os contos dos/as outros/as podem me ajudar a completar formas (Gestalten) inacabadas desde minha infância, ou descobrir contornos de formas que nem podia imaginar antes: “O mundo é, nesta medida, um pluralismo cuja unidade ainda não foi objeto de uma experiência” (James, *op. cit.*, p. 85). De fato, criamos, no decorrer dos estudos coletivos dos dados de pesquisa, transições entre nossos mundos, que completam as autodescobertas trazidas pela Ayahuasca. Encontramos-criamos o que James nomeia maravilhosamente de “caminhos-de-pensamento”, *op. cit.* p. 71, quando passamos de uma experiência a outra, por exemplo, das mirações ayahuasqueiras à escuta sensível do conto de um/a copesquisador/a e à sua teorização, coletiva ou individual.

O erro, o abuso é ir além do que é dado ou que se pode imaginar no horizonte dos caminhos-de-pensamento (das relações dadas), ou seja, conceber o acabamento do universo, quer que o chamemos de Deus ou de criação de Deus. Esse abuso intelectual anda junto com um abuso de poder, já que quem “conhece” os planos de Deus por pertencer a uma religião dada pode manipular quem não sabe: jogo de poder meramente humano, vergonhoso e dissimulado (os modelos matemáticos do Universo inspirados na física quântica são meras hipóteses, cuja comprovação experimental, por enquanto, é impossível, o que limita consideravelmente as considerações sobre a assim chamada “consciência quântica”, que alimentam toda uma literatura New Age). No budismo, como no pragmatismo, essas hipóteses têm nenhuma relevância em e por si, pois mudam em nada nosso comportamento. São meros jogos intelectuais tanto estéreis quanto interessantes.

Percebe-se que não fizemos nenhuma hipótese transcendente, não precisamos “acreditar” em nenhum dogma ou ser superior (ou inferior!) nos visitando ou planejando coisas para nós. Tudo está dentro da experiência vivida e nas relações entre experiências. Mais uma vez, o único critério de verdade é a eficiência transformadora no cuidar (cuidar de si, cuidar do/a outro/a, cuidar da comunidade, cuidar do meio ambiente). A existência, separada de nós, de espíritos individualizados, não pode ser cientificamente nem comprovada nem negada; a questão em si mesma não faz sentido. De maneira simplificadora, poder-se-ia dizer que um Orixá (ou Nossa Senhora, ou um Animal de poder, ou o Anjo São Rafael – cada um/a pode tomar o exemplo que lhe convém) existe, por exemplo, na medida em que ele transforma a favor do bem (amor, compaixão, alegria empática e equanimidade) uma pessoa. Verificamos *empiricamente* sua

existência pelas transformações ocorridas. Se nenhuma transformação acontecer, inexistem São Rafael, o Animal de poder, Nossa Senhora ou o Orixá.

O “eu penso” de Descartes ou Kant – ou mesmo da fenomenologia, segundo Husserl – se resume, segundo o James do “empirismo radical”, no “eu respiro”. A consciência é o sopro vital (o Qi taoísta, podemos acrescentar), conforme a etimologia do “espírito” como “sopro” em muitas línguas, inclusive, a da Bíblia.

De fato, conheço o/a outro/a como mistério: nunca poderei penetrar seu fluxo de consciência. É a atualidade do sagrado, sempre renovada, já que o sentir de antes as palavras, de antes os nomes, de antes da razão e ainda mais, do julgamento, é uma percepção energética de conveniências e desconveniências parciais, de possibilidades e impossibilidades de “fazer-rizoma”, combinar um CsO comum. Sinto no/o outro/a uma mistura viva de força e fragilidade, riqueza e vulnerabilidade. Admiro a força, empatizo com a fragilidade. Sinto-me humano ao entrar num regime de percepção, troca e compreensão da minha fragilidade e vulnerabilidade com as do/a outro/a. Assim, os/as copesquisadores/as sociopoetas se coeducam no *humanismo radical*, e as escutas-falas sensíveis presentes no aqui e agora da pesquisa são como uma educação à descoberta de *portais* espirituais, pelos quais vimos o que não vimos em estados ordinários de consciência, dimensões escondidas, secretas e ativas, da realidade. Ao ampliarmos e alternamos nossos estados de consciência, ganhamos certa competência sensível, afetiva e cognitiva, na e pela experiência viva. Apagamos aos poucos nosso “eu” e entramos sutilmente na coemergência de todos os seres, como dizem os budistas (a total imersão nessa coemergência, nas ondas quânticas da realidade concebida como um Universo ou Multiverso, somente é possível

na condição da iluminação – no estado de Buda, segundo os budistas). É como o CsO, um estado-limite, sempre em devir para nós, não um estado final, desejável – nem uma utopia. Nos contos produzidos como dados de pesquisa, encontram-se muitos corações, pássaros, borboletas etc., seres que projetam para fora nossa beatitude originária de moradores de uma Terra sem Mal (como dizem os Guarani), e que, ao mesmo tempo, SÃO o percurso da volta para a casa, nosso próprio coração – conforme o conto de Belle Fleur. A harmonia é a adequação ou identidade entre o meio ambiente e a nossa intimidade, para nós cuidadores/as ambientais, mas essa harmonia é metaestável, ela é um devir que passa necessariamente por desequilíbrios geradores de descoberta de novas dimensões da realidade.

Teoricamente, o CsO de Deleuze e Guattari teorizando sua criação por Artaud é, de fato, um CsO-Coração. Recomendamos um corpo cujos órgãos não são mais capturados por máquinas de poder (seja a psiquiatria para Artaud, a antropologia para os povos indígenas, o Estado para Clastres e Deleuze, o Capitalismo Mundial Integrado para Guattari – ver **CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003** e **GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990**) e, sim, um corpo molecular no qual várias partes fazem rizoma com outras partes de outros corpos, humanos ou não humanos. Foi muito claro na nossa pesquisa. O Corpo, de sem Órgãos torna-se um CcC, um Corpo com Coração. Este coração foi transversal na nossa pesquisa, aparecendo em vários contos, diretamente na forma de um coração ou por analogia, em animais, estrelas... Não se trata do coração-órgão, e, sim, do centro espiritual do ser ligado a todos os outros seres. Gosto de chamá-lo de CsO-Vacuidade ou CcC-Vacuidade, pois o Coração está vazio de existência separada – definição básica da vacuidade segundo o budismo.

Proponho ir além de Deleuze e Guattari na sua visão dos devires. Devir-garota, devir-criança, devir-xamã, devir-molécula, devir-imperceptível... e acrescento o mais importante, o **devir-vacuidade**. Abertura absoluta, acolhimento. Cultura da paz. Os imperceptíveis em Deleuze e Guattari têm forma de matilhas moleculares agressivas que percorrem as linhas minoritárias do dualismo estatal molar e normalizador. A Garota (inspirada em Proust) contra o Patriarcado, a máquina de guerra nômade contra o Estado, as crianças contra o mundo adulto, os oprimidos e excluídos contra o capitalismo globalizado e suas classes médias consumistas, os colonizados contra a hegemonia branca, e poderíamos acrescentar, os LGBTQIA+ contra a heteronormatividade. Obviamente, o opressor está dentro de nós, mesmo que pertencendo à linha minoritária, oprimida. Mas estamos ainda na dualidade. A cura é a saída da dualidade, abrindo para uma dimensão outra. Sair da dualidade é entrar na vacuidade e impermanência, na recusa de qualquer forma de identificação, substancialização, essencialização que, ao mesmo tempo, se põe opondo-se e se estrutura de maneira permanente, identitária: “Eu sou um/a oprimido/a”! Isso é a garantia de muito sofrimento. Nietzsche entendeu bem o assunto: quem não tem medo da vida, não tem medo da dor. Mas ninguém quer sofrer. Nietzscheanos e neonietzscheanos, como Foucault ou Deleuze, no meu ver, não entenderam que se pode lutar dentro de uma Cultura da Paz, enfrentar adversários políticos e lutar mesmo, mas sem se deixar capturar pelo dualismo “nós contra os outros”. É simplesmente isso, a compreensão da vacuidade e da impermanência, que, no budismo, sempre anda de mãos dadas com a compaixão. O devir-vacuidade do/a sociopoeta e do grupo-pesquisador sociopoético é isso mesmo.

Vou dar um exemplo muito simples: assisti a vários momentos da luta dos indígenas Kiriri da região de Miran-

dela (município de Banzaê – Bahia), enquanto estávamos realizando uma pesquisa-ação com o tema: “Após a reconquista das terras Kiriri tais como foram delimitadas no século 18 e depois invadidas pelos brancos, o que vamos fazer?”; “Como vamos vestir nossa mãe terra, ainda nua?” – perguntou o então cacique Lázaro. Foi decidido, pelas várias comunidades, a criação de um Parque Ambiental Kiriri com vários aspectos, museológico, educacional, de saúde e, obviamente, agroflorestal e pastoral. Presenciei a vinda de três representantes dos “brancos”, que eram posseiros e exploravam a mão de obra indígena cujas terras foram roubadas, agora pobres e despossuídos após a vitória dos Kiriri, registrada pelo governo Lula, em Brasília. A luta foi pacífica no sentido de que os índios apenas preparam-se com danças rituais, vestiram suas pinturas de guerra, tomaram arcos e flechas e deram dois dias para os posseiros evacuarem a vila. Dentro desse processo de reconquista passo a passo, comunidade após comunidade, um jovem Kiriri foi morto por tiro. Apesar disso, ouvi o cacique responder: “Deus quer que cada povo tenha seu espaço para viver na terra que é mãe de todos, assim vou ser seu advogado em Brasília para vocês terem o necessário para viver”. Profundo e admirável sentimento da vacuidade de existência separada... Corpo com Coração-Vacuidade.

Para finalizar essas considerações práticas e teóricas, quero expor o conceito que, para mim, expressa bem as nossas experiências com as medicinas indígenas, o conceito de **ÂCAÍRQ**: Â (duplo A) como Afeto/Atenção (“Afeto” no sentido do princípio taoísta de Humildade-Afeto-Simplicidade, ou da “Presença amorosa” no pensamento tolteca. “Atenção” no sentido da atenção plena budista); I como Intensificação; C como Caotização; A como Ampliação; Í como Integração/Inclusão (é só pensar em Jung, por exemplo, mas no caso, sem a individuação separada, ficando radical a inclusão,

pois é inclusão na vacuidade sem eu separado); R como Recolhimento e Q como Quietude (aspectos meditativos universais, transculturais e transpessoais). A grande maioria dos grupos ayahuasqueiros híbridos (existem hoje mais brancos que índios bebendo o chá sagrado) acreditam num eu separado, e vivenciam mais uma perspectiva junguiana de abandono do ego a favor do Self chamado de “Eu superior”, que a perspectiva pré-colonial de integração do eu na comunidade e sua desapareição na vacuidade de existência separada, como vimos com Clastres apresentando os mitos Guarani (podemos também pensar no UBUNTU bantu, onde “existo apenas porque você existe, na comunidade”). Cada pessoa vivencia a experiência do seu jeito, com suas crenças. Não seria o ideal a ausência de crença, que sempre é dualista, conceitual, enquanto as medicinas pedem para o silêncio de qualquer raciocínio, conceito, crença, pensamento?

A ambição da Sociopoética é de reconciliar saber, sabor e sabedoria, conhecimento e espiritualidade, áreas que foram afastadas e até opostas, na história da filosofia e das ciências europeias e eurodescendentes – enquanto continuem sendo ligadas na prática e no pensar de muitos povos que foram colonizados e excluídos das normas e legitimidades instituídas. É assim que encontramos as medicinas indígenas... e falamos demais, apesar da nossa convocação para o silêncio.



O CACAU, BEBIDA SAGRADA DOS TOLTECAS E MAIAS



O DOSSIÊ DAS INTERAÇÕES HORIZONTAIS

O que escrevi como facilitador e mandei para cada participante: ESCOLHAM DUAS HISTÓRIAS COM AS QUAIS VOCÊ SE SENTE COM AFINIDADE OU ESTRANHAMENTO E INTERPRETE-AS, DENTRO DA SUA PRÓPRIA SINGULARIDADE, ENFATIZANDO EM QUE ESSAS HISTÓRIAS PODEM MUDAR SUA PERCEPÇÃO DAS COISAS, COMO CUIDADOR/A AMBIENTAL. QUAL A “MORAL DA HISTÓRIA” PARA VOCÊ?

Uma vez esse trabalho realizado, mandei um outro correio:

QUERIDO, QUERIDA, estou mandando para o seu endereço eletrônico o DOSSIÊ com as histórias de cada um/a, as leituras feitas por outrx copesquisadorx e sua própria teorização acima da sua história. Essa ideia de interagirmos transversalmente me foi sugerida pela iniciativa espontânea de Águavi va, de dar sua leitura de todos os contos, e também pela ideia de comunicação máxima, a fim de democratizar ainda mais a pesquisa, ao aprendermos com o outro (CURA MÚTUA). Seria ótimo cada um/a de vocês escrever rapidamente sua REAÇÃO ÀS LEITURAS DOS COLEGAS... JÁ MANDO A MINHA.

Pareceu artificial perguntar apenas o que se aprendeu com as histórias escolhidas, pois aprendemos frequentemente dos outros aquilo que já está em nós, às vezes, não claramente formulado, ou formulado diferentemente, numa perspectiva outra – ou até, ainda velado. Aprendemos a compreender o mundo dos outros, com suas maneiras particulares de sentir, pensar, ressoar, em

relação com o nosso. Isso gera mudanças, abre perspectivas, enfatiza certos aspectos, complexifica nossa própria percepção etc. O conhecimento está sempre integrado na pessoa, ele não anda solto e abstrato. É um ponto forte da Sociopoética.

Os autores e as autoras reagiram à leitura proposta por demais copesquisadores/as. Assim foi reforçada a dialogicidade da Sociopoética. É um momento dialógico muito importante na nossa compreensão mútua e na busca dos pensamentos que atravessam o grupo-pesquisador como um todo, mantendo a originalidade e a singularidade de cada um/a. Além desse aspecto, enriquece consideravelmente a teorização do tema-gerador da pesquisa, no caso, “Quem é o/a cuidador/a ambiental”?

DOSSIÊ “BELLE FLEUR”

1) LEITURA POR RAJADA DE VENTO, *que escolheu comentar as histórias de Belle Fleur e Pérola Azul.*

Lembrando... Copesquisadora “Belle Fleur”: *Um dragão (“há um grande sol e flores” – apontam outros copesquisadores) quer uma chave (“bem fálica” – aponta um copesquisador), num lugar: uma floresta multicolor. Mas existe um vilão: uma águia que quer pegar o dragão, e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: um labirinto onde o dragão não pode ir. O dragão é derrotado: é a floresta, que está caindo. Mas aparece um doador: uma borboleta, que dá uma flor. Assim se torna o dragão vitorioso (“a floresta, de novo, está muito colorida”). Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: o próprio coração do dragão. A marca recebida pelo dragão: ele está voltando para a casa (“tudo é lindo” – é a própria casa da copesquisadora, onde acontece a pesquisa), e a comemoração acontece com a floresta celebrando, e o dragão está feliz.*

Há uma atenção especial no fato de saber sempre guardar suas marcas, saber até aonde se pode ir sem se perder. Apesar de todo o cuidado que podemos ter com essa prudência, o mundo ao nosso redor pode se desmanchar (catástrofe afetiva, profissional, política etc.). Daí, o cuidado em saber observar aqueles/as que já passaram por mudanças e transmutações, aprendendo deles/as – talvez mais em forma de empatia que racionalmente ou pelo estudo. É assim que podemos nos transmutar e mudar nosso próprio ambiente, sem nunca termos perdido nossa essência.

Vejo a humildade e a solidariedade de coração no nosso relacionamento com aqueles e aquelas que nos precederam no cuidar ambiental; temos tudo a ganhar na troca, podemos nos transformar nas provações da vida, profundamente e sem perder o que a vida já fez de nós.

A “moral” é que não tem competição entre as experiências do cuidar, e, sim, troca onde temos nada para perder e tudo para ganhar. Só que é muito mais fácil afirmar isso em teoria do que praticar na vida das comunidades, considerando que fomos educados para a inveja e competição, na família, na escola, na mídia etc.

COMENTÁRIO DE BELLE-FLEUR

Identifiquei-me muito com o comentário de Rajada de Vento, principalmente quando diz que não existe competição, mas uma troca, e que na teoria conseguimos tudo. Agora, na prática fazemos muito pouco ou nada, estamos muitos voltados para dentro de nós, não nos preocupamos com o que acontece ao nosso redor ou com o outro, não nos interessa. Vivemos em uma zona de conforto; precisamos abandonar esse modo de vida e vivermos nos doando e solidarizando com o outro, mesmo que esse outro não esteja do nosso lado.

2) LEITURA POR GUZITO METAMORFOSEANDO-SE, que escolheu comentar as histórias de Belle Fleur, Águavi va e Pérola Azul.

A águia quer pegar o dragão, ele tenta fugir e entra em um labirinto e se perde porque não percebe que aquele lugar é um portal, uma floresta que se oculta. O dragão não consegue ver as flores multicoloridas iluminadas pelo sol que compõem as paredes exuberantes do labirinto, não percebe a maleabilidade de suas dobras. A copesquisadora perturba-se a tal ponto quando penetra neste lugar (seus labirintos cotidianos), que não consegue notar que se trata mais de uma mata com múltiplas entradas e saídas que de caminhos unidirecionais que conduzem a um determinado centro. Suas possibilidades estão cerceadas, sua percepção distorcida. Então a borboleta lhe dá uma flor e o labirinto trans-

forma-se em outro lugar, em um ambiente lindo: a própria floresta celebrando a vida! O ato de dar aparece como força de transmutação dos condicionamentos e forma de romper com determinismos. O ato de dar aparece como chave dos problemas socioambientais, já que o consumir está atrelado a um querer egocentrado. Romper com determinismos significa romper com aquilo que entendemos como única possibilidade, como, por exemplo, a forma com que o humano vem se relacionando com a natureza: dominando-a!

COMENTÁRIO DE BELLE-FLEUR

Em relação ao comentário de Guzito metamorfoseando-se, não concordo. Quando ele diz que o dragão se perdeu no labirinto, não percebo dessa forma: vejo o labirinto como um beco sem saída, quando estamos em busca de algo melhor para o coletivo e já tentamos quase tudo; paramos, avaliamos o que fizemos, que caminhos percorremos, onde estamos e aonde queremos chegar. A flor é como novas ideias que surgem, que fazem com que o dragão trilhe caminhos diferentes que o conduzem à vitória.

Outro ponto de discordância é quando ele se refere ao labirinto do cotidiano da copesquisadora: o cotidiano não estava inserido neste contexto, não me vejo num labirinto, meus caminhos são bem definidos. Concordo com a necessidade de termos essas rupturas em relação ao querer dominar a natureza. Não precisamos dominar a natureza, mas caminhar juntos, como uma troca de dar e receber para harmonizar este caminhar.

3) AUTOTEORIZAÇÃO PELA COPESQUISADORA BELLE FLEUR APÓS ESSA DISCUSSÃO

No dia a dia pensamos em termos de correria. No contato com a natureza, a gente observa melhor; por exemplo, cada árvore, de acordo com o vento, vai dar um som diferente. Mes-

ma coisa com os pássaros, cada um tem um canto diferente. A gente expande a visão, em relação ao dia a dia: som, luz, tons, tamanhos. Com a natureza, percebemos e podemos pensar nas diferenças, variedades e variações, em lugar de somente perceber formas gerais, admirar a beleza, mas sem detalhar, sem percepção verdadeira. A gente não somente percebe, mas também pode agir e interagir: é o sentido de pensar brincando. Estar totalmente presente e ativo no mundo das diferenças.

O cuidar com a natureza é pensar no ponto de vista dela como sistema integrado: mantendo as árvores num bairro da cidade, significa ter mais pássaros, mais plantas e flores, e também sombra. As pessoas querem menos trabalho, logo, colocam asfalto em todo lugar. Pode se dizer que a natureza pensa como uma totalidade viva, e temos de respeitar e aprender com esse pensamento integrado. Até a natureza nos pensa. A borboleta vira lagarta, um outro ser: é um pouco de sacrifício. Temos também que aprender a sacrificar coisas para nossa integração no ambiente e nossa própria transmutação.

A consciência ambiental não é apenas uma exigência ética de respeito ao meio ambiente e à natureza como coisas exteriores a nós, mas também, uma forma de “fluir com” a natureza, de se integrar nela. O dragão é como o índio, ele está fluindo na natureza, não a destrói e, sim, a preserva. Longe da natureza, o índio adoece (alcoolismo etc.); da mesma maneira, nossa saúde e bem-estar passam pelo “fluir com” a natureza. Cuidando da natureza, cuidamos de nós.

O coração do dragão são os movimentos sociais, as ONGs, as pessoas que até dão a vida na luta contra o agro-negócio. A bondade interior é intimamente ligada as lutas contra as dominações e opressões. Não se pode separá-las.

A volta para casa como vitória é a retomada das terras indígenas.

DOSSIÊ "PÉROLA AZUL"

1) LEITURA POR RAJADA DE VENTO, *que escolheu comentar as histórias de Belle Fleur e Pérola Azul.*

Lembrando... Copesquisadora "Pérola Azul": *Uma imagem abstrata, onde não tem bem nem mal ("vemos uma mulher grávida, com a lua" – apontam outros copesquisadores), quer algo duro, pontiagudo, selvagem e dolorido ("minha tese de doutorado em curso"), num lugar: o invisível, o caos, o nada, a desconstrução. Mas existe um vilão: um homem, o macho genérico, e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: um clown monstruoso, desconstruído. A imagem abstrata é derrotada: um sol rose, fraco, opaco. Mas aparece um doador: uma árvore com uma flor ("vemos seios, e um bebê com o cordão umbilical" – colocam outros copesquisadores), que dá um copinho de Ayahuasca, a folha ("me integrei, doe o copo para o caboclo Pena Branca"). Assim se tornou vitoriosa a imagem abstrata: um coração. Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: a estrela dentro do sol e o sol dentro da nuvem ("visualizei o copesquisador Águavi va"). A marca recebida pela imagem abstrata: uma mão-árvore, uma benção do Índio, das energias no processo ("com meu medo de não ser o momento de eu beber a medicina"), e a comemoração: uma forma pontiaguda, mas com sóis, coroas, coisas redondas e alegria ("um chapéu de bobo da corte" – comenta um copesquisador).*

É uma maneira de se apagar para superar a dualidade das avaliações. Mas esse apagamento é dolorido: as exigências acadêmicas parecem ser um estupro que estamos convidadas para aceitar e até querer. Não temos mais marcas para nos segurar. A instituição é controlada por homens que parecem impor essas condições monstruosas para nos tornarmos fecundas. Devemos, até incorporar o macho e, talvez, o machismo. Isso nos tira parte de nossa potência.

Contra esse instituído que enfatiza a cultura do estupro e o estupro como cultura intelectual (com a perda da identidade feminina), a natureza é um refúgio e a garantia de uma fecundidade verdadeira sem males. Contrariamente ao estupro instituído, a relação está baseada na troca e na integração. De fato, é a natureza que a heroína internaliza. É a única maneira de se preservar, ganhar o reconhecimento falocêntrico sem perder sua fecundidade feminina.

É uma luta de gêneros, uma história de resistência ao poder patriarcal instituído, em condições difíceis de estudos e qualificação universitários onde há de procurar, numa aliança com a natureza, critérios que nos preservem da perda total da nossa identidade, o que, com certeza, não deixará de acontecer em caso de submissão ao poder acadêmico. Existe igualmente uma busca da transgressão – inclusive sexual: pelo menos, transgressão do patriarcado – mas que fica limitada, já que a instituição não vai mudar de um dia para outro.

A “moral” é a lucidez sobre as contradições de pesquisas ambientalistas geradas em ambientes patriarcais, tais como a academia. Um caminho para amenizar o sofrimento e – porque não mudar as regras do jogo? – é convidar a natureza a se expressar dentro da pesquisa, logo, dentro da elaboração do saber acadêmico, pelo diálogo com ela, seja através da mediação de plantas-mestres, como a Ayahuasca, seja pela mediação de seres espirituais indígenas.

COMENTÁRIO DE PÉROLA AZUL

Rajada de vento faz uma leitura da minha experiência no percurso sociopoético na Bahia. Passaram-se vários meses e ainda tudo isso faz sentido. Continuo aprendendo sobre mim mesma e, a cada vez que leio, minha compreensão capta algo que não tinha percebido. Desenhos da Pérola Azul expressando manifestações de mim, R. Uma histó-

ria, uma vida que é única e que se relaciona com tudo, e essas relações com “tudo” formam essa vida que é única. Eu, R., sou uma expressão única da vida, e, ao mesmo tempo, esse “uno” para formar-se estabeleceu diversas relações, interconexões essenciais e fundamentais para a existência da vida. Relação com o ar, a água, a terra, o fogo, o éter, os alimentos, com as pessoas, as plantas, o céu, etc. Relações com a natureza e com a natureza construída. Essa natureza construída – as instituições – interferem sobremaneira na formação de R.

O problema não são as instituições, porque sempre teremos instituições, o problema é a estagnação das instituições. As instituições, num processo instituinte, vão transformando a realidade. Mas as instituições cristalizadas sem movimento robotizam a vida, como se os seres humanos fossem máquinas a serviço delas. Pérola Azul veio mostrar outra realidade, uma realidade instituinte, integrativa e holística da vida.

Rajada de vento assoprou a poeira do desconhecido e consegui perceber mais profundamente as raízes de questões internas que me causam sofrimento. A leitura do Rajada de vento fez brotar em mim compreensões que não percebia sozinha e, por isso, a importância do diálogo e de formações de grupos para o percurso – no sentido de um aprendizado coletivo e colaborativo, e também do percurso no seu aspecto de autoconhecimento e de cura. É uma sensação de agressão e estupro viver num mundo capitalista, altamente institucionalizado e hierarquizado, e estar num ambiente acadêmico que expressa esse mundo, mesmo que pontualmente tenhamos iniciativas que causam brechas nesse sistema.

O que estamos realizando nesse diálogo e análise do percurso sociopoético é uma fissura, uma brecha nessa

muralha do instituído, estamos desenvolvendo uma atitude humanista e de amor num mundo em que impera o estupro da vontade dos interesses do capital. Esse ambiente oxigena nossa alma, por isso, entendo o percurso com um espaço de aprendizado e de terapia.

Ao interpretar, analisar meus desenhos, Rajada de vento mostra-me facetas, aspectos de mim mesma que eu desconhecia e isso me ajuda muito, ajuda-me a refletir sobre minha vida, minhas escolhas e entender o mecanismo de funcionamento do instituído na minha vida, e também o funcionamento do fluxo livre da vida/natureza/espíritos na minha vida. Com isso, percebo que existe uma eterna luta dentro de nós – o que está instituído e o que está por transformar-se, a mudança e a rotina. Enfim, saber como viver em meio aos paradoxos.

E quanto mais queremos um outro mundo, mais fortes são os paradoxos dentro de nós. Só sei de uma coisa: quando não estamos sozinhos, e, sim, estamos em grupo num mesmo ideal, somos mais fortes e torna-se mais alegre, tranquila e esperançosa a caminhada. Agradeço de coração à Rajada de vento por agitar as águas tranquilas da Pérola azul e trazer à tona as pérolas do conhecimento de mim mesma. O vento sempre movimentando a vida.

2) LEITURA DE GUZITO METAMORFOSEANDO-SE, *que escolheu comentar as histórias de Belle Fleur, Águavi va e Pérola Azul.*

Pérola Azul, assim como gera, também conecta universos e faz isso através de sua doçura e capacidade de entrega. O clown desconstruído é um momento de seu processo de produção de saberes e autoconhecimento, é a revelação de forças até então ocultas em sua vida. É a energia de um corpo em transe, atravessado pelas correntezas inebriantes de

um devir-louco (Deleuze) com seus movimentos esquisitos, sua produção de lógicas infinitas, sua sintonia com a estrela dentro do sol e o sol dentro da nuvem. A imagem abstrata são seus fantasmas, seus medos, sua insegurança, pois insiste em negar sua intrepidez guerreira, cortando frequentemente a comunicação com mestres espirituais e impedindo que seu devir-bruxa se manifeste. Ela é uma mulher linda, potente, corajosa, uma fêmea grávida que ama seu homem e dá vida por ele, pelas coisas que acredita, e é capaz de gerar infinitos modos de viver, novos caminhos e reencontros, outros processos de cuidado que envolvem delicadas fibras que conectam árvores e flores e mares e homens e sonhos e tempos e espaços. Pérola Azul enlaça mundos.

COMENTÁRIO DE PÉROLA AZUL

O medo e a insegurança são aspectos do instituído que habita em Pérola Azul. A concha aos poucos se abre para mostrar um mundo colorido e cheio de vidas, e formas, e cores e sabores..., mas Pérola Azul, na sua formação, permaneceu anos escuros, na obscuridade. A formação da Pérola Azul se deu na escuridão e na clausura.

Quando a concha se abre, abre-se um novo mundo, de luz, de formas, texturas, novas sensações e compreensões. Quando se abre a concha, a pérola fica à mostra e nesse momento começa o conhecimento de conhecer-se nesse novo mundo, conhecer-se a partir das relações com o mundo, com esse outro mundo, com o mundo fora da concha. O novo mundo, o medo, a insegurança, o desafio, a luta, o clown monstruoso, o desenho abstrato, o pontiagudo, o abstrato que aos poucos vai criando formas e cores ... A saída da concha ... a gravidez ... A CRIAÇÃO!!!

3) AUTOTEORIZAÇÃO PELA COPESQUISADORA PÉROLA AZUL APÓS ESSA DISCUSSÃO

Pérola Azul está escondida no fundo do oceano, lá a luz não brilha e não se pode ver sua cor azul, lá no fundo do oceano há escuridão e não podemos fazer a distinção de cores e formas. Por isso, no percurso sociopoético, Pérola Azul sente-se confusa, com uma sensação de estranhamento por estar no fundo do seu oceano interior, onde não consegue ver a si mesma e nem aos outros, onde o que se vê são imagens distorcidas e sem nexos. Pérola Azul desenha esse oceano escuro e familiar, é um estranhamento de algo que não é estranho, mas que poucas vezes adentra com tanta lucidez. Na folha branca de papel aparecem riscos, traços, círculos, rajadas de vento e de chuva, giz de cera coloridos que fecundam o branco do papel com imagens vindas do fundo do oceano; são imagens abstratas, sem cores e sem formas definidas, mas que no desenho tomam a forma abstrata e colorida, aparentemente sem sentido, sem nexos causais. O oceano interior de Pérola azul aparece nesse papel, e mesmo que a vontade seja de não se manifestar, o oceano queria ficar imanifestado, quieto, sereno..., mas o dispositivo do percurso sociopoético movimentou suas águas e as fez emergir e transbordar. A lua ficou cheia, a luz penetrou nas trevas, o caos foi tomando forma e, a partir da desconstrução, foi dando forma a outras construções. A criação. O cuidador ambiental é um alquimista que cria um novo mundo, que faz transbordar e emergir o oceano interior, que é matéria-prima para a criação de valores humanos que respeitem e cuidem da vida, do mundo. O alquimista ayahuasqueiro, o alquimista clown, luta contra o vilão, que é o homem com uma máscara de clown monstruoso, desconstruído, que é o destruidor

da beleza da vida. A imagem abstrata é derrotada e se manifestam as múltiplas criações, formas e cores, e manifestações da vida. Entre riscos e rabiscos aparece uma árvore e uma flor, e dentro dela vemos seios, e um bebê com o cordão umbilical. Esse bebê dá um copinho de Ayahuasca para o caboclo Pena Branca. De repente, os riscos abstratos se juntam e transformam-se num grande coração que pulsa, o coração é a recompensa pela coragem de sair do oceano profundo de escuridão. Pérola azul sai do oceano e se vê redonda, brilhante e azul. Será que essa é somente uma de suas formas? Quantas formas e cores possui Pérola azul? Será que ela também é uma estrela dentro do sol? Ou o sol dentro da nuvem? Será que pode ser uma onça ou uma coruja? Ou uma borboleta no arco-íris? A benção do Índio, a mão-árvore pode ajudar nesse conhecimento, pode ajudar a percorrer esse caminho, o caminho do Raio de Sol! No caminho do Raio de Sol tem uma festa de comemoração com muitos sóis, coroas, palhaços, estrelas, corujas, borboletas, arco-íris, rajadas de vento, flores, pássaros, onças, cachoeiras. Ao longo do caminho (pescuro), vamos plantando sementes e cuidando-as para florescerem, sementes de esperança de um mundo melhor! Depois da festa, seguimos nosso caminho, seguimos nossa luta, seguimos nossa festa, seguimos nosso plantio, nossa metamorfose. Moral da história: o cuidador ambiental é um semeador contador de histórias que vai plantando sementes no caminho/pescuro. Sementes de amor, de cuidado, de sorrisos, de lágrimas... sementes da criação de um novo mundo, onde todos estão convidados a semear.

DOSSIÊ "JEZABEL ANTIGA"

1) **LEITURA POR SEMILLA**, *que escolheu comentar as histórias de Jezabel Antiga e Águavi va.*

Lembrando... – ela não desenhou, ao vivenciar um processo muito intenso, mas contou o seguinte: *Eu, quero “ainda não sei, mas há uma chamada forte”, num lugar: o mato, aqui onde acontece a pesquisa. Mas existe um vilão: Eu também (“na minha insegurança, lutando comigo mesma e com meus pensamentos alienados”), e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: me expressar, com o corpo travado (“sempre ouvi: Não pode, não pode falar, pintar...”). Eu sou derrotada: é o barulho, eu gritando nessa sessão de pesquisa, lutando contra mim mesma. Mas aparece um doador: a própria Semilla, cuidando de mim na sessão, que dá o amor. Assim, me torno vitoriosa (“senti que estava presa e fui a outro lugar, recebendo entidades e deixando a expressão fluir. Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: Iansã (“que me protege na vida e nesse processo”). A marca recebida por mim: o canto de meu útero, uma música, e a comemoração acontece com este momento de compartilhamento entre nós.*

2) LEITURA DE SEMILLA

Identifico-me nessa questão da expressão, da representação do corpo, dessa luta constante com si mesma e os pensamentos. É a luta e o convívio, o mais difícil, com momentos de crise e momentos menos sofridos. É a construção do ego que está em jogo, a partir das nossas experiências, da cultura, das relações familiares. Ao mesmo tempo, o ego está fraco, e ele tem, apesar de sua fraqueza, de se constituir mi-

nimamente neste ambiente para sobreviver e se relacionar com o mundo. É a raiz do ser que está em jogo.

A “moral” desse conto é o fato de que temos recursos internos para elaborar os conflitos e o apoio de energias amorosas – e certamente, da comunidade. Aqui os ciclos de morte e renascimento estão constantes: são os ciclos menores da vida. A visão de como acontecem os ciclos maiores na história de vida de cada um/a permite respeitar os mistérios do outro e nossos próprios mistérios, sem entrar no moralismo de julgar, avaliar as intenções consideradas “boas” ou “más” dos outros.

2) COMENTÁRIO DE JEZABEL ANTIGA (não apresentado)

3) AUTOTEORIZAÇÃO PELA COPESQUISADORA JEZABEL ANTIGA (não foi apresentada)

Respeitamos, na Sociopoética, o direito de cada participante de silenciar, por suas próprias razões que ele/a não tem de justificar.

DOSSIÊ "ÁGUAVI VA"

1) **LEITURA POR SEMILLA**, que escolheu comentar as histórias de Jezabel Antiga e Águavi va.

Lembrando... – *Um passarinho quer o olhar* (“*ele tem uma estrela no olho*”) num lugar muito bom para ele, com tudo necessário na natureza (“*água, montanha, plantas, céu etc.*”). Mas existe um vilão: *a escuridão, choveu muito; e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: a matança de animais, Exu trabalha com as almas e com seu tridente*. O passarinho é derrotado: *ele cai num buraco, como sair?* (“*mas há um sol grande*” – *comentam outros copesquisadores*). Mas aparece um doador: *uma concha de ostra com uma pérola azul, que dá um barco para sair* (“*o copesquisador está no barco, indo buscar o passarinho com a pérola*” – *comentam outros copesquisadores*). Assim se torna o passarinho vitorioso (“*ele está ferido, mas em pé*”). Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: *uma nave, vindo de Vega*. A marca recebida pelo passarinho: *ele está debaixo da nave, olhando para cima* (“*chorando de felicidade, com a música fluindo, cantando a liberdade*”), e a comemoração acontece com *a música na floresta encantada* (“*e o passarinho percebe que pode voar*”).

É um arquétipo de experiência humana universal, a derrota – e dentro da derrota, encontrar o seu fundo, o fundo do poço, suas sombras e, com elas, sua responsabilidade sobre essa derrota, observando tudo que foi feito sob diferentes perspectivas. A ferida, a dor, o contato direto com a sombra é parte do processo. A dor vem daí. Para além da ferida que fica como uma marca da aprendizagem, é necessária a compreensão maior dos ciclos da vida (a iluminação de Vega), dos ciclos de morte e renascimento. Pois essa compreensão (a pérola) dos ciclos de vida-morte-vida coabita

com a ferida, sem que esta impeça o caminhar. A compaixão é também redenção de si: permite enxergar sua humanidade, com suas limitações e a importância dessa etapa no amadurecimento do ser. Apesar da ferida, a compreensão mais distanciada me permite entender que posso voar: mesmo em presença da ferida, que cicatriza deixando sua marca, a vida continua nos ciclo de vida-morte-vida novamente.

A “moral” é que depois da morte vem a vida de novo, depois da noite, o dia: isso é o processo da vida. O que sustenta é a fé, pois no momento do morrer, a impressão é que tudo acabou, mas existe a necessidade de viver o luto para a vida puder continuar. Processar a ferida, se dar o tempo do luto, do choro, é necessário para que brote naturalmente a vontade de viver de novo. Precisa respeitar as etapas: é uma iniciação da vida. A natureza é a professora dos ciclos de vida e morte. Ela está ensinando isso o tempo todo, pela sua própria maneira de ser – nos ciclos maiores como as estações, e também em ciclos menores: por exemplo, no verão, tem folhas mortas em decomposição. A experiência da mulher com seus ciclos é a natureza dentro dela. É visceral, anterior a tudo: é o fundamento.

Comentário de Águavi va

Com a luz dessa leitura posso enxergar o local onde aspectos profundos e sombrios se estabelecem, lugar também de meditação, de encontro com a solidão, com o Eu Divino. Nesse local, a cuidAmora me mostra também que há uma chave, e com essa chave posso identificar a mensagem da pérola que corresponde com a realidade do amado pássaro; ele entende que cada sombra é também um tesouro, e, acolhendo esses aspectos, o convívio se torna uma ação potente que se desencadeia no próximo cenário, na próxima trilha/caminho.

2) LEITURA POR BELLE FLEUR, *que escolheu comentar as histórias de Águavi va e Rajada de Vento*

Na vida, nada está perdido, sempre há uma saída, quaisquer que sejam as fases da vida. A depender da nossa resolução, podemos sair e nos fortalecer, ou reproduzir as posições de sempre. Ou você encara e tenta melhorar, ou você aceita sua condição, sem reagir e buscar melhorar. Numa sociedade machista e preconceituosa, com padrões definidos, poderíamos nos conformar com nossas infelicidades ou mudar a realidade nossa e da sociedade, para ficarmos conforme o que desejamos (exemplo de Águavi va, que escolheu se tornar transhomem e é feliz agora). A nave de Vega significa nossa percepção do outro: os outros seres, com saberes diferentes, podem ter algo para nos ensinar, ou talvez já estejam nos ensinando algo. Sabemos que podemos viver sem matanças animais, e Exu, que abre os caminhos, ensina outras formas de nos alimentar, sem prejudicar os irmãos animais. Tem um lado espiritual na aprendizagem do desapego das coisas materiais, que começa com a alimentação. É uma base saudável, tanto para nosso corpo como para a natureza. O cuidar é recíproco. Não tem contradição, pelo contrário, entre cuidar de si e cuidar do ambiente.

A “moral”, para mim, é o cuidado de colocar a natureza, sempre, em primeiro lugar, no primeiro plano. Maltratar a natureza é se maltratar a si mesmo. Cuidar no outro, olhar para o outro também é caminhar lado a lado com a natureza. É um ciclo de trocas.

Comentário de Águavi va

Águavi va não escolheu se tornar transhomem, ele sempre foi. O processo é de identificar e reconhecer, eu mesmo. Nunca desejei ser homem, nasci assim... Trans. O “q” da questão sempre é a pressão e coerção que a sociedade

ocidental patriarcal, machista, sexista impõe, ao estabelecer exclusivamente dois gêneros, totalmente formatados e estabelecidos em seres que são naturalmente livres e diversos (diversidade de gênero, raças, tamanhos, gostos, cultura, multidimensionalidade etc.).

A percepção do outro, dos outros seres é uma portal para a ampliação da nossa consciência. Perceber o outro, aprender a ouvir, aprender a nova linguagem daquele ser que não é mais invisível – já que agora você pode vê-lo, simplesmente por olhar. Olhar a natureza, os animais que ali habitam, e assim olhar os animais que habitam em nós, os seres que nos habitam. Sensibilidade, compaixão, simplicidade.

3) LEITURA POR GUZITO METAMORFOSEANDO-SE, que escolheu comentar as histórias de Belle Fleur, Águavi va e Pérola Azul.

O pássaro que tem a estrela no olhar e vive em um lugar que muito desejou e onde escolheu morar é a águia. Sua morada, o topo da montanha. É um animal carnívoro com visão excepcional, muito forte e perspicaz. Por esses atributos, foi escolhido. A vontade do copesquisador, de não querer a matança de animais – nem mesmo em rituais, é arrancada por uma densa noite chuvosa. É seu animal interior (a própria águia) que, na verdade, se rebela e luta contra si, contra sua vontade consciente. São seus próprios impulsos carnis que lhe dividem, forçando-o a cair no buraco. O barco e a pérola, para resgatar o pássaro, são uma força ativa em sua vida, assim como a nave vinda de Vega. Forças confrontando-se mutuamente, gerando tensão e angústia. Forças ligadas aos dualismos matéria-espírito, realidade-fantasia, forças que fragmentam o humano impedindo o copesquisador de chorar de felicidade, de fluir com a música e cantar a liberdade. Forças que, em oposição, obstaculizam o cuidar ambiental,

já que para integrar (cultura e natureza, humano e não humano, etc.) torna-se urgente desarticularmos dualidades e antagonismos.

Comentário de Águavi va

Quem seria o copesquisador que vos fala? A vontade é arrancada pela noite chuvosa? Entenderia melhor se qualifica-se quais seriam os impulsos carnis percebidos.

Vejo muitos sentimentos nessa leitura, algo que precisa ser falado, exposto, desconheço o motivo, mas é urgente o desabafo.

Em geral, é uma visão totalmente outra, aparentemente aplausível, vejo que o/a cuidAmor que fez esta leitura destaca pontos que partem exclusivamente de sua perspectiva (não sinto que devo acessar, principalmente por não achar uma identificação, ou um rio onde água possa fluir, passar...). Quando enfatizamos alguns pontos e desconsideramos outros ou não colocamos energia ou vida em outros pontos, isso cria um outro cenário onde é possível novas/outras discussões. Mas, sim, acredito na desarticulação da dualidade, colocando energia em toda diversidade existente e atento para a separação e a classificação mental. Transitando para um campo multidimensional, onde tudo coexiste, é cocriado pela magia ativa de consciência exponencial, nesse caso ampliada graças à disponibilidade e ao amor da medicina mãe Ayahuasca.

LEITURA POR PÉROLA AZUL, que escolheu comentar as histórias de Semilla, Águavi va e Guzito metamorfoseando-se

Águavi va não é homem nem mulher, Águavi va é água que dança com a terra, com o ar, com o fogo. Água que vai tomando a forma do que está em contato, porque Águavi

va não tem forma, ele tem forma de tudo, Águavi va guarda a pérola azul no oceano, Águavi va dá de beber para a onça quando está com sede. Águavi va faz a semente germinar. Águavi va traz a vida para a matéria e é sacudido pela rajada de vento. Águavi va tem a cor azul quando o céu está azul, Águavi va tem múltiplas formas de nariz de clown, Águavi va é um clown com múltiplos corpos, mas nesse mundo ele não consegue expressar todos com suas múltiplas cores, formas, texturas e energias. Águavi va nos ensina a complexidade da existência humana e nossa ligação com o universo. Nosso universo interior é múltiplo, é complexo... nossa razão jamais poderá entendê-lo. Precisamos sentir. Sentir a natureza. Respeitar a natureza. Precisamos aprender a conviver em comunidade, respeitar, compreender e produzir um mundo novo.

Comentário de Águavi va (está viajando).

3) AUTOTEORIZAÇÃO PELO COPESQUISADOR ÁGUAVI VA APÓS ESSA DISCUSSÃO

O contato com o invisível é muito importante, tenho mais fé no invisível que no humano e na matéria. Converso muito com as plantas, as ervas, e obtenho um feedback da própria natureza. Isso é muito puro, pois não tem empecilhos mentais que impedem um livre diálogo com a natureza; ela atinge muito mais pontos, e não tem expectativas. Eu fico livre e responsável, nesse conhecimento primordial. O fato de ter nascido em um corpo que é lido como mulher me permitiu ter uma visão mais ampla sobre o universo feminino e masculino, não me reconhecendo nem homem nem mulher, e, sim, num terceiro movimento. Reconheço-me como rapaz trans e não como homem. Isso me permite ter uma visão mais ampla e cuidadosa de que realmente eu quero manifes-

tar. No caso, a devoção e dedicação à energia feminina, que é algo que é para além das dicotomias do patriarcado instituído. O cuidar com a natureza é bem equilibrado: tem o lado Ogum, mais pesado, prático e bem masculino: vai e resolve, direto; tem o lado feminino, Iansã, que faz o movimento para as coisas se revelarem ou acontecerem. No interior, é com uma dança das energias, dentro do corpo.

O barco vem de uma relação que entendo simbolicamente de nós estarmos numa ilha, passando por uma experiência (de evolução, não sei se é a palavra certa?) espiritual: morremos, pegamos um barco e vamos para outra ilha, que pode ser outro planeta.... Somos viajantes, e o oceano pode ser lido como Deus. Eu vou buscar um outro eu (o passarinho), para resgatá-lo, na terra.

A pérola, a concha, remetem ao enigma do feminino, uma beleza de tipo Oxum. O tesouro, o feminino que chama. Sempre as duas polaridades estão presentes, equilibrando-se na busca do mistério, do infinito, do cosmo, de Deus.

Exu, aqui, é ligado ao veganismo que trago muito nessa vida. O transgênero e o veganismo pertencem à mesma entidade, à mesma luta. Sobrevivência da harmonia da terra, pois não há voz para os animais e o veganismo é uma porta-voz. Os caboclos, os índios (visíveis e invisíveis) são os porta-vozes da terra. Uma tradução desse mundo até então invisível para o mundo dos humanos. Um chamado de reconhecimento dos valores e das vozes da natureza.

DOSSIÊ “RAJADA DE VENTO”

1) LEITURA POR BELLE FLEUR, que escolheu comentar as histórias de Águavi va e Rajada de Vento.

Lembrando... (um homem, na pesquisa sociopoética, pode sentir-se mulher e/ou criança): *Uma onça (foi comentado que no desenho parecia um caranguejo: “ela pega mesmo!”) quer uma estrela num lugar situado em Salvador, a Avenida Paralela. Mas existe um vilão: a grade, a cerca, e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: morder a cerca. A onça é derrotada: há grades e cercas em todo lugar. Mas aparece um doador: a arte (“a onça está olhando um quadro de Gauguin”), que dá a aliança e interação entre os saberes acadêmicos (“representados pela harmonia do número de ouro”) e populares (“representados por indígenas tomando a medicina do rapé”). Assim se torna a onça vitoriosa, com o desenho de uma árvore crescendo, grande, com estrelas nos galhos e raias de rios (“a grade está como uma ferida na árvore, que se torna cada vez menor”). Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: uma coruja (“ela está morando na árvore” – foi escrito ao lado do desenho dela). A marca recebida pela onça é o olhar estrelado e a comemoração acontece com uma acadêmica-professora dançando com os indígenas, as crianças, sob o olhar da onça.*

A onça é o povo indígena, cada vez mais encurralado pelos brancos, sem espaço para viver. Ele se sente preso, e acaba morrendo nesses conflitos de buscar sua identidade; ele ensina aos outros o respeito do espaço de cada um. De maneira mais geral, na sociedade, há muitas imposições de padrões, que acabam excluindo aqueles que não se conformam. A união dos excluídos e daqueles que não se conformam permite mudar a situação e conseguir vitórias. A coruja é o/a cuidador/a ambiental, por exemplo, comunidades

que se juntam aos indígenas para defender seus ideais, ou acadêmicos que lutam para que indígenas se formem na universidade e tragam para suas comunidades novos conhecimentos, sem abandonar suas próprias raízes, e, sim, para tornar sua comunidade mais forte, sem ilusões sobre o consumismo. É uma troca: essas comunidades ou acadêmicos aprendem dos indígenas. A árvore é o renascimento dos povos indígenas, que não perdem sua identidade, sua arte, seus conhecimentos. As medicinas indígenas estrelam o olhar: elas ensinam – no sentido de o Branco aprender que são medicinas de cura e de prevenção (particularmente nos rituais), diferentes das do Branco, que geralmente respondem a um ataque localizado e não envolvem a espiritualidade no processo de cura.

A “moral” é a integração: que não haja separação, e, sim, convivência e harmonia. O cuidar é a integração.

2) LEITURA POR ÁGUAVI VA, *que escolheu comentar as histórias de Guzito metamorfoseando-se e Rajada de Vento*

Mostra muito a relação do cotidiano com o cosmo, o espiritual. A estrela na Paralela! As grades em todos lugares: qualquer movimento que se faz para algo de não estabelecido na sociedade é visto como de vanguarda, e não natural como deveria ser; e encontramos a arte como porta para o infinito, o mistério e o feminino. Dentro de uma cela, o sol, e a gente vai em direção ao sol, entra no sol. A arte permite sair das grades, que, logo, têm um componente patriarcal. O patriarcado aprisiona a natureza como conjunto dos seres vivos e como sendo o natural, o espontâneo em nós. A onça, a coruja, os galhos e as raízes da árvore levam para a natureza, para Oxóssi, como porta-voz e guardião. A natureza tem um poder de autocura.

A moral da história é a voz dos índios, traduzindo a natureza para os humanos: a professora vai traduzir para a academia os ensinamentos dos índios e da natureza (e a co-ruja trazida por Sandra apareceu o dia seguinte, feita por índios). O conhecimento oculto é mais amplo, ele está ao redor da gente, mais há de aprender a lê-lo, voltando-se para ele, olhando, percebendo. Há de ficar muito atento, observar, sentir com atenção: é um movimento sutil.

3) COMENTÁRIO POR Rajada de Vento DAS DUAS LEITURAS

APRENDI COM AS LEITURAS DE BELLE FLEUR E DE ÁGUAVI VA... Que a perda de mobilidade e de espaço vital, a colonização e a exclusão são fundamentalmente uma perda da Arte e da Espiritualidade, sacrificados ao conformismo social. Logo, todos e todas que têm interesse em dar espaço à arte e à espiritualidade devem se unir. Os indígenas podem nos guiar nessa união, que é um processo de cura, pois o espiritual está presente no dia a dia, no mais simples, cotidiano e espontâneo. É a experiência íntima do infinito, do mistério, do feminino frente ao patriarcado. É uma intensificação da natureza em nós, com animais e orixás como porta-vozes e guardiões. As traduções interculturais críticas devem incluir o conhecimento oculto, que pede para o sentir, a atenção, o observar – virtudes de caçador/a (Oxóssi, Caboclos e Caboclas!).

4) AUTOTEORIZAÇÃO PELO COPESQUISADOR RAJADA DE VENTO APÓS ESSA DISCUSSÃO

As cercas em todo lugar – parecidas com o processo de colonização das Américas – impedem a expansão de consciência. Essa expansão tem a ver com a livre circulação dos corpos, pois é na viagem xamânica que a ONÇA-XAMÃ rea-

liza a cura – também concebida como autocura, inseparavelmente (a “estrela” é o foco dessa viagem: ela vai iluminar seu olhar) – buscando a alma viva presa pelos seres maus. A onça precisa do seu ambiente, no qual ela se integra, para visitar aliados (tais como o passarinho de Águavi va). Nessa história, o desafio curador é realizar sem violência a cicatrização dos males, pela interação e imersão das energias de vida na própria natureza (que incluem a sabedoria ancestral das energias noturnas, e a própria sabedoria da doença). A multiplicação dos elos comunicacionais e a integração das raças, profissões, culturas, gerações é o caminho, a própria vitória, a partir das harmonizações já presentes nos diversos ambientes.

DOSSIÊ “GUZITO METAMORFOSEANDO-SE”

- 1) **LEITURA POR ÁGUAVI VA**, *que escolheu comentar as histórias de Guzito metamorfoseando-se e Rajada de Vento*

Lembrando... – Uma mão (“a ação, o fazer acontecer”), quer uma espada de luz, num lugar: o planeta Terra. Mas existe um vilão: uma ilha (“o isolamento, a solidão”), e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: o olho gordo. A mão é derrotada: é a limitação das três dimensões, o instituído. Mas aparece um doador: a ventania, a tempestade, que dá um nariz de clown. Assim se tornou vitoriosa a mão: é a vida integrada com a natureza, o ser humano, o sol, as plantas... Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: o coração, o amor, a sensibilidade, a emoção. A marca recebida pela mão é um raio, e a comemoração acontece como multiplicidade, diversidade e diferença.

A espada de luz e o planeta Terra me levam para o arcanjo Miguel, que é meu padroeiro; leio como um aspecto de Ogum num outro plano, outra roupagem. Ogum com espada de aço luminosa, que pode vencer as demandas mais urgentes (que está sempre perto de mim e que posso chamar), e Miguel com espada de luz (que aparece como um “aliado inesperado”, sem que eu o chame), sendo a mesma energia. A ilha vai se abrir a outras dimensões e ligações com outros planos, permitindo a ida e vinda de outros seres, graças a Iansã, que faz a ventania, a tempestade. Há de destruir tudo que está isolado, burocratizado, limitado, de maneira possivelmente agressiva, para as grades caírem e percebermos outras possibilidades de existência. É a integração do ser humano na natureza e do próprio ser humano.

A moral da história é o raio como marco para a diversidade, ao mesmo tempo agressivo e criAmor.

COMENTÁRIO DE GUZITO METAMORFOSEANDO-SE

A vitória sobre o isolamento e a solidão vem através da conquista agressiva, intrépida, violenta! Contrariando a lógica, Ogum luta insistentemente e vence o que todos consideram impossível, enquanto Iansã espalha raios que cortam o céu no meio da chuva espessa. Viver implica enfrentar riscos e desafios, dia após dia, aventurando-se e conquistando o que realmente desejamos. Somente assim o isolado, o burocratizado, o formatado, de uma vez por todas, será transmutado e colocado em fluxo inventivo, manifestando outras possibilidades de existência. Isso porque a burocratização da vida é um fenômeno de reificação (ver o teórico da Análise Institucional Georges Lapassade após Sartre), ou seja, de fixidez, passividade, perda de autonomia e de autoconsciência, identificando o humano com o caráter inanimado, quantitativo e automático das mercadorias – coisificação da vida. A força da conquista guerreira, como apontam os orixás, é capaz de abrir a percepção humana e ativar potencialidades até então desconhecidas, tornando visíveis “outras dimensões e ligações com outros planos, permitindo a ida e vinda de outros seres”. Seres estranhos (nunca vistos) que, paradoxalmente, já estão aí conosco, compondo nosso cotidiano, entretanto acessíveis somente a partir de uma perspectiva não humana: das plantas, microrganismos, pedras, águas, constelações, animais, terra, etc. Talvez o clown torne possível esse olhar inumano, ao acionarmos um devir-outro, devir-louco, devir-vacuidade, apresentando-se como ser em devir, atravessando portais e fazendo proliferar novas possibilidades de coexistência. Talvez o clown faça emergir formas inovadoras de interação com outros seres e dimensões do real, multiplicando papéis sociais e identidades, fazendo proliferar diversidades.

2) LEITURA POR PÉROLA AZUL, *que escolheu comentar as histórias de Semilla, Águavi va e Guzito metamorfoseando-se*

Guzito metamorfoseia-se no olhar estrelado e consegue ver o que ninguém jamais conseguiu enxergar. O olhar estrelado lhe mostra que tudo é passageiro, e que, no caminho, vamos semeando sorrisos, lágrimas, gentilezas, mágoas, frustrações, vitórias, encantos e desencantos... o olhar estrelado lhe dá o poder da terceira visão, e Guzito recebe um presente misterioso de um ser que veste uma capa sem cor e sem forma; na verdade, é uma capa estranha, uma veste estranha que não é deste mundo, por isso, não consigo definir. Mas o presente que Guzito recebe é misterioso porque ele não sabe o que é, e sua missão é descobrir o que é e o que representa esse presente que lhe é colocado nas mãos. Por isso, seu olhar estrelado leva-o à floresta, mas é uma floresta encantada, cheia de mitos e histórias milenares. Quando Guzito chega na floresta, seu olhar estrelado vê uma névoa e nessa névoa aparece uma onça com bico e asas de coruja. A onça-coruja olha-o fixamente e Guzito entra na floresta com passos lentos e olhar atento. Guzito abre as mãos para mostrar o presente misterioso para a onça e ela transforma-se numa coruja e sai voando e emitindo um alto som pela floresta. Guzito precisa percorrer seu caminho sozinho até encontrar o segredo do presente que está em suas mãos.

O presente é o aprendizado de ser um cuidador ambiental. E o olhar estrelado é a capacidade de perceber a complexidade da natureza, a capacidade de enxergar além do plano físico, e ver as ligações e múltiplas interconexões que mantêm o funcionamento da natureza.

Captar a complexidade da vida.

COMENTÁRIO DE GUZITO METAMORFOSEANDO-SE

Guzito é um clown e seu olhar singular enxerga uma “onça com bico e asas de coruja”, significando que ainda não está preparado e precisa continuar trilhando sua caminhada de cuidador ambiental solitariamente e com perseverança. Uma trajetória que, sem dúvida, será povoada por miríades de pensamentos, sentimentos, lembranças, presenças. O poder da terceira visão lhe diz que tudo é passageiro e que a boa semeadura é por toda vida, dentro e fora da pesquisa, em cada atitude e a cada momento. Somente assim é possível entrar em contato com a complexidade, vivendo cada instante como se fosse a própria eternidade, acessando entrelugares: entre este e um mundo por vir. Guzito aprendeu que terá que continuar desenvolvendo sua “capacidade de enxergar além do plano físico, e ver as ligações e múltiplas interconexões que mantêm o funcionamento da natureza”. Esse é o desafio que lhe confere o processo de ressingularização, toda vez que procura diferir com relação a si mesmo e gera linhas de fuga (Deleuze) através de uma forma de atuação peculiar, transformando lugares inóspitos em florestas encantadas, cheias de mitos e histórias milenares.

3) AUTOTEORIZAÇÃO DE GUZITO METAMORFOSEANDO-SE APÓS ESSA DISCUSSÃO

São as mãos que afagam, derrubam, reconstroem, elas que se omitem e cruzam os braços. Movidas pelo desejo, empunham espadas flamejantes e desbravam o mundo, transformando-o em um lugar mais intenso, exuberante e acolhedor! Entretanto, o humano não se arrisca, não vai além de si, de seus contornos e limites, sucumbindo ante os próprios interesses mesquinhos – isola-se como uma ilha. O desejante (Deleuze/Guattari) é alquimista, que, cuidadosa e atentamente, volta-se ao outro, ao diferente,

ao novo, extrapolando a esfera do próprio prazer: de um mundo para si e por si. Depara-se (sem ser detido) com a limitação das três dimensões, com o universo instituído, o plano da forma e da repetição dele (Deleuze). O corpo do clown manifesta-se como poderosa força mutante-inventiva, revolvendo territórios existenciais (nossos lugares seguros) com suas tempestades e formidáveis furacões, religando o que antes havia estilhaçado em mil fragmentos. Ele integra todas as dimensões, atualiza enquanto unifica todas as coisas: o humano, o sol, as plantas, os demais animais, matéria e espírito, etc. Clown é devir-criança, é coração, amor, sensibilidade, emoção, sinceridade e muita, muita, capacidade de reinvenção do mundo. Revolve com seus raios multicoloridos e faz isso de maneira única: multiplicando, produzindo diferença, fazendo proliferar outros modos de coexistência (Deleuze/Guattari).

DOSSIÊ "SEMILLA"

1) LEITURA DE PÉROLA AZUL

Lembrando... – Uma professora quer o amor, para curar, educar com amor (“apesar da história da escravidão, internalizada”) num lugar de fluxos, água e dança. Mas existe um vilão: o julgamento dos outros e de si mesma (“foi a primeira miração que veio”), e uma proibição, que pode ser transgredida ou não: a expressão de si, a expansão. A professora é derrotada, na forma de uma punição: um pelourinho com o negro chicoteado, não posso como professora reproduzir o inconsciente introjetado que se aprende através da punição, do castigo). Mas aparece um doador: a curandeira, a folha, útil no momento de necessidade, que dá a consciência e o amor no educar. Assim se torna a professora vitoriosa, com o perdão (também comigo acostumada a me autopunir, o que se projeta no educar”). Um aliado inesperado ajudou nessa vitória: a medicina Ayahuasca, ou seja, a força, a consciência, o foco (“abrir caminhos”). A marca recebida pela professora é maturar (“a planta, a semente” – vulva e espermatozoide, visualizaram demais copesquisadores no desenho) e a comemoração acontece como ambiente acolhedor, a família do coração como suporte que não julga.

Semilla é a semente que brota da terra árida, onde todos pensavam que não ia brotar nada. Mas a força de vida de Semilla sente a vibração da vida em seu DNA, sente o fluxo da Deusa Mãe com seus nutrientes e água, e os absorve, nutrindo-se da terra. Aos poucos Semilla vai crescendo na escuridão do solo e, sem saber e perceber que é forte e que tem vida, desponta do solo para ver a luz. A luz do sol banha Semilla, ilumina seu frágil caule, sua frágil e

pequena folha, que irá captar a luz para o seu crescimento. Semilla precisou da escuridão para ter força e impulso de vida, e agora precisa da luz para crescer e se desenvolver, e sentir-se planta, e sentir-se verde, e sentir-se parte da terra e do universo. Semilla, assim como Pérola Azul, precisou usar sua força para irromper a escuridão em direção da luz, para buscar a vida. Pérola Azul saiu das profundezas do oceano, e Semilla saiu da escuridão do solo. Semilla e Pérola Azul aprenderam o conhecimento das trevas e da morte, e, agora, estão aprendendo o conhecimento da luz e da vida. Semilla-Pérola Azul será um novo personagem na história? Um personagem híbrido, que entrecruza aprendizados semelhantes. A pérola e a semente, a germinação, a vida. Cuidadora ambiental que ensina e aprende, cuidadora ambiental que sente a vida e a morte no planeta, que sente a dor do planeta contaminado e degradado pelo homem, que sente as injustiças e maldades e atrocidades que nós seres humanos fazemos a todo instante a todas as formas de vida e aos bens da natureza. O/a cuidador/a ambiental é aquele que cuida da Semilla, da semente, fazendo-a brotar e nascer como uma bela flor no coração de cada pessoa que passa pelo seu caminho. Para que o coração seja um belo e florido jardim com borboletas dançantes e pássaros para polinizarem e proliferarem a vida e o amor.

Comentário de Semilla:

Tem tudo a ver, a história da Semente e da Pérola Azul, seus processos de formação. Tem muitos caminhos para se conhecer a vida. Um é a partir da vida, outro, a partir da morte, um leva à compreensão do outro. A semente começa seu caminho pela morte, é o final de um processo, quando ela cai: ela é o fim e o começo. Entrar na terra escura, ficar

na escuridão é o caminho que a semente e a pérola fazem para conhecer a vida. Caminho de austeridade, aprender a ficar no escuro, e ficar no silêncio; o único recurso nesse momento é a aceitação e a confiança na própria vida: são os alimentos. A consciência da necessidade de passar por essa fase, muito rica em autoconhecimento. É um processo solitário. Só a semente sabe o que é estar no escuro, ela vai ter que encontrar sua própria força, que vem do alimento do autoconhecimento que a natureza nos oferece. Corporificar, integrar essa força para romper o invólucro duro da semente com muita delicadeza, sem esforço. Pois, quando a força é suficiente, não precisa de esforço. É um processo de autoconfiança o reconhecimento dessa força, para que o corpo, o broto possa dar conta dessa força, que não pode ser em excesso nem faltar. Na medida em que essa força vem sendo corporificada, integrada, o broto vai crescendo em direção à luz, ao sol, sendo seu próprio eixo que o sustenta.

Se você tem a consciência desse processo da semente, o externo vai se explicando, e a cuidadora ambiental pode se conduzir com mais coerência entre o sentir, o pensar e o fazer. Essa coerência é o que nos falta enquanto humanidade fragmentada. O resgate dos processos da natureza dentro da cuidadora ambiental promove a integração do sentir, pensar e fazer, porque a natureza é assim. Sem necessariamente ter que hierarquizar a importância de cada uma dessas ações, e, sim, buscar encontrar a importância e o lugar de cada uma, para que a nossa conduta seja orgânica, num organismo só, sem fragmentação. O organismo é o universo.

É o processo de cura do/a curador/a ambiental: criar essa integração e coerência interna, porque a fragmentação nos tira do eixo e cria um ambiente confuso com lixos acumulados e coisas não resolvidas, enquanto a natureza é orgânica, não é confusa, transformando e dando direciona-

mento a todos os resíduos que produz e que retornam a ela como alimentos. Cuidado com o excesso de racionalismo, que pode rigidificar o processo, enquanto na natureza se combinam formas e tamanhos de vida de modo que todos possam coexistir e manifestar todo seu potencial. Assim são os recursos e as ferramentas de cada cuidador/a ambiental. Aprende-se que não podemos controlar tudo. Ter o cuidar em não querer controlar totalmente as manifestações de vida, deixar que as coisas se manifestem. Isso exige uma flexibilidade da cuidadora com ela mesma. O primeiro diálogo da cuidadora ambiental deve ser com seu ambiente interno. A sua conduta com o ambiente externo será uma com esse ambiente interno, que exige delicadeza, paciência e aceitação – e de cuidar com excessos de julgamento com condutas autoritárias e rígidas que não permitem dançar com sua natureza interna. O significado da dança é o movimento da vida. “A partir do momento em que você faz o gesto daquele orixá que há mais de 5.000 anos dançou daquele jeito, você está reafirmando aquele momento”... (Ebomi Vera d’Oxum).

É um ciclo. Temos que dar direcionamento a nossos resíduos, como a natureza faz, porque o ambiente que o/a cuidador/a se propõe a cuidar é um espelho desse ambiente interno.

AUTOTEORIZAÇÃO DE SEMILLA

– A questão do pessoal e do coletivo é interessante, às vezes há conexões, às vezes não. O autoconhecimento coletivo toca a gente, mesmo que não vivenciemos isso no momento. É o lado humano, as coisas se reverberarem na gente, porque é humano.

Vê-se de onde as pessoas estão falando: duas pessoas do Sul, um francês, uma caribenha de Nova York: de onde se fala? Interessante observar o implícito da percepção do mundo deles.

Foi muito expressiva a diversidade das falas, dos lugares, das experiências. Algumas coisas são estranhas, até desconfortáveis, outras vezes há sensações de compartilhamento. Toda fala está implicada numa experiência de vida, num meio social, institucional. Há choque de lugares sociais, culturais, raciais.

– O trabalho do despertar do clown na véspera da sessão de pesquisa realmente liberou a expressão diante de tanta repressão e julgamento, criou conforto e confiança entre as pessoas: cada um está se mostrando aos outros. A expressão pessoal na sociedade muitas vezes é ridiculizada além de desvalorizada, mas aqui, com o clown, nos ridiculizamos a nós mesmos de maneira positiva: todo mundo é igual no ridículo. E a gente não se avalia enquanto joga, a gente está totalmente dentro do personagem. Esse personagem que a gente cria revela aspectos de nós nem sempre visíveis na vida cotidiana, mas que no momento pulam para fora, sem controle – e se trata de uma coisa importante em nós. O olhar e a fala dos outros sobre nosso próprio personagem é interessante, é um olhar sobre aspectos da personalidade nem sempre percebidos, e que se tornam assim como validados, reconhecidos. O personagem exagera, exagera características da gente. Esse trabalho com o Clown contribuiu para criar um espaço confortável a favor do trabalho com a Ayahuasca, entre pessoas que nem todas se conheciam. Integração e segurança. Criar o espaço do ridículo impede definitivamente de se sentir ridículo em outra oportunidade.

A Ayahuasca: é um trabalho com o imprevisível. Tem os limites entre o pessoal e o coletivo, cada um/a ficou livre de vivenciar o processo do seu jeito, mas considerando a responsabilidade em relação ao grupo. Todos/as completaram a tarefa, dentro do seu tempo e à sua maneira. Encontrar respostas ao imprevisível: a Ayahuasca ajuda, é uma aliada.

Quando recebi a miração do negro chicoteado no pelourinho, no tronco, tive que me isolar e chorar, com muita dor, muita angústia, desconforto físico, até vomitar. Só depois dessa limpeza consegui um espaço para trabalhar. E cuidar de uma copesquisadora (o imprevisível do coletivo) me pediu uma ação que me fez compreender a história que estava sendo costurada. O imprevisível engrandece o trabalho. Ele não atrapalha, pelo contrário. Ele mobiliza forças do inconsciente, ou que ficam inconscientes em tempos previsíveis.

O momento do compartilhamento foi um momento lindo, cada um/a fala do lugar dele/dela e se sente realmente escutado/a, e, reciprocamente, ouvir o conto do/a outro/a é uma linda descoberta. O ser está se desvelando dos seus mistérios, na sua singularidade. O grupo é receptivo tanto em relação à forma da contribuição como ao conteúdo (uma copesquisadora não desenhou e o grupo aceitou que ela contasse sua história, sem cobrança nem exclusão por causa de não ter cumprido a tarefa como foi solicitado). É o respeito do ritmo individual, fora de qualquer pressão institucional.

É interessante a questão do imprevisível quando se trabalha ou pesquisa com comunidades populares: o imprevisível está sempre presente. Por outro lado, há os prazos da instituição de pesquisa, por exemplo, de uma pós-graduação. A Sociopoética permite lidar tranquilamente com o imprevisível e os imprevistos.

Falando da importância da ancestralidade negra massacrada pela colonização, que foi muito forte nas minhas mirações e no meu conto, no processo mesmo: não tem como trabalhar na escola com crianças negras sem voltar à nossa ancestralidade, para compreender as dinâmicas. Elas são múltiplas: nos relacionamentos, nos processos de aprendizagem, nas famílias, e na própria individualidade da criança

e seus traumas. Estou vivendo esse processo, externamente com as crianças, e interiormente comigo. Os mecanismos de poder, de opressão estão internalizados, e me relaciono a mim como me relaciono a outros. Portanto, se quiser descolonizar meu ensino, tenho de me descolonizar. Passa por sofrimentos emocionais e psicológicos, pois não é fácil se ver na posição de colonizador, mesmo que ter vivido a história do oprimido. Exige uma conscientização, que supera o sentimento de culpa e de desgosto de sim, para um movimento de transformação de conceitos e práticas vividas.

É o contrário daquilo que se encontra geralmente na literatura pedagógica, onde se vê a criança negra como vivenciando uma baixa autoestima. No caso, é a professora negra que está vivenciando uma baixa autoestima, e mais, a vergonha de ter internalizado os mecanismos de opressão, cujo perigo é de se reproduzirem inconscientemente. Há de reconhecer a fragilidade da professora, no caso, negra, e se torna necessário um espaço para que essa vulnerabilidade e honestidade para consigo mesma possam ser expressas, dentro desse processo de transformação. Esse espaço é escasso, nas famílias, nas escolas, na sociedade. São espaços para se discutir as várias facetas do racismo: elas são múltiplas e frequentemente reforçadas nas relações familiares e institucionais; assim se tornam naturalizadas e difíceis de serem percebidas e curadas. Descolonizar pede uma coragem de se enfrentar, de se ver feia, de ver uma parte feia em nós, que se deve transformar; não apenas na pessoa, e também naquilo que a comunidade e um mundo descolonizado precisam. ***O cuidar ambiental é isso, também.*** O perigo é que a ecologia pessoal fique no plano egoísta e não participe do cuidar coletivo. Ou seja: o cuidar ambiental não é apenas um cuidar de si na sua relação com a natureza, nem de si em relação à natureza e espiritualidade, ele inclui as relações

sociais, políticas, históricas e culturais nas quais estamos inseridos/as e, de certa forma, presos/as pelas estruturas familiares e institucionais, e que foram naturalizadas e internalizadas.

É muito difícil perceber coisa que foi naturalizada na vida cotidiana, por exemplo, se sentir ou em posição de juiz/a ou de acusado/a, a depender dos contextos. Por que tem muita gente que julga o outro? É uma defesa, uma reação para o outro não ter o tempo e as condições de te julgar. Tem que sair desse jogo perverso, o que é difícil. Uma pessoa, uma comunidade, pode te proporcionar um espaço para você desconstruir esse jogo perverso e crescer psicológica e emocionalmente. Espiritualmente também. Nas vivências sociopoéticas, se abrem tais espaços.

No cuidado para consigo existe a questão de administrar os conflitos internos de maneira leve e amorosa: não posso me desqualificar e odiar pelo de que não gosto em mim (no caso, minha internalização do poder colonizador). Para a coisa se transformar, não há de lutar e, sim, reconhecer, aceitar que ela existe em mim por causa da nossa história coletiva e da minha educação familiar, olhar com carinho essa fragilidade como fazendo parte de mim e não deixar que eu tenha raiva de mim, não reagir demais emocionalmente a essa fraqueza, analisar, discernir, pensar com calma e equilíbrio, sem cobranças para comigo, entrando num processo carinhoso que vai fazer com que, pela experiência atenta, ela acaba se dissolvendo, ao não ser alimentada. Paciência e fé em si.

Pérola Azul escreveu e mandou para nós um texto comentando o conjunto dos contos (mais uma vez, é uma forma de contribuição teórica ao *diário de itinerância*)

COMENTÁRIO GERAL DE PÉROLA AZUL

Um labirinto sem saída. Como sair dele? Voando como a borboleta, saímos do labirinto de teorias, hábitos, costumes e rotinas que não nos permitem ver com o olhar estrelado e enxergar que podemos transformar nossos velhos hábitos, e cuidar de nós mesmos, do próximo e do meio em que vivemos. Nossa sociedade é um labirinto de consumo, de produção de lixo, de injustiça social. Nesse labirinto social, existem algumas “ilhas”, “ilhas” de refúgio, onde se aprende a produzir outra subjetividade, onde são vivenciadas outras formas de vida e convívio social, que estão mais integradas aos ecossistemas do planeta e, por isso, mais cuidadosas e respeitosas com a natureza. Rajada de vento leva a borboleta para fora desse labirinto e a faz voar no céu estrelado. Cuidar ambiental: solidariedade, humildade, agir com o coração, troca, dar e receber.

Sacrificar os hábitos, perceber a simplicidade da vida, ouvir o canto dos pássaros, encantar-se com as cores de uma borboleta, são atitudes despertas em uma pessoa que busca ser um cuidador ambiental. Consciência ambiental, fluir com a natureza, integração com a natureza, Belle Fleur nos ensina que “Cuidando da natureza, cuidamos de nós”. A luta está presente sempre quando queremos a transformação.

Uma mulher grávida, um estupro, a imposição do controle institucional e patriarcal. A força do nascimento da vida é mais forte que as instituições. O desenvolvimento e

nascimento do novo é a garantia para respirar num mundo poluído. Entrar na floresta, integrar-se com a natureza é curar-se da poluição, é refazer-se, é reencontrar-se a si mesmo/a e ter forças para seguir e produzir clinamens. Semilla fala da fé. A fé nos faz seguir nesse processo de morte e renascimento.

Guzito metamorfoseando-se escreveu e mandou para nós um texto que ele chamou de “Avaliação do Percorso em Salvador/BA: transversalizações e sincronidades” (de novo, o *diário de itinerância*)

No dia 18 de maio de 2016, eu, como Augusto Amaral, recebi um e-mail do coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), dizendo que eu poderia utilizar o recurso financeiro que foi destinado aos pós-doutorandos do PPGEA em minha pesquisa de campo, já que naquele momento eu era o único pós-doutorando vinculado ao Programa. Quero destacar que, em momento nenhum, eu solicitei esse recurso. Ele veio para mim! Em outros termos: minha ida para Salvador teve como ponto de partida o imprevisto, o improvável, o aleatório, o acaso (*Ou serão sincronidades?*). De imediato, pensei na esquizoanálise (Gregorio Barenblitt) e na Sociopoética (Jacques Gauthier). Do meu ponto de vista, aqui começou o percurso sociopoético que, em princípio, seria realizado na Ecovila da Mata, em Entre Rios-BA, com participantes das atividades regulares do lugar [*a Ecovila da Mata é um parque ambiental com ações de preservação da Mata Atlântica, de resgate da ancestralidade indígena e de trabalhos de cura com a Jurama sagrada dos indígenas Kariri-Xocó*].

Então, eu e o Jacques começamos a conversar pelo Facebook a fim de organizarmos o trabalho e decidimos: 1) Levar o *clown* (em forma de improviso) para o contexto do percurso sociopoético; 2) Trabalhar na força da medicina indígena (*Ayahuasca*) durante a sessão; 3) Escolher a Educação Ambiental como tema-gerador; 4) Utilizar a técnica narrativa do Conto russo” e do “Educador ambiental como boneco”, na produção dos dados da pesquisa. Disso, surgiu

o “Pescurso Sociopoético: potencializando a criatividade do educador ambiental”, apresentado ao PPGEA/FURG como pesquisa de campo a ser realizada em Salvador, entre os dias 16 e 18/set/2016. Como o recurso também deveria ser utilizado em evento acadêmico, eu e a Raquel, minha esposa e doutoranda em Educação Ambiental pela FURG naquele momento, começamos a escrever dois textos (trabalhos completos) para enviar para o VI SERS (Simpósio Estadual de Representações Sociais e Educação) e I SIERS (Simpósio Internacional de Educação, Representações Sociais e Subjetividade), que aconteceria na Universidade Estadual da Bahia (UNEB), em Salvador. Os textos foram enviados e aprovados, com os títulos: “O Processo de Iniciação do *Clown*: contribuições para a formação e o desenvolvimento humano” e “Experimentações Estéticas: na busca de outros modos de coexistência e possibilidades de cuidado”. Como o Evento estava programado entre 05 e 07 de outubro de 2016, decidimos conversar com o Jacques e propor que fosse alterada a data do percurso para 30 de setembro e 01 de outubro, sexta-feira e sábado respectivamente. Alguns dias antes da viagem para Salvador, Jacques nos disse, pelo Face, que não haviam inscritos o suficiente para o percurso na Ecovila da Mata e que iria convidar alguns amigos para fazer a pesquisa em sua casa – Nota: *Em uma conversa com Waldo, na visita que fizemos (eu, Jacques e Raquel) à Ecovila da Mata, no dia 04/out (após o percurso no Jacques), ele comentou que “faltou comunicação” e que poderia ter convidado outras pessoas, além das cinco já inscritas, para completar o número mínimo de inscritos” e fazermos o percurso na Ecovila.* Esse fato levou-me a fazer alguns questionamentos: O percurso realmente não era para ser realizado na Ecovila da Mata e, sim, na casa do Jacques? Por quê? Existe algum tipo de intencionalidade guiando o rumo dos acontecimentos? Qual a intenção? De

quem? São multiplicidades ao acaso, simplesmente? É o aleatório? Ou sincronicidades?

Sociopoética na casa do Jacques

Dia 29/out/2016, no final da tarde, eu e a Raquel chegamos a Salvador e fomos direto para a casa do Jacques. Ficamos lá descansando e partilhando os momentos da chegada com ele, Rosário e sua filha Maria, até começar a sessão, no dia seguinte. Foi curioso notar que, no sobe e desce da escada que conduzia ao nosso quarto, bati com a mão e deixei cair no chão duas vezes uma escultura presa ao lado da escada, uma escultura da cabeça do Caboclo Pena Branca – o mesmo a quem Raquel ofereceu sua porção de *Ayahuasca* na noite do dia seguinte, durante o ritual [e mais: essa escultura vindo de longe – canta o Caboclo: “eu vim de longe...”, de Cuba, foi oferta pela copesquisadora Semilla a Jacques!]. Na sessão do primeiro dia, no final da tarde, apresentei dois vídeos:

- “Kaolack street dancer – Alors on danse (Stromae Remix) @ Prague” (<https://www.youtube.com/watch?v=vzyCIYIOCmc&feature=youtu.be>) e
- “Kazuo Ohno – Performance” (<https://www.youtube.com/watch?v=3lbLkYxDgTY>)

e, logo após, conversamos sobre o improvisado como elemento de convergência entre ambos. Em seguida começou o momento de sensibilização e contato com a natureza. Sugerimos que todos percebessem o espaço, entrassem em contato com o jardim onde estávamos (em frente à varanda), dançando, tocando nas plantas, respirando, observando os detalhes, envolvendo-se. O objetivo da experimentação era sentir, desacelerar, sentir de outra maneira, perceber de

outra forma, deixar-se afetar pelo lugar e interagir com os demais. Depois propus uma atividade de improvisação com o *clown* (como forma de acessar um devir-criança), primeiro mostrando para eles como a experimentação poderia ser realizada e depois pedindo que fizessem suas próprias improvisações. “Guzito [meu clown] entra em cena e pega um dos palitos [oferecido por Jacques, pois foi combinado que sempre que um clown entrasse em cena alguém lhe ofereceria um objeto-surpresa para improvisar]. Olha atentamente para ele, bem de perto. De cima a baixo, como se procurasse enxergar além do visível. Pega o palito pelas extremidades e levanta-o. Depois o deixa cair. Então, o palito se transforma, virando um taco de bilhar, e uma pequena semente que se encontrava no chão ao acaso transmuta, vira bola de bilhar. Guzito continua brincando, como se nada mais existisse além do acontecimento, dos influxos do aqui e do agora. Tenta acertar a bola no chão, que vira uma enorme mesa de bilhar. Então, a bolinha se transforma novamente, agora é uma bola de beisebol! Ele a arremessa, inquieta-se, pois a bola arremessada confunde-se com centenas de bolinhas iguais a sua que estão penduradas nas árvores ao redor. Agitado pelo acontecimento, bate, sem querer, com o ombro num conjunto de pedrinhas penduradas no teto da varanda. Sua atenção converge novamente, agora movido pelo encantamento dos sons das pedras a balançar... Guzito é a expressão da continuidade na descontinuidade, é a manifestação do um no todo, e do todo no um... passado, presente e futuro num bloco único de sensações! (Deleuze)” (Texto postado no Face, na Linha do Tempo do Jacques, no dia 09 de outubro 2016. 09h47min).

Na sessão do segundo dia, começamos dançando espontaneamente e depois Jacques nos convidou para o ritual com *Ayahuasca*. Depois que tomamos o chá, Yanee (a moça estadunidense) começou a vomitar e logo a se rastejar en-

tre os arbustos e a gemer, fazendo sons estranhos. No início, aquilo me perturbou um pouco, mas depois tive o entendimento que ela estava passando por um momento de limpeza e que as plantas da floresta estavam trabalhando em sua vida. Depois da sessão, fiquei com vontade de perguntar a ela o que havia sentido e como o chá havia ajudado em seus processos de busca. Também senti vontade de vomitar, mas não vomitei. Jacques propôs a técnica do Conto russo. Antes de começar a fazer os desenhos, dancei sozinho e com a Raquel, depois fiquei observando-a dançar deitado no chão. Fiz alguns desenhos naquela noite – completando-os no dia seguinte. Na tarde de domingo (02/out.), após a votação (eleições municipais em Salvador), em uma roda de conversa na varanda em frente ao jardim, onde aconteceu o ritual, começamos a contar nossas histórias sobre os desenhos que fizemos – na força da planta-professora. Dia 05/out. eu e a Raquel saímos da casa do Jacques e nos hospedamos em um hotel na praia de Stella Maris e no dia seguinte, pela manhã, fizemos o credenciamento e começamos a participar do VI SERS (Simpósio Estadual de Representações Sociais e Educação) e I SIERS (Simpósio Internacional de Educação, Representações Sociais e Subjetividade), na UNEB.

Visitando a Ecovila da Mata

Chamou-me a atenção as misturas feitas na Ecovila, um lugar que conjuga alimentação orgânica, naturismo, desenvolvimento espiritual, arte, permacultura, ecocidadania, etc. Fomos recepcionados por Waldo Andrade e, no final do dia, um pouco antes de partirmos, ele nos levou até um córrego e fez um ritual. No final do ritual, a folha em que bebemos a água do córrego foi lançada na correnteza. Depois participamos de outro ritual, agora em volta da fogueira, na força do rapé, com outras pessoas que estavam na Ecovila

naquele momento, incluindo o Jacques. Durante o rezo (a oração), tirei toda a roupa, alguns, como eu, estavam nus e outros vestidos. Foi feita uma homenagem a Ester Souza (<https://www.facebook.com/esteeer.souzaa?fref=ts>), voluntária no Programa de Voluntários, que se despedia da Ecovila após 45 dias de permanência na Mata.

Apresentação dos trabalhos acadêmicos na UNEB

Eu e a Raquel estávamos em Stella Maris e queríamos ir de ônibus até a UNEB, para participar do VI SERS e do I SIERS. Fomos ajudados por um senhor que também estava esperando o ônibus, ele foi muito gentil nos dando informações detalhadas sobre como poderíamos chegar à UNEB. *(No dia seguinte encontramos, por acaso, este mesmo senhor na Estação Mussurunga que, mais uma vez, nos ajudou a encontrar o ônibus que estávamos procurando. E, quando estávamos retornando para Sul, o encontramos pela terceira vez e nos despedimos como se fôssemos velhos conhecidos. Uma sutileza do percurso, uma transversalidade do processo, no meu entendimento: sincronicidades! Três dias e em três lugares diferentes com a mesma pessoa e o mesmo propósito: ajudar-nos a chegar onde precisávamos chegar; facilitar o fluxo, a fluência, o processo. Coincidência? Percebi aquele homem como um Exu Bará de Rua, o Orixá que estabelece correlações entre os processos internos do humano e as condições externas do ambiente, logo, conhecido como aquele que abre os caminhos).*

No dia 07/10, quando íamos apresentar nossos trabalhos no Evento, encontramos no ônibus (entre Estação Mussurunga e UNEB) um *clown* ilusionista peruano com um radinho na cintura tocando Édith Piaf. Mais uma sincronicidade, desta vez, um *clown*-mágico apresenta-se para nós alguns minutos antes da apresentação de nossa pesquisa: “O Processo de Iniciação do *Clown*: contribui-

ções para a formação e o desenvolvimento humano”. Como se a vida dissesse “sigam em frente, basta acreditar e lançar-se”! Durante a exposição oral da pesquisa, no Eixo 2 (O movimento das Representações Sociais: emergências epistemológicas), conhecemos o prof. Walter Von Czékus Garrido, mais uma intensificação do percurso. Ao falar sobre uma situação vivenciada por seu filho pequeno na escola, de repente, começou a chorar. Eu e Raquel levantamos e fomos lhe dar um abraço, enquanto continuava a chorar. Quando conseguiu se recompor, contou que estava chorando porque lembrou da morte de um colega que havia se suicidado uma semana antes, saltando do Elevador Lacerda (Pelourinho) – onde este professor da UNEB pretendia desenvolver sua próxima pesquisa. Depois, um orientando do prof. Walter, o prof. Marcos, falou de suas experimentações com o *clown* e recomendou para nós conhecermos a Pedagogia da Bobagem e o grupo de *clowns* Nariz de Cogumelo (<http://www.narizdecogumelo.com.br/>).

Visita ao Pai Gil

Outro importante momento em Salvador foi a visita que fizemos a um terreiro localizado no Bairro da Paz (uma dos mais violentos de Salvador, com toda uma história de lutas pela cidadania), conduzida por pai Gil, padrinho da Umbanda – Gil de Obaluaê. Pai Gil primeiro nos auxiliou em nosso percurso, a pedido do Jacques, trazendo sua perspectiva a respeito dos dados produzidos na pesquisa. Depois atendeu a mim e a Raquel em particular. Segundo ele, meu Orixá é Obaluaê Omolú, seguido de Oxóssi e Xangô, e de Raquel é Oxalá com Iemanjá. Ele sugeriu que tomássemos um banho de mar (ou com sal grosso) e outro de ervas (Manjerição, macaça e água de alevante miúda) com perfume de Alfazema, e acendêssemos uma vela branca de sete dias. As palavras de pai

Gil convergiram em uma direção: Está tudo bem para vocês, sigam em frente! Também comentou que meus caminhos estão abertos, caso queiramos morar em Salvador. No término da consulta, quando saíamos do terreiro, fui presenteado com uma colar de contas de Omolú – branco e preto. Senti-me muito honrado com o presente! Desde então, sempre que sinto necessidade, coloco minha guia e tenho a sensação de estar sendo protegido pelos Orixás. Mais sincronicidades?

Visitando Terra Mirim

Ao nos deslocarmos até Terra Mirim, pegamos dois ônibus e, dessa vez, fossamos ajudados por diversas pessoas que encontrávamos pelas ruas da cidade, enquanto pedíamos informações e tentávamos chegar até lá (Rodovia BA 093, Km 7 – Vale do Itamboata / Simões Filho – BA. <https://www.youtube.com/watch?v=v6j0e-lfBLQ&feature=youtu.be>). Era como se aquelas pessoas que nos ajudaram, em vários pontos do trajeto entre Itapuã e Simões Filho, estivessem empenhadas em nos auxiliar a chegar a Terra Mirim. Um conjunto de estranhas coincidências? Sincronicidades? O único contato com a xamã Alba Maria, importante liderança da *Fundação Terra Mirim Centro de Luz* (que é também uma forma de ecovila, um centro de preservação ambiental em terras ancestrais Tupinambá, com práticas espirituais xamânicas <http://terramirim.org.br/>), foi enquanto escutávamos uma conversa dela com Natan, que participou da pesquisa sociopoética, sobre a *Ayahuasca* cedida para o nosso percurso sociopoético. Aprendemos, com um amigo de Natan chamado Ojuara, ao narrar uma situação vivenciada por ele em Terra Mirim, que não basta fazermos o cultivo orgânico de alimentos, é preciso operar em outra lógica e ultrapassar o paradigma capitalista o que, segundo ele, isto sim é bastante complicado! O rápido contato com Ojuara, Alba

Maria e o prof. José, todos amigos de Natan, foi marcado por um sentimento de estar no aqui e agora, ao nos permitirmos ser guiados pelos fluxos dos acontecimentos.

As leituras recíprocas e a leitura das leituras

Não poderia falar das leituras que fizemos a partir da técnica do “Conto russo” e do “Educador ambiental como boneco” sem expor os acontecimentos acima narrados, isto porque as leituras acontecerem na continuidade de um processo de pesquisa permeado por uma energia sutil (no limiar do inexplicável), que, no meu entendimento, fez fluir sincronisticamente toda nossa estadia na Bahia. Acontecimentos tramados em uma delicada teia que conectou diferentes situações, pessoas diversas, lugares imprevisos, interligando momentos intensos que ficaram guardados em minha memória. As leituras, boa parte feitas a distância, pelo Facebook, pois já havíamos retornado ao Sul, foram ao encontro de algumas questões que até aquele momento me inquietavam na Sociopoética: Qual o peso da fala do facilitador no processo das leituras? O poder de sua fala, enquanto especialista, não determinará de alguma maneira os rumos da contra-análise? Os copesquisadores, basicamente, não estarão apenas confirmando a interpretação do facilitador? Após este, que foi meu primeiro percurso sociopoético (até então conhecia a Sociopoética apenas teórica e conceitualmente), pude constatar, a partir das leituras recíprocas e da leitura das leituras, que o rumo dos acontecimentos caminhou em outra direção. O fato é que aprendi muito com as leituras dos meus dados feitas pelos/as copesquisadores/as, esse processo de elaboração coletiva do conhecimento mostrou-se democrático desde o princípio, sem hierarquias ou burocracias, rico em seu caráter dialógico e em sua multiplicidade de perspectivas.



CLOWN OU CRIANÇA?



NOTA METODOLÓGICA SOBRE ESSA TÉCNICA DE QUESTIONAMENTOS, RESPOSTAS E AUTOTEORIZAÇÃO (JACQUES)

Estamos radicalizando a Sociopoética, na prática de tornar mais leve a distinção entre facilitador/a e copesquisador/a, já que experimentamos cada copesquisador/a, num grupo-pesquisador bem pequeno (7 pessoas, o que parece ser um limite inferior para que possamos falar de interações grupais e de coletivo inteligente) comentar os dados produzidos por 2 demais membros do grupo-pesquisador, e depois, cada pessoa comentar os comentários que recebeu (com a inquietação: *O que aprendi com as leituras de “meus” dados feitas por colegas?*). Torna-se assim cada vez mais uma elaboração coletiva do conhecimento, sem hierarquia alguma, e cada um/a aprende muito dos outros (dos demais que são demais!). Se eu lembrar bem, essa ideia de democratização radical da pesquisa me veio da leitura de quem já? Não lembro... Parece-me ligado ao meu estudo da Gestalt, essa ideia de multiplicar os CONTATOS sem medo, expressando-se sem se interromper e beneficiando-se do contato dos outros. Obviamente e desde seu nascimento age na Sociopoética a Análise Institucional na sua vertente original libertária (Lourau, Lapassade), que desconstrói as hierarquias instituídas.

Também há uma forte influência indígena nesse intercâmbio na igualdade!

... E SOBRE O CONTEÚDO...

O QUE TROUXERAM ESSAS LEITURAS E COMENTÁRIOS DE LEITURAS? PARECE-ME QUE:

- 1) Cada copesquisador/a fala em primeiro lugar de si na sua leitura da história de outrem, mas também encontra, com mais ou menos intensidade, a perspectiva do outro.
- 2) Na leitura da sua própria história feita por outrem, o/a copesquisador/a encontra uma perspectiva nova ou, mais frequentemente, um aprofundamento, uma melhor conscientização ou ainda, precisões sobre coisas que já sabia. Assim falarei de “aprender ou confirmar” entre aspas.
- 3) Detalhada e rapidamente (tentei colocar o mínimo para não sobrecarregar):
 - **Belle-Fleur** “*aprende ou confirma*” com outrem o fato de que uma zona de conforto interna pode ser um obstáculo à solidariedade entre seres vivos.
 - **Pérola Azul** “*aprende ou confirma*” com outrem o fato de que o/a cuidador/a ambiental deve enfrentar o capitalismo e a instituição acadêmica estupradores (quando fechada), assim como lutas íntimas, já que é difícil abrir a concha por causa do medo e da insegurança.
 - **Jezabel Antiga** não participou dessa fase da pesquisa.
 - **Águavi** va “*aprende ou confirma*” com outrem o fato de que cada sombra, no ser, é um tesouro, cuja chave pode ser encontrada, e a importância de olhar os animais que habitam dentro de nós.

- **Rajada de Vento “*aprende ou confirma*” com *outrem*** o fato de que o patriarcado, a colonização e a exclusão significam a perda da arte e da espiritualidade e que, contra isso, é necessário internalizar as energias, forças e formas da natureza.
- **Guzito metamorfoseando-se “*aprende ou confirma*” com *outrem*** o fato de que é preciso uma conquista agressiva e, às vezes, inumana para perceber melhor e transmutar, vivenciando devires múltiplos. Uma terceira visão, intuitiva, dá acesso à complexidade do cuidar ambiental.
- **Semilla “*aprende ou confirma*” com *outrem*** o resgate dos processos da natureza dentro de si, assim como sua harmonização e integração com paciência e delicadeza.

CONCLUSÃO GERAL

Talvez seja isso parcialmente induzido pela técnica de pesquisa escolhida, o “Conto russo”, que possui grande relevância como expressão de uma cultura específica, mas é evidente a presença nos dados de pesquisas (as histórias e discussões em seu redor) do tema da *abertura* ao outro e à Natureza na busca de si. Sabemos que toda cultura é, dentro de certos limites, abertura ao outro, e que não existem identidades fechadas que não interajam com outros e não se constituam em relação a esses outros. Desde a infância, o ser humano, em geral, no brincar, abre-se ao outro e constitui o sentido de si mesmo em interação [ver STERN, Daniel. *Le monde interpersonnel du nourrisson*. Paris: PUF, 1989 – que fala de *laço interpessoal intersubjetivo*]. A humanidade possui a curiosidade de se alterar. Cada ser possui uma alteridade íntima, condição de possibilidade da comunicação e colaboração na busca de suprir suas necessidades e satisfazer seus desejos. O tema do desejo como falta ou até, como na psicanálise, de ligação íntima com a frustração e a Lei do Pai (Lacan) é apenas uma consequência dessa presença consubstancial do outro em nós: a cultura dá regras a essa presença. A depender das culturas, a alteridade pode ter a forma de personagens não humanos, animais e espirituais.

Vimos na pesquisa que o encontro de pessoas de culturas diferentes intensifica essa alteridade em nós, e re-e-

nergiza nossa criatividade. Assim encontramos a *interculturalidade crítica*, na qual a alteridade nos mostra nossas costas, o que não podemos ver sem olhar o olhar do outro, sua perspectiva sobre nós que só pode nos estranhar. A crítica é forte, porque, como mostraram os contos criados na sessão de pesquisa sociopoética, a cultura em que vivemos e que internalizamos é feita de relações de poder e dominação, de silenciamentos, velamentos e dissimulações.

Agora, a presença das medicinas sagradas Ayahuasca e rapé como ajudantes na técnica de produção e de estudo dos dados enfatizou outro aspecto da *abertura* contida em qualquer cultura: a abertura não apenas a outro espaços e povos, mas também a outros tempos, o da Ancestralidade, dos elementos que moram em nós, Terra, Água, Ar e Fogo, e também, na outra direção do tempo, das gerações futuras.

Se a *interculturalidade crítica* enfatiza a percepção das nossas diferenças com a intenção de ter lucidez sobre as relações de dominação e poder invisibilizadas e naturalizadas, dando assim voz aos silenciados e silenciadas, a *transculturalidade* pode ser considerada como dando ênfase ao comum, ao espiritual que nas culturas cria um elo *humanista* dentro de qualquer alteridade. E aprendemos com as culturas indígenas que esse elo não é apenas humanista, mas possui a extensão mesma da vida, principalmente constituída de não humanos (no caso, que foram humanos no tempo das origens). Nossos contos foram cheios de seres não humanos e de metamorfoses entre esses seres. A Natureza está em devir, sempre impermanente nas suas formas, portanto, na base de um fundo sem-forma, vazio e silencioso.

Essa *espiritualidade transcultural* exige disciplinas do corpo, seja pela dança ou pela meditação, seja pelo canto ou pelo silêncio.

No grupo-pesquisador sociopoético, criamos o que Thich Nhat Hahn [**em A arte de viver – paz e liberdade no aqui e agora: Rio de Janeiro: HarperCollins, 2018**] chama de “corpo de *Comunidade*”: qualquer ser humano se socializa dentro de um grupo no qual se procura a escuta mútua. Pertence à essência do ser humano, pelo menos, ter a sensação de “contar para” o outro, assim como, a competência para saber ler as intenções do outro e responder de maneira gratificante (ver Stern, 1989). Uma forma de orgulho, depressão ou submissão individualista, minorando a força do apoio mútuo e a necessidade de um “continente bom” para o acolhimento mútuo, configura-se como obstáculo ao corpo de Comunidade (ver Winnicott, 1975, citado *supra*, para o “continente bom”, e GAUTHIER, Jacques. *Les Écoles Populaire Kanak: une révolution pédagogique? Paris: L’Harmatan, 1996*, para a extensão antropológica do conceito winnicottiano de “espaço transicional” em “espaço-tempo coletivo transicional”, ETCT – explicando o autor – eu! – como gerações colonizadas reaprendem através de escolas populares indígenas a sonhar umas com outras – sonho devastado pelo trauma colonial).

Assim vemos que existe uma ligação ÍNTIMA entre a SANGHA, a comunidade de quem busca o despertar (tornando radical a necessidade humana de apoiar-se no outro) e a VACUIDADE (de existência separada, daquela separação entre os seres intensificada pelo capitalismo/consumismo e pelo desencantamento utilitarista do mundo).

Na Teoria dos Oito Corpos, segundo Thich Nhat Hahn, temos antes desse *corpo de comunidade* (o quarto), o *corpo físico* bem conhecido (1), o que ele chama de *corpo de Buda* (2), não num sentido religioso, mas simplesmente como expressão da nossa compaixão e solidariedade diante dos sofrimentos no universo, e o *corpo de prática espiritual*, pelo

qual nos sentimos ligados, através da ioga, de retiros, da meditação, da reza etc. uns com os outros e pelo qual realizamos a integração do físico, do mental e do espiritual. Após o *corpo de comunidade*, vem o *corpo fora do corpo*, feito do que ingerimos material e culturalmente, e do que expressamos pelas nossas falas, gestos e atitudes (5). Vem em seguida o *corpo de continuação*, que expressa, no tempo, o que o *corpo fora do corpo* expressa no espaço: no caso, a continuação das gerações com as células e intenções dos nossos antepassados que se projetaram em nós, e o que estamos projetando nas gerações a vir.

Pode-se ver que, na nossa pesquisa, o grupo-pesquisador realizou todos esses corpos, o que é raro em pesquisas acadêmicas. Mas ainda mais rara a expressão dos dois últimos corpos na Teoria dos Oito Corpos:

– O *corpo cósmico*. Numa visão ampla inspirada na física quântica, cada célula nossa resume a história do universo, é poeira de estrela. Somos uma onda energética expressando de modo singular a totalidade do oceano da vida e da matéria, e tudo que expressamos volta a esse oceano: é um ciclo de vibrações e transformações. Assim podemos nos metamorfosear, ao nos identificarmos com ondas energéticas alheias, ou ainda, “receber” o que já está em nós: deidades, em estado de transe. O obstáculo encontrado nesse caminho é nosso apego à forma humana, considerada separada, superior e transcendente em relação a outras formas do existir. Nosso orgulho, que hoje em dia pagamos muito caro com o aquecimento global, gerou pensamentos reduzindo a diversidade e a multiplicidade das formas de vida (minerais, vegetais, animais e não encarnadas, do ponto de vista indígena) à forma e ao império do ser humano, assim divinizado. Em nossa pesquisa esse *corpo cósmico* foi onipresente.

– O corpo máximo ou *corpo de Vacuidade*, além das formas, corpo escapando de qualquer tipo de representação, mas que podemos nos representar como o espaço maior, uma xícara vazia capaz de receber qualquer forma, sem fim... O obstáculo à plena consideração desse corpo nosso é o medo da morte e a vontade de sobreviver com a mesma consciência de hoje, seja em reencarnações (geralmente pensadas como melhores!), seja numa forma superior à matéria, ignorando qualquer fim programado como definitivo. Também sofremos de medo do infinito, da potência ilimitada que existe dentro de nós (como em todas as formas de vida)... e não fora! Algo de fundamental está em jogo com este último corpo, importantíssimo nas tradições orientais (budismo, taoísmo) e americanas (sabedoria maia-tolteca), mas esquecido nas tradições judias-cristãs e eurodescendentes. Um corpo sem-forma é um desafio para a imaginação, a faculdade de criar imagens. Mas como acessar ao infinito se permanecermos dentro de uma forma finita? Spinoza e os matemáticos do século XVII respondem que, entre dois pontos de uma linha, há uma infinidade de pontos: o infinito está no finito. Os cabalistas e místicos muçulmanos sufis respondem, diferentemente, que os símbolos são o modo finito de termos acesso a conteúdos de significação infinitos, tais como “os nomes de Deus” etc. Mas nessa perspectiva, sempre se precisa de uma forma para expressar o sem-forma. Aqui, com a aceitação integral do sem-forma, realizamos um pulo: as formas, incluindo, Deus, a Alma e o Mundo, evanescem-se como nuvens sem consistência, ou são devoradas no presente, na presença absoluta ao presente. Os Toltecas expressam esse aspecto devorador da realidade “além do que podemos falar e pensar” nos mitos de Tezcatlipoca, o Jaguar noturno que – com as histórias pequenas e grandes que nós contamos para nós e que fazem nossa ilusória identidade – se ali-

menta do Tempo... e nos cura: somos o Presente, chamado pelos budistas de “vacuidade”, “cosurgimento espontâneo de todos os seres” ou “interser”, como diz Thich Nhat Hahn. De fato, o corpo de Vacuidade é o espaço onde somos o presente (e não apenas “estamos presentes”), onde nós e a força formadora de todos os seres sem exceção, somos Um (eis aí aquilo que Spinoza tocou com seu “terceiro genro de conhecimento”). Alguns (eu entre eles!) chamam este espaço de “coração”, centro vazio e eixo de qualquer acontecimento no nosso existir, centro/eixo nômade, onipresente e imperceptível, onde nos apagamos. Na Tradição indígena Tolteca é um cristal. Com este corpo de Vacuidade, o “eu” recebe realmente seu complemento, o “não eu”, e substituímos na linguagem o pronome “eu” pelo “nós todxs, sem exceção”. Acor damos, dançamos o Universo, fora dos nossos automatismos pequenos, ego, etno- e antropocentrados. Existe uma noite dentro de nós, uma luz que paradoxalmente nos esconde, a noite do Grande Mistério que expressamos, queiramos ou não (e não um Eu superior, que é apenas uma astúcia do ego para continuar sua ação de ilusionista). Vivenciar essa noite é perceber que somos furados, com aquela luz preta que nos atravessa. E o presente é uma grande boca, que devora, lacera e digere o “eu”. Já temos acesso ao Mistério em nós na humildade, quando nos conscientizamos de que “ISSO” sente, pensa, imagina, em nós, atravessando nosso corpo de Vacuidade: o íntimo é impessoal. É assim mesmo que criamos, instante após instante, o ser como não ser e nós como não seres no nosso ser: somos o presente, ou seja, experienciamos o devir-vacuidade. A dificuldade é comer o tempo. Alimentarmo-nos das nossas pequenas histórias, sem culpa, lamentações nem esperanças. Sermos nossas memórias ancestrais e apagarmo-nos nelas, como podemos apagá-las também neste mesmo processo, e com elas, apagar qualquer

forma de ressentimento ou má consciência. É assim que participamos da criação do Universo, fora – e também, dentro de nós: já na observação estamos dentro do quadro – com o observado, dentro de nós. Ou seja: já não estamos. Ou seja? Por favor, continue o raciocínio...

Na nossa pesquisa, nós superamos os obstáculos, que têm geralmente a forma de conflitos interiores e exteriores com o instituído, com a ajuda de outros poderes. A superação traz a completude, ao integrarmos esses poderes libertadores. Por certo, a estrutura do “Conto russo” induziu esse aspecto, mas o que os diálogos evidenciaram dentro do grupo-pesquisador foi a importância para nós de recolher e ressignificar memórias ancestrais para podermos nos alimentar de outro jeito e ampliar nossa rede de relações com a Natureza, e também, com tudo e todos/as que ficam em situação de exclusão, ignorância ou negação pelo instituído.

Com essas memórias pré-uterinas acessamos o fogo escuro da noite em nós, que nos energiza pelas sabedorias dos nossos antepassados, das grandes avós do passado, do futuro e de sempre. Alcançamos aquilo que sempre estava em nós, e se libera principalmente na dança, nos cantos e nos contos: a potência tranquila, transparente como uma lagoa, um espelho de obsidiana, de percorrer todas as formas, a sabedoria do sangue primordial permanente que se configura em 10.000 formas impermanentes, as metamorfoses energéticas nas quais e pelas quais somos artistas, e todos e todas, igualmente, cocriadores do universo. Essas memórias ancestrais são o Inconsciente Coletivo, ou, ainda, a Consciência Cósmica – os nomes e as palavras, nesse nível, não têm importância. O privilégio de quem soube apagar nele as formas, e, com elas, o apego ao “eu” e à forma humana é de poder manusear as formas, vivenciar metamorfoses e se comunicar com todos os seres (no espaço e, o

que esquecemos frequentemente, no tempo) através daquilo que fica constante no evanescer perpétuo: a Vacuidade.

Descansamos assim na matriz translúcida da vida. Durante uma iniciação xamânica dentro da tradição Tolteca ministrada por Don Carlos Jesús Castillejos escrevi este poema ao contemplar o fluido da matriz de onde vêm todas as formas e suas significações para nós humanos:

No início era a transparência
 A transparência era a matriz
 E a matriz é fluidez
 As linhagens são formas de transparência
 São águas vivas que nutrem e abençoam
 São as memórias da sabedoria no vazio infinito
 No silêncio e na transparência
 Da escuridão.
 As formas são transparentes:
 E chamamos de líquido amniótico
 A luz infinita
 Onde nunca acabamos de criar
 Com essas formas
 Nossa consciência.

Ao conscientizar-se dessa vacuidade matricial, o/a cuidador/a ambiental encontra a Quietude e a Responsabilidade, participando ativamente de uma Cultura da Paz, subvertendo as opressões e as negações instituídas. Vêm o canto e a dança naquilo que se constitui como Corpo de Alegria, através da integração e da partilha, na comunidade dos seres vivos, humanos e não humanos. Ao tornarmos flexível o que era rígido ou rigidificado, e, ao nos entregarmos com genuína naturalidade às atrações energéticas da Natureza, apagamos nosso eu machucado no altruísmo incondicional, no encontro com as potências alheias, principalmente as que foram marginalizadas ou negadas pelo Capitalismo Mundial Integrado. Entre essas potências

negadas encontra-se área toda da espiritualidade, nunca separada dos nossos oito corpos.

A dança do Coração e do elo entre os Corações ecoa com a dança das esferas cósmicas, para além do tempo e do espaço.

*Na nossa pesquisa, foram muito presentes as energias de Iansã e, de maneira mais fragmentada, de Exu. São energias da alegria sexual. No ato sexual de amor, tocamos o mar infinito, as águas matriciais, a luz estelar, o espelho de obsidiana (Reich foi pioneiro, dentro da psicologia de tradição eurodescendente, ao entender e valorizar o orgasmo como cura física, psíquica e espiritual – REICH, Wilhelm. **A Função do Orgasmo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004); abrimos o portal do nirvana – pela extinção do eu, da separação e, com eles, do sofrimento. Mas existe uma condição incontornável: não ter medo da entrega total, logo, não reduzir o gozo ao seu próprio bem-estar, não tratar o/a outro/a como ferramenta para se dar prazer. O gozo é entrega e doação sagradas. Ao ressoarmos energeticamente, encontramos-criamos a luz divina, o gozo do universo, o orgasmo cósmico. Tal é o raio de Iansã que rasga nosso Coração, relacionando-nos ao plasma, principal forma da matéria interestelar.*

*Na minha concepção do mundo, existe em cada um/a de nós o Mistério, que, brincando, chamo de “Pequeno Mistério”, redução hologramática do “Grande Mistério”, Deus, o Tao, a Vacuidade, Ain Soph, Luz Ilimitada etc. – de qualquer maneira não tem nome: de modo imanente (contrariamente ao que teorizou Lévinas – LEVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2010), sem nenhuma transcendência da alteridade, já que essa alteridade já está em nós, tocamos o infinito no/a outro/a e no elo entre ele/a e nós, no intuir da sua vulnerabilidade e da sua riqueza. Ao respeitarmos a capacidade de este/a ficar ferido/a, como a respeitamos em nós, podemos abrir a porta, podemos tornar presente o elo,*

o laço, o fio da teia em que todos e todas estamos. E abrir espaço para o aprendizado, na humildade nossa, frente à riqueza de tudo aquilo que o/a outro/a tem, sabe fazer e ser, e que nem sabemos nem podemos.

Nesse momento do aprender, tocamos a luz, e não apenas a energia alheia. Aprendemos não apenas a perceber formas novas, antes inimagináveis, e a integrar conteúdos inéditos, mas também aprendemos comer nosso ego, nossa separação deste/a outro/a. Alimentamos pela nossa devoração e mastigação própria o elo, a teia, a luz. Na vida cotidiana, de maneira bem prática, é uma boa ajuda entender que cada pessoa é uma onda no oceano comum, e funciona como uma onda, com altos e baixos energéticos, com perpétuo movimento, fragmentação, dissolução e renascimento. Isso tira a ilusão da substancialidade do “eu”, do “outro”, do “eu” do outro. Existem apenas elos energéticos, vibrações que se fazem e desfazem, ecoam e desecoam. A conscientização desse fato existencial já é luz, iluminação. Obviamente, as plantas de poder e outras medicinas são as mediadoras e potencializadoras dessa iluminação, além do seu próprio poder de cura – diplomatas do infinito.

Assim, existem dois paradoxos fundamentais da espiritualidade enquanto transculturalidade:

*– Nessa passagem do mundo da matéria e das formas até o mundo energético, e depois, do mundo energético àquilo que os budistas chamam de “Clara Luz” [ver **KHENCHEN THRANGU RIMPOCHÊ. O ornamento da clara realização (o Abhisamayalamkara de Buda Maitreya): O guia dos bodisatvas. Porto Alegre: Bodigaya, 2009**], tudo vivencia um devir, onde tudo é percebido, ao mesmo tempo, como luz e como disfarce da luz. A própria vibração energética, sentida na nossa pele, carne e nervos, é disfarce da luz. E ainda mais é máscara, a massa material das formas e identidades definidas, acabadas, “perfeitas” na sua adequação a si próprias. O sonho,*

no sono e na vigília, pode nos dar essa compreensão. Vale a pena vivenciarmos metamorfoses energéticas, para experienciarmos a passagem da energia à luz, da Força formadora à Vacuidade. Eis o saber oculto do Sorriso das Águas fundas do Lago que nos ensinam as plantas de poder.

– O segundo paradoxo é que observar, ficar atento/a na plena presença é criar. E como tudo está, hologramaticamente, dentro de mim, estou me criando, assim como estou criando o cosmo, na mera observação. Estou dentro daquilo que estou observando, que está dentro de mim. Não se pode escapar dessa vertigem. Por essa razão, é melhor silenciar. Aprender a perceber é voltar ao útero das Grandes Mães, e ao “além do útero”, na luz preta que nos esconde e revela, ao mesmo tempo.

Decolonizar e contracolonizar a pesquisa, a filosofia e o pensar, na superação do racionalismo e das prepotentes pretensões da eurodescendência que perdeu o sentido da ancestralidade... O próprio perspectivismo inspirado nas cosmovisões indígenas e tal como teorizado por Viveiros de Castro – **VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac Naify, 2013** – traz visões energéticas que pararam no meio do caminho (no meio do Tao, dizem os velhos chineses), pois, no fundo sem fundo das perspectivas (expressas por cada espécie e cada atualização individualizada no seio das diferentes espécies), há a ausência de perspectiva. Cada “eu” está acompanhado por um “não eu”, cada forma, humana e não humana é a sombra visível e finita do sem-forma invisível e infinito. O arco-íris é uma luz preta, a expressão da matriz cósmica que pode ser chamada de “Coração”, afeto, amor e liberdade. Só através da nossa caotização e do nosso desmembramento orgástico podemos nos abrir sobre o virtual, com seu poder de atualizações infinitamente diferenciadas e diferenciadoras. Na caotização, pertencemos e participamos da cocriação mútua, de nós, dos elos e do universo no dentro/fora de nós.

Os agnósticos e ateus podem compartilhar esse saber e sabedoria, presentes nas tradições maia-tolteca, budista e taoísta. Com efeito, a física quântica encontra ligações não lineares, que se situam além dos limites espaço-temporais: ondas-partículas memorizam sua interdependência genérica e genuína, e podemos, sem medo de errar (e ser felizes!), ampliar essa memória às interligações entre todos os seres sem exceção.

É na prática do amor como bondade, compaixão, alegria e equanimidade que tocamos intimamente o Mistério, grande e pequeno, e saímos dos condicionamentos kármicos. Queimamos as memórias ancestrais, assim como as paradoxais memórias em nós das formas e energias por vir, ainda não atualizadas. Há os devires, e também, os porvires.

O cuidar das Mães Ancestrais, do Grande Útero da Terra, torna-se nossa responsabilidade matrística, como diz Maturana. O que chamamos de “consciência” inexistente fora do momento iluminado da conscientização dessa Clara Luz, ativa em nós desde sempre.

*Vivemos dentro de uma Máquina de Paz. Uma máquina, como experimentamos na nossa pesquisa, **energética**. As guerras de devoração são a espreita da Luz: todas nossas histórias pessoais alimentam essa luz e são boas, radical e definitivamente boas, no Esplendor. Perceber em perspectivas alheias intenções, boas ou ruins – como faz a criança pequena desde cedo – é uma educação à superação futura, dentro da nossa responsabilidade adulta, de toda e qualquer perspectiva e intenção. “Eu” sou apenas o sujeito gramatical que diz “Eu”; e no mundo das formas fica uma chamada que me qualifica como “eu”, a partir de intenções outras dos/as outros/as: tudo isso é ilusão. O que me chama, na verdade, é o Mistério, o desconhecido e incognoscível, o vazio de intenção e perspectiva que podemos chamar de “Intento”, ou de “Agir pelo não agir”, Wu Wei na tradição taoísta.*

Nos grupos-pesquisadores sociopoéticos age sem agir a regulação natural do coletivo sensível e inteligente. Como experimentamos na nossa pesquisa, é na igualdade fora de qualquer hierarquia que se revelam e expressam a diferença e a originalidade, a criatividade de cada um/a, coautor/a, não apenas da pesquisa, mas também de si mesmo/a e do cosmo. O grupo-pesquisador torna-se o eixo vazio de qualquer movimento e criação energética de problemas, confetos, intuitetos e personagens conceituais – e outros produtos do nosso devir-va-cuidade compartilhado. Cocriamos um umbigo, com sua placenta que nos nutre e enraíza nas memórias da ancestralidade, transmutadas em luz: somos o presente, presente.

Diante da pressa da eficiência e rentabilidade, comemos o Tempo, somos os homens/mulheres lentxs, capoeiristas angoleiros/as de nós, abertos/abertas até a raiz das nossas raízes, até a Vacuidade. Somos o perfume do existir e contamos/cantamos, e dançamos nossas histórias transmutadas em instantes criadores. O perfume é o eu/não eu na sua dinâmica colorida até a extinção de qualquer cor. Somos as memórias contadas pelo perfume, macerações de rizomas, flores, e sementes de estrelas. Somos a Criança e a Flor, a Criança-Flor, um florescer, um criar.

Tentei resumir essas considerações no confeto (conceito/afeto) de “ÁICAÍRQ da consciência”: **Afeto/Atenção, Intensificação, Caotização, Ampliação, Integração/Inclusão, Recolhimento, Quietude.** Fica em aberto.



AYAHUASCA PLANTA - MARIRI E CHACRONA





DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a correção gramatical e estilística do livro intitulado **A Borboleta Cuidamor Ambiental: uma Pesquisa Sociopoética Herética com Medicinas Indígenas e Leitura de Inspiração Guarani dos Dados de Pesquisa**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

Teresina-PI, 12 de agosto de 2021.

Maria da Conceição de Souza Santos
 Maria da Conceição de Souza Santos



DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização do livro intitulado **A Borboleta Cuidamor Ambiental: uma Pesquisa Sociopoética Herética com Medicinas Indígenas e Leitura de Inspiração Guarani dos Dados de Pesquisa**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Teresina-PI, 12 de agosto de 2021.

Maria da Conceição de Souza Santos
 Maria da Conceição de Souza Santos

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil: breve contextualização histórica*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964: novos e velhos atores na luta pela anistia*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (org.). *Educação e saúde: um olhar interdisciplinar*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (org.). *Golpe de 1964: história, geopolítica e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Capoeira no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (org.). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a socio-poética*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (org.). *Ensino de História na educação básica: reflexões, fontes e linguagens*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.
12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (org.). *Entre o derreter e o enferrujar: os desafios da educação e da formação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.). *Cultura, sociedade e educação brasileira: teceduras e interfaces possíveis*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.

14. PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.
16. LEITE, Raimundo Hélio (org.). *Avaliação: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Denys Leite (org.). *Lições do projeto um computador por aluno: estudos e pesquisas no contexto da escola pública*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (org.). *Juventudes e políticas públicas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade*. EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (org.). *Contratualismo, política e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
25. XAVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Administração pública: desafios contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.
26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.

27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.
28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (org.). *Ensino & linguagens da História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.
29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (org.). *Economia, políticas sociais e educação: tecendo diálogos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.
32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (org.). *Polifonia em juventudes*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Júlio Wilson (org.). *Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (org.). *Vidas em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
36. MALOMALO, Bas'Illele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (org.). *Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infrator" no Brasil: breve contextualização histórica*. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (org.). *Formação de professores: pesquisas, experiências e reflexões*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (org.). *A democratização da gestão educacional: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.
40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (org.). *Estudos em educação: formação, gestão e prática docente*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.

41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (org.). *História, políticas públicas e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.
42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979)*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.
43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.
44. PORTO, José Hélcio Alves. *Escritos: do hoje & sempre poesias para todos momentos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.
45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRANDBURG, Cristine (org.). *Educação, memórias e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.
46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (org.). *Juventudes em debate*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.
47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAINAC, Mônica Duarte (org.). *Educação em debate: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.
48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (org.). *As voltas da avaliação educacional em múltiplos caminhos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.
49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (org.). *Ensino médio: políticas educacionais, diversidades, contextos locais*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.
50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charlton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (org.). *Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.
51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.
51. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (Org.). *Serviço Social: uma profissão, distintos olhares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 278 p. ISBN: 978-85-7826-478-9.
52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva (org.). *História, memória e narrativas biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.
53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (org.). *Memórias escolares: quebrando o silêncio...* Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.
54. CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.

55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (org.). *Docência e formação: percursos e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN: 978-85-7826-551-9.
56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço da (org.). *Avaliação educacional: estudos e práticas institucionais de políticas de eficácia*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda (org.). *Avaliação da aprendizagem: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-85-7826-553-3.
58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinaridades: aproximações com o contexto escolar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-560-01.
59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.
60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-562-5.
62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.
63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação: afetos e (trans)formações*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.
64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (org.). *Costurando histórias: conceitos, cartas e contos*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da; SILVA, Jáderon Cavalcante da (org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (org.). *Pesquisa em Rede: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.
68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Seguro-Desemprego: estudo de caso*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camila Saraiva de (org.). *Pesquisas educacionais: abordagens teórico-metodológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.

70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (org.). *Entrelugares: Tecidos Sociopoéticos em Revista*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. ISBN: 978-85-7826-628-8.
71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazantinha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (E-book).
73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (E-book).
75. SILVA, Kricia de Sousa. “*Manobras*” *sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.
76. SILVA, Kricia de Sousa. “*Manobras*” *sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (E-book).
77. VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. *Entre acordes das relações de gênero: a Orquestra Jovem da Escola “Padre Luis de Castro Brasileiro” em União-Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 247 p. ISBN: 978-85-7826-647-9.
78. XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Autores). *História, memória e educação: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p. ISBN: 978-85-7826-648-6.
79. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-654-7.
80. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica: experiências de pesquisas*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-653-0 (E-book).
81. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-651-6.
82. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-652-3 (E-book).
83. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-650-9.
84. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-649-3 (E-book).

85. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-664-6.
86. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-662-2 (E-book).
87. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Gênero e cultura: questões políticas, históricas e educacionais*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 281 p. ISBN: 978-85-7826-673-8.
88. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
89. DAMASCENO, MARIA NOBRE. *Lições da Pedagogia de Jesus: amor, ensino e justiça*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 119 p. ISBN: 978-85-7826-689-9.
90. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-690-5.
91. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito: tradições em diálogo*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-691-2 (E-book).
92. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Autores). *Tudo azul com dona Neuza: Poder e Disputa Local em 1968*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 141 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
93. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-671-4 (E-book).
94. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-702-5.
95. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-703-2 (E-book).
96. LEITINHO, Meirecele Caliope; DIAS, Ana Maria Iorio (org.). *Discutindo o pensamento curricular: processos formativos*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 203 p. ISBN: 978-85-7826-701-8.
97. BEZERRA, Milena de Holanda Oliveira; GADELHA, Raimunda Rosilene Magalhães; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos; FERREIRA, Paulo Jorge de Oliveira (org.). *Educação e saúde: vivendo e trocando experiências no Programa de Educação pelo Trabalho (PET)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 233 p. ISBN: 978-85-7826-713-1 (E-book).
98. SUCUPIRA, Tânia Gorayeb; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO; Lia Machado Fiuza. *Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 151 p. ISBN: 978-85-7826-687-5.

99. RIBEIRO, Luis Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Debates em História da Educação e Formação de Professores: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 300 p. ISBN: 978-85-7826-724-7 (E-book).
100. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da (org.). *Práticas de ensino: semeando produções científicas parceiras*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 179 p. ISBN: 978-85-7826-725-4.
101. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Exercício da escrita (auto) biográfica*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 398 p. ISBN: 978-85-7826-723-0 (E-book).
102. SILVA; Adryel Vieira Caetano da; NASCIMENTO; Jordana Marjorie Barbosa do; VIEIRA, Livia Moreira Lima; LOPES, Thaynara Ferreira; CARVALHO, Rhanna Emanuela Fontenele Lima de (org.). *25 Anos de PET Enfermagem: uma trajetória de pesquisa, conhecimento e promoção de saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 215 p. ISBN: 978-85-7826-745-2 (E-book).
103. SILVA, Maria do Socorro Borges da. *De “mulher-maravilha” a “cidadão persi”*: professoras capulana do educar em direitos humanos. Fortaleza: EdUECE, 2019. 109 p. ISBN: 978-85-7826-753-7.
104. COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (org.). *Círculo de cultura sociopoético: diálogos com Paulo Freire sempre!*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 190 p. ISBN: 978-85-7826-741-4 (E-book).
105. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p.
106. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-774-2.
107. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-775-9 (E-book).
108. LEITE, Luciana de Lima Lopes. *Ocupar é reexistir! Práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações do coletivo ocupArthe, em Teresina (2014)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 266 p. ISBN: 978-85-7826-779-7 (E-book).
109. GOMES, Wagner. *Ensino de História e interdisciplinaridade: reflexões epistemológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 185 p. ISBN: 979-65-86445-00-8. (E-book).
110. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p. ISBN: 978-65-86445-05-3. (E-book).

111. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenias Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 411 p. ISBN: 978-65-86445-01-5.
112. NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). *Paisagens da história da educação: memórias, imprensa e literatura*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 216 p. ISBN: 978-65-86445-07-7.
113. MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Arte, docência e práticas educativas: experiências e contextos*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 656 p. ISBN: 978-65-86445-25-1. (E-book).
114. SILVA, Maria do Socorro Borges da; FARIAS, Emerson de Souza. *Educação e direitos humanos de crianças e adolescentes*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 110 p. ISBN: 978-65-86445-29-9 (E-book).
115. VIANA, Patrícia Ferreira de Sousa; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *A sociopoética como inovação metodológica na pesquisa em saúde bucal coletiva, com jovens em formação*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 186 p. ISBN: 978-65-86445-34-3. (E-book).
116. OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho (org.). *Narrativas autobiográficas e religiosidade*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 421 p. ISBN: 978-65-86445-43-5. (E-book).
117. ARAÚJO, Conceição de Maria Sousa. *Ensinar e aprender filosofia numa perspectiva ética*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 236 p. ISBN: 978-65-86445-48-0. (E-book).
118. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-55-8 (E-book).
119. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-51-0.
120. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'arc de Sousa; BRITO, Antônia Edna. *Práticas educativas: múltiplas experiências em educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 558 p. ISBN: 978-65-86445-62-6 (E-book).
121. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Formação e experiências docentes: práticas pedagógicas em diferentes contextos e cenários: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 475 p. ISBN: 978-65-86445-70-1 (E-book).
122. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2021. 277 p. ISBN: 978-65-86445-69-5. (E-book).

123. SILVA, Hebelyanne Pimentel da. *Uma década de prosa: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959)*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 289 p. ISBN: 978-65-86445-71-8. (E-book).
124. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-79-4. (E-book).
125. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-80-0.
126. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. ISBN: 978-65-86445-88-6.
127. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. ISBN: 978-65-86445-89-3 (E-book).
128. CARVALHO, Scarlet O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro: uma vida dedicada à educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 166 p. ISBN: 978-65-86445-95-4. (E-book).
129. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-65-86445-98-5. (E-book).
130. SOUZA, Antoniele Silvana de Melo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Donêta Leite: biografia de uma educadora religiosa*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 207 p. ISBN: 978-65-86445-96-1 (E-book).
131. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenias Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (Org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 411 p. ISBN: 978-65-86445-97-8. (E-book).
132. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisângela André da Silva; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Pesquisa educacional: tecituras colaborativas na pós-graduação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 200 p. ISBN: 978-65-86445-99-2.
133. SILVA, Gustavo Augusto Fonseca. *Por uma educação linguística libertadora: os estudos gramaticais no ensino básico à luz da pedagogia de Paulo Freire*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 176 p. ISBN: 978-85-7826-788-9 (E-book).
134. FREIRE, Vitória Cherida Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Maria Luiza Fontenele: formação educacional e política*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 212 p. ISBN: 978-85-7826-790-2 (E-book).
135. XAVIER, Antônio Roberto; KANIKADAN, Andrea Yumi Sugishita; SOUSA, José Weyne de Freitas (org.). *Planejamento, políticas públicas e gestão sustentável: demandas sociais contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 176 p. ISBN: 978-85-7826-787-2 (E-book).

136. XAVIER, Antônio Roberto; SANTOS, José Cleilson de Paiva dos; SILVA, Ana Maria Alves da (org.). *Saberes tradicionais, políticas e ações sustentáveis: múltiplos atores, diversas abordagens*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 229 p. ISBN: 978-85-7826-786-5 (E-book).
137. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-85-7826-796-4.
138. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro: uma vida dedicada à educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 164 p. ISBN: 978-85-7826-795-7.
139. GAUTHIER, Jacques; AMARAL, Augusto Luís Medeiros; AMARAL, Raquel Ávila; ARAÚJO, Natan; GAUTHIER, Maria do Rosário da Soledade; STEIN, Yanée Maudia. *A borboleta cuidamor ambiental: uma pesquisa sociopoética herética com medicinas indígenas e leitura de inspiração guarani dos dados de pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 248 p. ISBN: 978-85-7826-792-6 (E-book).